



**RAFAEL SILVA**

**A EXPANSÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR PARA ALÉM DOS  
MUROS DA ESCOLA: UM ESTUDO NETNOGRÁFICO**

**LAVRAS-MG**

**2021**

**RAFAEL SILVA**

**A EXPANSÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR PARA ALÉM DOS  
MUROS DA ESCOLA: UM ESTUDO NETNOGRÁFICO**

Dissertação apresentada à Universidade federal de Lavras, como parte da exigência do Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração Desenvolvimento profissional docente, práticas pedagógicas e inovação, para a obtenção do título de Mestre.

**Orientador:** Dr. Cláudio Lúcio Mendes

**LAVRAS-MG**

**2021**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca  
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Silva, Rafael.

A expansão do currículo escolar para além dos muros da  
escola: Um estudo netnográfico. / Rafael Silva. - 2021.

113 p.

Orientador(a): Cláudio Lúcio Mendes.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de  
Lavras, 2021.

Bibliografia.

1. Cibercultura. 2. Netnografia. 3. Netnografia ética. I. Mendes,  
Cláudio Lúcio. II. Título.

**RAFAEL SILVA**

**A EXPANSÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: UM ESTUDO NETNOGRÁFICO**

**THE EXPANSION OF THE SCHOOL CURRICULUM BEYOND SCHOOL WALLS: A NETNOGRAPHIC STUDY**

Dissertação apresentada à Universidade federal de Lavras, como parte da exigência do Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração Desenvolvimento profissional docente, práticas pedagógicas e inovação, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 29 de novembro de 2021.

DR. Warley Ferreira Sahb – UFLA

DR. Breyner R. Oliveira – UFOP

Prof. Dr. Cláudio Lúcio Mendes



Orientador

**LAVRAS-MG**

**2021**

Ao seu Messias e a dona Celi que tanto lutaram e tanto me ensinaram. São minha fonte de orgulho e inspiração e sem eles nada disso teria sentido. Dedico essa dissertação de mestrado.

## AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais pelo apoio incondicional em todas as etapas da minha vida, não apenas pelo afeto ou pelo suporte financeiro, mas por acreditar em situações que muitas vezes nem eu mesmo acreditava. Agradeço aos amigos de longa data que pude reencontrar na cidade de Lavras. Essas pessoas foram grande ponto de referência nessa nova etapa que enfrentei. Aos amigos que fiz durante esse processo e que tenho de citá-los nominalmente: Diogo, Tiene e a tia Lets. Vocês fizeram todo o programa ser mais leve com as piadas e com os vários cafés, e não esquecendo aquele apoio no bom e velho "sambarilove". Ainda na cidade de Lavras, as pessoas que me acolheram durante o ano que estivermos presenciais: Ana, Dennis, Thaís e Fernando; além das duas joias da casa: a Summer e a Luna. Agradeço também ao professor Cláudio, um orientador que vai além da figura clássica de orientador. Sem ele não conseguiria enxergar o que enxergo hoje em pesquisa na educação. Seus puxões de orelha, os mil textos para resenhar e corrigir, as idas e vindas da dissertação e, muitas vezes quase desenhando, a paciência para me explicar o óbvio. Por fim gostaria de agradecer aos meus amigos e amigas de Varginha, que tiveram a paciência e compreenderam o sumiço em horas das mais complicadas. Sem eles tudo isso ia ser mais difícil. Gostaria de deixar uma homenagem a todas as pessoas que perderam alguém durante a pandemia do covid-19, principalmente por causa de um governo mais parecido com mercadores da morte. Para vocês presto minhas humildes homenagens.

## RESUMO

Na contemporaneidade, a troca de informações está cada vez mais rápida e cada vez mais comum para parte de nossa sociedade. Os aspectos culturais, antes apenas vistos nas relações físicas, passaram a ser produzidos e reproduzidos nos meios digitais. Vemos emergir, derivado do ciberespaço, a cibercultura. Neste trabalho, consideraremos as relações em que a cibercultura estabelece com os agentes escolares, os professores e alunos, e como isso pode ser utilizado para a obtenção ou o aprofundamento do conhecimento. Além disso, a ideia principal é ver como, fora do ambiente escolar, o alunado pode expandir o currículo escolar. Para tanto, fazemos o uso da netnografia, com uma atenção fundamental nos princípios éticos para a realização desta pesquisa, unicamente nos meios digitais. Como parte integrante da metodologia, utilizamos a revisão bibliográfica como ferramenta articuladora com os resultados obtidos pela pesquisa. Outra ferramenta utilizada foi o diário de pesquisa, e nele contém os caminhos que percorremos, juntamente com as dúvidas e pensamentos para a análise dos dados. A pesquisa foi concluída com a coleta e análise de dados dos questionários netnográficos e das entrevistas em grupos focais. Articulamos os resultados com conceitos fundamentais que permearam a nossa pesquisa como a cibercultura, o debate sobre currículo e tecnologia, as metodologias ativas e o ensino híbrido. O resultado oferece um entendimento mais claro da subcomunidade pesquisada acerca do aprendizado além da sala de aula. Além de mostrar a potencialidade da netnografia como uma ferramenta importante na pesquisa em comunidades escolares.

**Palavras-chave:** Cibercultura. Formação do docente. Etnografia. Netnografia ética.

## **ABSTRACT**

Nowadays, the exchange of information is faster and more common for part of our society. Cultural aspects, previously only seen in physical relationships, started to be produced and reproduced in digital media. We see emerging, derived from cyberspace, cyberculture. In this work, we will consider the relationships cyberculture establishes with school agents, teachers and students, and how this can be used to obtain or deepen knowledge. Furthermore, the main idea is to see how, outside the school environment, students can expand the school curriculum. Therefore, we make use of netnography, with a fundamental attention to ethical principles for carrying out this research, solely in digital media. As an integral part of the methodology, we used the literature review as a tool to articulate the results obtained by the research. Another tool used was the research diary, and it contains the paths we followed, along with doubts and thoughts for data analysis. The research was concluded with the collection and analysis of data from netnographic questionnaires and focus group interviews. We articulate the results with fundamental concepts that permeated our research, such as cyberculture, the debate on curriculum and technology, active methodologies and hybrid teaching. The result offers a clearer understanding of the researched subcommunity about learning beyond the classroom. In addition to showing the potential of netnography as an important research tool in school communities.

**Keywords:** Cyberculture. Teacher training. Netnography. Ethical netnography.



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Em relação a conexão de Internet, em sua residência é feita por: .....	40
Gráfico 2- A capacidade de transmissão da Internet, em sua residência, suporta a utilização ao mesmo tempo de todos os membros da sua família? .....	41
Gráfico 3- Qual a velocidade contratada da Internet em sua residência? .....	44
Gráfico 4- Em sua residência existem quantos dispositivos digitais (celulares, computadores, tablets, kindle, etc)? .....	45
Gráfico 5- Por qual, ou quais, dispositivos digitais você tem acesso à Internet em sua residência? Você pode marcar mais de uma opção se houver .....	45
Gráfico 6- Quanto tempo, em média, você passa navegando na Internet por dia?.....	46
Gráfico 7- No seu tempo de lazer, você utiliza mais frequentemente a Internet para acessar:.....	48
Gráfico 8- Quando está estudando, você utiliza: .....	48
Gráfico 9- As ferramentas digitais ofertadas pela instituição de ensino colaboram para o seu aprendizado? .....	51
Gráfico 10- É possível acessar essas ferramentas digitais com facilidade dentro do ambiente escolar? .....	51
Gráfico 11- As ferramentas digitais ofertadas são de fácil acesso? .....	52
Gráfico 12- As ferramentas digitais possibilitam uma rápida interação entre seus membros on-line (os professores, outros alunos e a coordenação)? .....	54
Gráfico 13- Você considera que as ferramentas digitais ofertadas pela instituição são bem empregadas para o ensino? .....	55
Gráfico 14- Como você percebe o domínio das tecnologias digitais (computadores, celulares, facilidade na oferta de conteúdos on-line) pelos seus professores?.....	60
Gráfico 15- Em relação às ferramentas digitais ofertadas pela instituição de ensino, seus professores.....	61
Gráfico 16- Você percebe preparo do corpo docente para a utilização dessas ferramentas?.....	61
Gráfico 17- Dentro das ferramentas digitais, os professores interagem de forma rápida com os alunos?.....	62
Gráfico 18- O conteúdo publicado pelos professores (atividades, resoluções, vídeos, materiais de aula) via ferramentas digitais atendem as suas necessidades?.....	63
Gráfico 19- Seus pais ou responsáveis consideram o uso das ferramentas digitais como.....	68

Gráfico 20- Seus pais têm conhecimento ou prática no uso dessas ferramentas digitais?.....	69
Gráfico 21- Como seus pais consideram o trabalho do professor com as ferramentas digitais?.....	70
Gráfico 22- Na avaliação de seus pais, a instituição prioriza as ferramentas digitais adequadas para o ensino?.....	71
Gráfico 23 – Seus pais acompanham o seu processo de aprendizado nas plataformas digitais?.....	72

## Sumário

1. INTRODUÇÃO .....	12
2. A NETNOGRAFIA: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS .....	17
2.1 A netnografia como método .....	19
2.2 Alguns registros do diário de campo .....	25
3. A POTÊNCIA DA NETNOGRAFIA NA CIBERCULTURA .....	30
4. O CURRÍCULO, O ALUNADO E SUAS EXPERIÊNCIAS ON-LINE NA PANDEMIA .....	39
4.1 Como o alunado expande o currículo escolar? .....	39
4.2 Como o alunado usa as ferramentas digitais? .....	42
4.3 Como o alunado usa e vê as ferramentas digitais empregadas/disponibilizadas pela escola?.....	49
5. A TECNOLOGIA, O PROFESSOR E OS PAIS: A VISÃO DO ALUNADO.....	57
5.1 Como o alunado vê o emprego das tecnologias digitais pelos docentes?.....	57
5.2 Como os responsáveis interpretam o uso das ferramentas, o trabalho do professor e o trabalho da escola com as tecnologias digitais?.....	66
6. CONCLUSÃO .....	80
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	84
8. ANEXOS.....	92
8.1 ANEXO A.....	92
8.2 ANEXO B.....	95
8.3 ANEXO C.....	97
8.4 ANEXO D.....	100
8.5 ANEXO E .....	101
8.6 ANEXO F .....	106
8.7 ANEXO G.....	112

## 1. INTRODUÇÃO

Ao pensarmos a respeito de algumas previsões dos anos 80 sobre o que se tornaria a Internet e as tecnologias digitais, a maioria das pessoas não imaginava a dimensão que elas tomariam, fazendo parte de diversas atividades cotidianas. Há uma grande variedade de utilização para diversos segmentos profissionais, lazer ou simples buscas de informação. A realidade que nos coloca é que essas ferramentas fazem parte do nosso dia a dia, como a TV fez há décadas.

A popularização de artefatos tecnológicos como computadores pessoais e os celulares Smartphones possibilitou uma maior introdução de indivíduos nesse universo digital. É muito comum andar por ambientes sociais e nos depararmos com cenas em que as pessoas estão constantemente com olhares atentos em seus celulares ou tablets, tirando fotos e escutando músicas. O que antes poderia ser visto em grandes capitais de países desenvolvidos, hoje espalhou-se para todo o globo. Com globalização dos dispositivos digitais, o acesso aos conteúdos disponíveis na Internet pôde ser feito tanto em casa quanto no trabalho e, até mesmo, em ambientes, como o escolar, onde que a sua introdução já vinha sendo pensada e repensada há algumas décadas. A Internet trouxe, como consequência, grandes mudanças nas formas pelas quais a sociedade passou a se organiza, repensando a importância, o papel e a distribuição do conhecimento e da informação.

Lembro, que nesse aspecto, no início dos anos 2000, quando ingressei na universidade para cursar história, não havia um aparato tecnológico adequado para suprir as demandas dos Estudantes em suas pesquisas em rede. A biblioteca era um espaço primário para as buscas. O papel e a caneta eram umas ferramentas usuais dentro da sala de aula. Após formado, ingressei como professor em uma instituição de ensino em minha cidade e lá pude perceber que a relação com a tecnologia digital era muito mais próxima daquilo que tinha quando estudava na universidade. Todos os sistemas de notas, faltas e planejamentos de ensino eram colocados on-line e acessíveis a qualquer pessoa. Esse tipo de relação sempre me causou profundas reflexões ao pensar qual foi, é e será o impacto das tecnologias digitais no processo de aprendizado dos alunos e das alunas. Tais reflexões me encaminharam para estudos na pós-graduação *Stricto Sensu*. Com esse pensamento, tentei a prova no Mestrado Profissional em Educação da UFLA e ingressei como mestrando no primeiro semestre de 2019.

Logo nas primeiras aulas percebi que o aluno que era na graduação modificou-se profundamente. O uso de papel e caneta foi abandonado e passei a levar comigo meu

computador pessoal e o celular, ambos constantemente conectados na Internet. As leituras e as falas dos professores e professoras eram registradas no computador, facilitando para mim o entendimento, a diagramação e a organização de meus estudos. No decorrer dos estudos, com as reuniões com o orientador, com o interesse em aprofundar nas pesquisas sobre o universo digital, entendendo melhor as maneiras pelas quais as informações circulam nesse meio e como elas se constituem, uma configuração sobre o tema e a abordagem do que iria estudar começou a tomar forma. Pude, então, perceber, com base em uma noção de cibercultura, como as tecnologias digitais e suas ferramentas podem e estão interferindo diretamente no processo educativo, agora como um “aprendiz de feiticheiro”.

A partir de então, comecei a refletir como poderíamos entender a maneira que a cibercultura influencia no processo de aprendizado dos alunos e das alunas. Em reuniões com o orientador, foi-me indicado uma metodologia que poderia tentar solucionar a dúvida que havia: como os estudantes podem ir além dos conteúdos que são tratados no espaço escolar. Com o estudo dessa metodologia pude entender que os caminhos para pesquisa na Internet são variados e muito frutíferos e que, ao aplicar em um ambiente escolar, podemos obter resultados satisfatórios na coleta de dados e em suas futuras análises. Pensando sobre a escola e a maneira como os estudantes podem ou não fazer essa expansão do currículo escolar para além das paredes da escola, dois questionamentos me causaram um grande desconforto: 1) para que serve a escola? 2) será que a escola se tornou obsoleta (SIBILIA, 2012)?

Com base na leitura do livro *Redes ou paredes*, pude entender que a escola sempre foi considerada uma tecnologia de época, pautada em uma missão civilizatória, tendo a força do Estado como balizadora de um tipo de subjetividade a enformar alunos e alunas. Na visão da autora, esse tipo de subjetivação parece perder força com a chegada da contemporaneidade, especialmente com a repercussão dos meios de comunicação, principalmente os digitais, em uma sociedade pautada na lógica do mercado globalizado (SIBILIA, 2012).

Quando novamente olho para nossa sociedade, percebo que o discurso neoliberal tomou conta do pensamento educacional, valorizando singularidades individuais e promovendo um “eu” afastado de uma organização comunal, no qual pensamentos, direitos e deveres, por princípios, seriam coletivos (SIBILIA, 2012). Esse pensamento coloca a educação formal, historicamente com um cunho social e coletivo, em rota de colisão com as vocações individuais, muitas delas promovidas pelas tecnologias digitais e suas ferramentas, se pautando em diferenciações não só entre classes sociais, mas, especialmente, entre indivíduos (MENDES; EVANGELISTA, no prelo).

Nesse pensamento, Sibilia (2012) coloca que os dispositivos eletrônicos são agentes catalisadores das alterações que vemos nos dias de hoje. Eles moldam corpos e subjetividades na velocidade em que o mercado exige. Os alunos, então, enfrentam a maquinaria escolar – constituída com moldes e preceitos seculares –, contrastando com o tipo de relação que possuem com contextos digitais contemporâneos. Nesse ambiente digital, Castells (2005) indica que temos um mundo em constantes transformações e com profundas rupturas em suas relações. Assim, considera que essas alterações têm como ponto de aparecimento os anos 60, com o surgimento e a expansão da microeletrônica e com a difusão inicial das tecnologias de informação e comunicação. Diante disso, a propagação dessas novas tecnologias, e os ambientes transformados por ela, possibilita a emergência, ou simplesmente a evidência de uma nova maneira em que as sociedades passam a se organizar em forma de redes. Nessa conjuntura de trocas rápidas e instantâneas de informação, torna-se necessário refletir sobre a terminologia postulada de que vivemos em uma sociedade do conhecimento, sendo que todas as organizações humanas tiveram sua forma de obter e distribuir conhecimento e informação (CASTELLS, 2005). Dessa forma, a pesquisa foi pensada tendo como objetivo entender os processos educacionais ligados à aprendizagem escolar, no contexto da cibercultura, buscando entender como o alunado de hoje pode se apropriar das ferramentas digitais e da Internet para aprender, utilizando uma metodologia própria para isso em ambientes digitais: a netnografia.

Diante do entendimento da relação constante que os estudantes possuem com os artefatos tecnológicos, temos como objetivos específicos:

- Apontar os possíveis usos de processos ciberculturais para a educação.
- Entender como um grupo específico de alunos entende e faz uso de ferramentas digitais para aprender em seu cotidiano fora da escola.
- Criar questionários e espaços virtuais para analisar tais grupos.
- Demonstrar os resultados da pesquisa, com base nos dados analisados.

Com esses objetivos, buscamos entender como o alunado de hoje pode se apropriar das ferramentas digitais e da Internet para aprender, levando em conta que estão envolvidos no e com o currículo escolar, levando em conta o momento de pandemia e isolamento social.

Para isso, descrevendo a pesquisa realizada, no próximo capítulo apresentamos a netnografia como metodologia de estudo, levando em conta que o/a espaço/momento/ferramenta no qual/na qual o contato com o objeto de pesquisa se faz é essencialmente o digital. Descrevemos os motivos para a sua escolha, principalmente para analisar o ambiente escolar pesquisado. Em uma subseção, explicamos a utilização dessa

metodologia na escola e as formas de coleta de dados empregadas para isso. Relatamos, igualmente, os princípios éticos dessa forma de pesquisa e a sua importância. Ainda neste capítulo, apresentamos uma última subseção para descrever algumas anotações do diário de campo que, apesar de ser umas das ferramentas escolhidas pela nossa metodologia para a captação de dados, é um instrumento potente que guiou a pesquisa. Relatamos alguns pensamentos e questionamentos anotados durante o processo inicial do desenvolvimento da pesquisa importantes para se entender as mudanças feitas por conta da pandemia de Covid-19.

No próximo capítulo seguinte, discutimos o ambiente digital e as suas funções nos dias de hoje. Nesse contexto, abordamos o conceito de cibercultura, aspecto relacionado à noção de ciberespaço, incluindo aí algumas discussões sobre as transformações culturais da sociedade. Intitulado “A potência da netnografia na cibercultura”, associamos a metodologia com as noções de cibercultura e ciberespaço. Abordamos também alguns de seus desdobramentos para o campo da educação e como o trabalho docente vem sendo impactado por todo esse cenário. Iniciamos o processo de apresentação das análises dos dados obtidos pelos questionários e pelas entrevistas, explicitando como tal processo foi pensado de maneira articulada.

No primeiro capítulo analítico apresentamos o debate sobre a questão curricular e a sua associação com as tecnologias digitais, juntamente com as possibilidades de articulação dentro do universo escolar. Além disso, mostramos com os dados gráficos como essa relação de conexão e transmissão digital pode afetar o alunado em sua residência. Abordamos, igualmente, as questões da introdução de uma metodologia ativa dentro da ideia de uma expansão curricular para além dos muros da escola. Essa perspectiva foi debatida com os apontamentos feitos pelas análises gráficas do questionário, em conjunto com as respostas das entrevistas. Identificamos se houve ou não a potencialidade necessária para a aplicação de metodologias ativas com o apoio das tecnologias digitais, dentro do universo tecnológico que esse alunado vive.

No segundo capítulo analítico discutimos a relação dos docentes com as tecnologias digitais, na visão do alunado. Abordamos as questões sobre a rapidez das mudanças ocorridas por causa da pandemia e se isso conseguiu abarcar toda a necessidade formativa dos docentes. Além disso, retomamos a discussão curricular com enfoque na formação docente e em sua apropriação, ou não, das tecnologias como meios e ferramentas de trabalho. A base de dados para essa discussão deu-se pela articulação dos resultados do questionário somado às entrevistas. Ainda nesse capítulo, na última seção trabalhamos com dois enfoques: o primeiro no tocante a participação dos responsáveis na educação dos filhos; e o segundo em relação ao ensino híbrido. Ambos foram baseados nos dados gráficos e nas entrevistas, além de uma

discussão teórica que possibilitou a articulação de ambos no texto. Logo após, apresentaremos um pequeno capítulo conclusivo.

Depois das referências bibliográficas, apresentamos em anexos os documentos enviados para o comitê de ética através da Plataforma Brasil. A importância de incorporar esses documentos ao presente texto está ligada ao nosso entendimento da metodologia escolhida. Considerando a subcomunidade escolar pesquisada, levamos em consideração os sujeitos que dela dependem, como o corpo docente e os demais funcionários, para que não sejam prejudicados com qualquer resultado da pesquisa. No anexo A temos o TCLE, que é o termo para a assinatura dos responsáveis, levando em consideração os alunos menores de idade. O anexo B é o termo de assentimento, no qual os pesquisados permitem a coleta de dados. O Anexo C são os comentários éticos sobre o projeto de pesquisa. O anexo D é a autorização da diretora da escola para a realização da pesquisa. Já o anexo E é a descrição do projeto de pesquisa enviado para o comitê de ética. O anexo F é o questionário netnográfico com as suas 28 perguntas. E por fim, o anexo G corresponde ao roteiro das entrevistas em grupos focais, composto da introdução e dos questionamentos.



## 2. A NETNOGRAFIA: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Como vemos a escola nos dias de hoje? Como os alunos interpretam a escola em cenários de tecnologias digitais? Essas perguntas são questionamentos comuns em relação ao ambiente escolar. Por um lado, tal ambiente estrutura-se pela parte física (prédios, salas de aula, quadros) e pela parte teórica, somadas à concepção didático-pedagógica com base na qual os conteúdos serão trabalhados no currículo escolar. Por outro lado, a contemporaneidade nos traz uma relação muito próxima dos seres humanos com os artefatos tecnológicos e, a partir dessas relações, novas possibilidades surgem no horizonte escolar. Cada vez mais a humanidade está conectada não apenas aos artefatos tecnológicos, mas também em redes virtuais, sejam elas profissionais, pessoais, de lazer ou escolares.

Observando o aprofundamento das relações humanas sendo, em seus devidos contextos, mediados por tecnologias de informação e comunicação, o mundo digital nos brinda com funcionalidades semelhantes que temos no mundo físico. Novas formas de obtenção do conhecimento apareceram por causa do desenvolvimento constante da Internet e das tecnologias digitais (CORSO; ESTELA; BANDEIRA, 2019). O desenvolvimento de uma rede complexa, na qual o fluxo de informações é constante, possibilitou o surgimento de um espaço virtual capaz de absorver e armazenar diversos conteúdos produzidos pelos sujeitos. Dentro desse universo virtual, ou ciberespaço, encontramos a cibercultura, com sua capacidade de abranger, produzir, reproduzir e transformar o conhecimento humano. Sendo assim, podemos entender que o aumento das interações humano-máquinas tende ao aprofundamento e ao desenvolvimento das relações na cibercultura (LÉVY, 1999).

Não podemos esquecer que tudo que está disponível na cibercultura é fruto da interação direta dos seres humanos com as máquinas e suas inteligências artificiais no ciberespaço. Dessa forma, esse universo virtual possui a presença humana para a alimentação dos conteúdos utilizados por outros seres humanos. Esses conteúdos estão acessíveis para qualquer um que tenha algum artefato tecnológico à sua disposição, obviamente com as limitações de acesso, sociais e geográficas que as condições econômicas impõem. Sendo assim, é possível ver uma mudança de papéis dentro desse novo universo: os espectadores passam a ser também produtores e disseminadores de conteúdo (CORSO; ESTELA; BANDEIRA, 2019).

Ao pensarmos sobre o aumento da disponibilidade desses artefatos tecnológicos para a sociedade, devido ao barateamento dos equipamentos, a acessibilidade e a expansão da Internet, notamos que várias faixas etárias possuem e fazem utilização dos mesmos diariamente. Nos dias de hoje é uma imagem muito comum os jovens de meios urbanos usarem celulares como

a principal ferramenta para comunicação e pesquisa. E, na maioria dos casos, utilizam também nas escolas, dentro de suas paredes.

O surgimento e a consolidação da Internet possibilitaram uma maior democratização, retirando dos meios hegemônicos a exclusividade na produção e transmissão de conteúdo e de conhecimento. Encontramos usuários da rede digital atores e produtores de conteúdo e de informação. Os espaços de relações entre os sujeitos na Internet mobilizam uma grande quantidade de meios de comunicação e de informação entre os diversos atores e em tempo real. As convivências se desenvolvem, cada vez mais, em ambientes conectados, afetando o comportamento social nas mais diferentes instâncias (AGUIAR, 2019).

É inegável a presença do mundo virtual na vida dos jovens de hoje. As redes sociais tomam conta de grande parte de seu convívio em comunidades de diferentes tipos. Os jogos digitais tornaram-se uma forma muito comum de lazer e entretenimento desses jovens. As buscas em sites especializados formam a rede de abastecimento de pesquisa e a possível obtenção de informações para eles. Entendemos, então, que não há uma separação explícita do off-line com o on-line (CORSO; ESTELA; BANDEIRA, 2019).

De acordo com Ferreira e Silva (2014), as tecnologias digitais colaboraram fortemente para alterar os mecanismos de comunicação de uma sociedade, fazendo surgir novas relações sociais e escolares. A criação e a reformulação de práticas ensino e aprendizagem pautadas nas tecnologias digitais, da mesma forma, contribuíram para um maior acesso ao conhecimento e à informação. Outro aspecto levantado pelos autores é o fato da criação de novas formas de sociabilidade, possibilitando o surgimento de comunidades on-line de aprendizagem, que puderam contribuir com a expansão do conhecimento. Com uma comunicação rápida e facilitada, esse ambiente on-line que surge tornou-se mais colaborativo na construção do saber (FERREIRA; SILVA, 2014). Dentro desse contexto, ao pensar que os estudantes utilizam a Internet através de seus artefatos tecnológicos para diversos fins e sabendo da proximidade com o ambiente escolar, pensamos em desenvolver um estudo que possibilite mostrar as formas pelas quais os alunos utilizam, ou não, essa tecnologia para aprofundar o saber fora dos muros das escolas. Dessa forma, pensamos em empregar uma metodologia capaz de nos dar diretrizes, formas de coletas de dados, processos e procedimentos éticos conectados com esses cenários, empregando ferramentas do universo digital. Por isso, escolhemos a netnografia, entendendo-a como a forma mais adequada e capaz de auxiliar-nos na compreensão das comunidades escolares e seus sujeitos.

## 2.1 A netnografia como método

Para observar e capturar os detalhes das comunidades on-line, por meio da utilização de artefatos tecnológicos, devemos utilizar uma metodologia condizente com a natureza do estudo, mediante a observação ativa da comunidade, no ambiente on-line, sem estar deslocado do off-line (FERREIRA; SILVA, 2014). Da mesma forma, Sobrinho, Júnior e Sarmiento (2019) nos dizem que os sujeitos que criam ou participam de comunidades on-line têm por função a busca de objetivos e possuem finalidades em comum, o que demonstra a importância de se analisar essas comunidades em seus ambientes de criação. A utilização da netnografia, que bebe nas mesmas fontes da etnografia, não se limita em espaços geográficos fisicamente restritos. Assim, como afirmam Corrêa e Rozado (2017), o aparecimento e desenvolvimento de comunidades dentro do ciberespaço fizeram surgir a necessidade de um remodelamento do processo etnográfico e que tenha potencialidade para captação dessa estrutura nos ambientes on-line. O seu foco está em como determinados sujeitos interagem e se interrelacionam utilizando a cibercultura. Assim, talvez, possamos entender a netnografia como um novo método para captar e analisar comunidades que se apropriaram das tecnologias e criaram ambientes de sociabilidade.

A ampliação dos processos desenvolvidos pela etnografia possibilitou a articulação com as novas singularidades do digital. As ações e suas formas de interação – produzidas e/ou empregadas pelos sujeitos na cibercultura – são o grande foco do método netnográfico (CORRÊA; ROZADOS, 2017). Corroborando com esse aspecto, Sobrinho, Júnior e Sarmiento (2019) nos dizem que essas novas metodologias são referentes às novas dinâmicas de relações e comportamentos que passam a ser mediadas por artefatos tecnológicos.

O surgimento dos ambientes virtuais de aprendizagem foi um dos importantes desdobramentos dessas relações mediadas por computadores para educação. Encontramos na Internet diversos grupos que possibilitam contato direto com outras formas de pensamento e de troca de conhecimento, bem como o surgimento de processos mais dinâmicos de aprendizagem devido a utilização de recursos para a produção de saberes de forma individual ou coletiva. A netnografia torna-se, nesse cenário, uma metodologia potente para analisar esses novos ambientes (SOBRINHO; JÚNIOR; SARMENTO, 2019). Como observa Kozinets (2014, p. 62), “a netnografia é pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo on-line. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal”.

Pesquisas on-line não necessitam do deslocamento do pesquisador para o campo físico – com base na utilização de artefatos tecnológicos para a captação dos dados –, possibilitando uma maior facilidade para o desenvolvimento do trabalho analítico (AMORIM; FERNANDES; GONÇALVES, 2019). A netnografia permite que os registros dos acontecimentos estudados sejam feitos na mesma hora, pois o acompanhamento está sendo feito direto e on-line. Com a utilização dos artefatos tecnológicos tornou-se possível o salvamento de forma imediata das telas ou mensagens, e até mesmo imagens, que foram produzidas em determinados contextos (KOZINETS, 2014). Apesar dessa facilidade, o uso dessa metodologia não possibilita (na verdade não é obrigatório) o contato direto entre o pesquisador e os pesquisados. Dessa forma, o pesquisador não consegue coletar presencialmente sons emitidos pelos indivíduos, gestos e outras particularidades do ser, como acontece na etnografia.

Essas novas realidades são produzidas por ações dos sujeitos e por suas subjetividades nos ambientes on-line e educacionais. A netnografia possui a característica ideal para as análises nas ferramentas de comunicação, sejam elas as redes sociais ou outros mecanismos de trocas de mensagens rápidas e de produção de informação. Esse método nos capacita a explorar o mundo com rapidez empregando suas ferramentas de análise de dados (AMORIM; FERNANDES; GONÇALVES, 2019). Corrêa e Rozados (2017, p. 14) enfatizam que, “a netnografia não é apenas uma sequência de procedimentos metodológicos a serem seguidos, é uma maneira de olhar para o objeto de estudo, seja uma forma de cultura, uma comunidade virtual, uma manifestação social, o uso de um aplicativo, uma prática social ou outros”. Levando em conta especificamente os procedimentos, há cinco passos para a utilização dessa metodologia: escolher corretamente o que vai analisar; o que seria analisado dentro da rede de escolhas on-line; a imersão propriamente dita do pesquisador no campo de pesquisa para coleta de dados; análise dos dados coletados; e a descrição dos resultados (MENDES; FREITAS, no prelo).

Em um funcionamento ideal dessa metodologia, da mesma forma que acontece com a etnografia, o pesquisador deve ter comunicações frequentes com seus sujeitos pesquisados. Isso gera maior grau de confiabilidade, contribuindo com a análise dos dados dentro do contexto pesquisado. A utilização dessa metodologia nos ajudou a compreender, no universo escolar, como se dá a relação dos sujeitos escolares com os artefatos, implicando diretamente nas questões de ensino e aprendizagem. O foco da pesquisa foi uma comunidade escolar específica on-line, observando as formas como os alunos vão se apropriando da cibercultura para obtenção do conhecimento (MENDES; FREITAS, no prelo).

Para tanto, foi necessário fazer reflexões sobre os procedimentos éticos que compõem uma pesquisa utilizando a netnografia. A pesquisa não pode oferecer riscos nem ao pesquisador e muito menos aos pesquisados. Por isso foi importante observar alguns passos a serem seguidos e assim garantir toda a formulação ética possível.

Para Corrêa e Rozados (2017, p. 7), as questões éticas são colocadas como

[...] o maior desafio colocado ao netnógrafo. [Ele deve] optar entre realizar uma pesquisa nos moldes éticos tradicionais, sob o risco de não conseguir coletar dados e informações que enriqueceriam seu estudo e permitiriam uma ampliação do conhecimento existente sobre um determinado tópico, ou buscar formas de adaptar os padrões éticos às características do ambiente digital mesmo que isso venha a acarretar em algum tipo de desvio dos princípios éticos consolidados na pesquisa off-line. Estas reflexões não têm por objetivo defender uma postura contrária à ética em pesquisas na Internet, mas propor um olhar crítico sobre o estudo do ambiente digital a fim de que as particularidades do contexto sejam consideradas e os procedimentos metodológicos tradicionalmente aplicados ao contexto off-line não sejam simplesmente transpostos sem uma avaliação dos prejuízos e potencialidades que oferecem. Somente assim a pesquisa netnográfica poderá contribuir para o avanço do conhecimento acerca dos fenômenos sociais que ocorrem e perpassam a Internet.

No nosso caso, como pesquisamos uma subcomunidade escolar, para analisar algumas práticas pedagógicas de uma turma específica, tivemos um cuidado redobrado. Tivemos uma atenção redobrada para que as questões éticas fossem respeitadas para que não afetassem o ambiente profissional e nem mesmo o relacionamento entre professores e alunos. Ainda sobre a ética no processo netnográfico, Aguiar (2019, p. 18) nos diz que

a busca pela ética na pesquisa é um elemento muito importante pois é a partir dela que protocolos são estabelecidos, métodos são elencados, e é a partir daí que o pesquisador constrói seu caminho netnográfico propriamente dito, que seleciona modos de coleta, que pinça dados a serem coletados, que aplica práticas, instrumentos, manejos de observação, que infere os tipos de análises a serem realizadas, entre outras escolhas necessárias ao percurso da pesquisa.

De acordo com Mendes e Freitas (no prelo), é importante entender a noção do que pode ser público ou privado dentro da cibercultura. Entender se os produtores das mensagens desejam torná-las públicas, e se desejam créditos por elas ou apenas preferem se manter no anonimato. Não se pode publicar ou reproduzir nenhuma imagem que contenha mensagens desses sujeitos sem prévia autorização dos mesmos. Ainda pensando nas garantias dos princípios éticos nesse tipo de pesquisa, devemos sempre ter em mente três pontos que garantam alicerces mais sólidos nesse caminho. O primeiro deles diz respeito a apresentação e identificação precisa do

pesquisador perante a comunidade ou subcomunidade a ser pesquisada. Em segundo lugar, temos a descrição do propósito da pesquisa para fins de interação com o meio. E, finalmente, o foco e o interesse principal da pesquisa.

Pensando sobre as formas pelas quais os sujeitos hoje se relacionam, notamos que nas comunidades virtuais essas interações produzem e reproduzem os mesmos mecanismos de desigualdades e exclusão social. São relações que, dentro da cibercultura, podem ser transformadas por conta da rapidez dos fluxos de informação. A metodologia escolhida entraria para fazer a captura dessas informações e a análise desses dados (MENDES; FREITAS, no prelo).

Para coleta dos dados utilizamos quatro ferramentas que também são usadas em processos de etnografia. A primeira ferramenta escolhida foi o diário de campo, no qual basicamente o pesquisador registra todo o passo a passo de sua pesquisa, suas observações e seus questionamentos, podendo fazer análises prévias das observações já capturadas. Além disso, é uma ferramenta que ajuda a produzir diálogos constantes entre o pesquisador, os objetos analisados e os sujeitos e a composição étnica da pesquisa. Como nossa pesquisa atua no universo on-line, o diário de campo será feito em artefatos tecnológicos ligados em rede para ter a rápida captação dos dados necessários para pesquisa.

De acordo com Corrêa e Rozados (2017), as notas do diário de campo devem conter as relações e as aflições do pesquisador com os membros da comunidade. Isso é um elemento importante, principalmente quando tratamos com pesquisa qualitativa, pois há a presença da questão da subjetividade do pesquisador, podendo interferir e/ou fornecer uma melhor compreensão dos fenômenos estudados. Essa subjetividade pode ser vista como os pensamentos que o pesquisador tem sobre o andamento da pesquisa – que interferem diretamente em suas formas de interpretação –, com detalhes do contexto que possam auxiliar na análise futura de dados.

A segunda ferramenta empregada foi a revisão bibliográfica. Para Garcia (2021), é na revisão bibliográfica que apresentamos o estado da arte do assunto abordado, com a fundamentação teórica adequada, sendo algo que deveria estar presente em todas as pesquisas. No entanto, não se deve confundi-la com pesquisa bibliográfica, pois nessa o pesquisador deverá contribuir para que o final da discussão seja a favor ou contra as ideias apresentadas, devendo ser desenvolvida uma problematização sobre o assunto abordado. Lakatos e Marconi (1992) definiu que uma revisão bibliográfica é aquela que surge a partir da busca por textos, artigos, livros, teses e dissertações, sendo selecionados mediante a um rigor técnico bem

restrito. Ainda, nessa linha de pensamento, o principal objetivo de uma revisão bibliográfica é a captura de um determinado campo de conhecimento em seu estado da arte a partir de escolhas, tanto para textos mais recentes quanto para mais antigos (LAKATOS; MARCONI, 1992).

De acordo com Galvão e Pereira (2014), a revisão bibliográfica colabora para manter a linha de pensamento contínuo dentro da pesquisa, na direção de se esclarecer e fazer avançar as questões sobre o assunto estudado. É essencial para se realizar uma pesquisa com um foco mais bem definido com base nas evidências e produções já produzidas, sendo considerada como estudos auxiliares e essenciais a darem base à problemática principal.

A revisão bibliográfica é uma forma de visão mais crítica das pesquisas existentes, o que é significativo para o trabalho que o pesquisador está desenvolvendo. Além de resumir os trabalhos de outros pesquisadores, torna-se um processo de ganho de conhecimento ao se analisar e mostrar as conexões entre as produções existentes e a sua pesquisa (BRYMAN; BELL, 2007).

Com base nessa teoria explicitada, trabalhamos a revisão bibliográfica dentro dos conceitos e fundamentos necessários, fazendo elo entre a teoria e a coleta de dados para termos uma melhor forma de análise, produzindo a construção analítica da pesquisa. Ao longo da trajetória de tal construção, tratamos de discussões conceituais sobre cibercultura, ciberespaço, metodologias ativas, questões de currículo e tecnologia e no pensamento e formulação do ensino híbrido.

Outra forma de coleta de dados foi o questionário on-line. Sua capacidade de ação e a quantidade de dados que podem fornecer, torna-o uma das principais ferramentas da netnografia. Seu uso é de grande abrangência, sem restrições físicas e geográficas, além de que muitas ferramentas digitais empregadas na confecção desses questionários já produzem resultados estatísticos para coleta dos dados (KOZINETS, 2014).

Os questionários on-line não trazem uma inovação, em si, nos moldes de uma mediação, mas no que se refere ao suporte da linguagem digital. As respostas espontâneas obtidas por um questionário onde permaneçam o anonimato dos sujeitos, dá uma maior sensação de liberdade para as respostas. Os questionários on-line também permitem um maior conhecimento dos sujeitos, podendo haver um bom retorno dos respondentes devido a facilidade de uso e de acesso em várias plataformas. Devemos tomar cuidado para não gerar fadiga nos sujeitos devido à extensão desses questionários (RAMOS, 2016).

Esses levantamentos estatísticos que surgem por meio dos questionários podem oferecer respostas diretas para questões sobre os dados sociais, étnicos, demográficos e econômicos dos

membros da comunidade on-line. O fato de ser realizado de forma anônima pode garantir uma maior segurança em relação à obtenção de dados dos sujeitos pesquisados (CORRÊA; ROZADOS, 2017).

A última ferramenta escolhida para fonte de coleta de dados foi a entrevista netnográfico, que nada mais é que uma entrevista feita em forma on-line. As entrevistas nos dão uma maior profundidade em relação aos sujeitos pesquisados e as formas que interagem com as comunidades ou subcomunidades escolares (KOZINETS, 2014). Conversas espontâneas em entrevistas digitais possibilitam maior liberdade aos indivíduos para se expressarem (CORRÊA; ROZADOS, 2017). Além disso, conseguimos compreender de forma mais completa os mecanismos pelos quais esses sujeitos utilizam a Internet como fonte de saber fora do ambiente escolar.

Com a metodologia definida e com os pressupostos éticos estabelecidos, descrevemos os locais de pesquisa, seus sujeitos e comunidades e subcomunidades a serem observadas. A nossa escolha foi um Colégio da rede particular de Varginha, no sul de Minas Gerais, que possui diversos segmentos do ensino, como Ensino Fundamental II, Ensino Médio e cursinhos pré-vestibulares.

Os sujeitos a serem pesquisados dentro dessa comunidade escolar serão os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio e do cursinho pré-vestibular. A escolha se deu pela idade dos sujeitos e pela facilidade do manuseio dos artefatos tecnológicos. Assim, essas subcomunidades possuem uma característica em comum: a de estarem sendo preparadas para as avaliações de vestibulares e do Enem. Partimos do princípio que, tendo em vista o comprometimento maior que esses segmentos podem possuir na questão de disciplina ao estudo e até mesmo na facilidade com interfaces tecnológicas variadas, entendemos que haveria uma possibilidade de um diálogo mais aprofundado para a coleta de dados.

A decisão de trabalhar com esse Colégio aconteceu pela facilidade do contato do pesquisador para com a direção e a coordenação. Houve um contato prévio com o corpo diretivo da instituição, acenando-se como positivo e de forma prévia a realização da pesquisa. Houve também o primeiro contato com os alunos sobre a ideia ou a possibilidade desse tipo de pesquisa ser realizada nos ambientes digitais comuns a esses sujeitos. Essas foram as motivações para as escolhas dessa subcomunidade dentro do ambiente escolar escolhido, concordando com o que Ferreira e Silva (2014) nos dizem sobre a questão de que a escolha dos ambientes estudados se dá pela facilidade no processo de comunicação colaborativa e pela facilidade de suas



utilizações, sem a necessidade de grandes conhecimentos para o seu manuseio ou sua abordagem.

Os procedimentos de pesquisa adotados seguiram propriamente a linha da metodologia apresentada acima. A ideia de ter um diário de campo para fazer todas as anotações necessárias e observações sobre aquela subcomunidade foi levado em conta, especialmente por se ter sempre em mãos um celular ou um computador para captura imediata de dados. O questionário on-line foi proposto dentro da plataforma Google, sendo o Google forms a escolha para a confecção desses questionários e a mesma plataforma para aplicação. Um detalhe sobre a plataforma Google tem que ser levado em consideração: o fato do Colégio ter contratado a extensão Google for education, na qual todos os alunos foram cadastrados e têm acesso por completo aos aplicativos do Google Plus. E, pôr fim, por ter trabalhado com esses sujeitos, utilizamos as entrevistas on-line mediadas por trocas individuais de mensagens via WhatsApp e com perguntas coletivas aos grupos focais.

Como tratamos de uma escola particular onde as famílias tinham poder aquisitivo médio elevado, conseguindo igualmente acompanhar os rendimentos escolares e a assiduidade dos alunos via aplicativos próprios, todos os sujeitos possuíam mais de um artefato tecnológico à sua disposição. Na grande maioria dos casos, por meio de conversas prévias, foi possível saber que os sujeitos possuíam celulares com conexão de dados móveis e computadores em casa ligados na rede de Internet. Esse contexto facilitou a pesquisa, pois esses sujeitos tinham acessibilidade garantida ao universo digital.

A utilização da netnografia para pesquisar esses sujeitos ajudou a demonstrar as formas pelas quais utilizam, produzem ou reproduzem, transmitem e agregam questões ciberculturais dentro dos seus contextos escolares. A netnografia foi uma metodologia potente para a demonstração desse tipo de relação para além do espaço físico escolar.

## **2.2 Alguns registros do diário de campo**

A trajetória de pesquisa inicia com as primeiras reuniões com o orientador e com o grupo de estudo que trabalha com um projeto guarda-chuva chamado Hefesto. As pesquisas que deveríamos realizar iriam se encaixar dentro da ideia de Hefesto e assim teríamos várias participações e discussões em temáticas próximas que nos ajudariam a construir e desenvolver melhor no nosso texto.

Durante os estudos para desenvolver a pesquisa foi-nos proposto, juntamente com a leitura de artigos para desenvolver melhor a ideia do objeto de pesquisa, a produção de resenhas para auxiliar a construção dos textos. Essas resenhas seguiram padrões acadêmicos, o que nos levou a várias reuniões com intuito de aprimoramento da escrita. Esse primeiro passo nos ajudou a entender e aprofundar melhor o desenvolvimento do estudo.

O grande passo para focar em uma ideia para a pesquisa foi uma proposta que o orientador nos deu para ministrar uma aula temática para sua turma no Curso de Pedagogia da UFLA. O tema proposto foi cibercultura. Como não tinha contato com esse tema, nem trabalhado no projeto inicial no qual entrei no Mestrado, recorri há vários artigos iniciais sobre cibercultura para ter uma ideia mais geral sobre esse assunto. Logo nos primeiros artigos pude perceber que era algo muito mais profundo e complexo do que imaginava.

A partir de então, todos os meus esforços de pesquisa foram voltados para desenvolver melhor a noção de cibercultura e ciberespaço e como isso interfere no processo educacional. As reuniões com o orientador eram semanais e sempre trouxeram aspectos que melhoravam o meu entendimento sobre esse tema. Ao final de 10 resenhas produzidas a pedido do orientador, entendemos que o caminho teórico estava mais evidente e passamos a desenvolver como faríamos o processo metodológico.

Esse caminho foi pautado nos princípios da netnografia e, a partir de então, os horizontes da pesquisa começaram se abrir. Ao desenvolver estudos sobre essa metodologia e já no final do ano letivo de 2019, produzimos juntamente com orientador um encontro de saberes no qual expusemos o que vínhamos estudando e pesquisando até o momento. Para esse encontro desenvolvi uma relação entre netnografia e cibercultura, sendo a base do meu texto teórico e metodológico.

Assim fui definindo o que pesquisar com base nas reuniões de orientação, envio de textos com os feedbacks necessários e apresentações nesses encontros específicos. Definimos a pesquisa como um estudo netnográfico dentro de um segmento escolar, no terceiro ano do Ensino Médio. Dentro desse estudo, todos os conceitos abordados pela cibercultura, ciberespaço e a utilização das tecnologias digitais seriam articulados para tentar observar como, e se existe ou acontece, a expansão do currículo escolar para além dos muros da escola.

Um detalhe importante que afetou diretamente a nossa pesquisa e adiou o processo de inserção do pesquisador na subcomunidade para captação de dados, também afetando os processos éticos já referidos, foi o estado de isolamento social durante o primeiro semestre de 2020. Esse fato fechou as escolas e impediu o contato direto com a direção e com os outros

sujeitos a serem estudados. Além do mais, houve a impossibilidade de que os pressupostos éticos chegassem aos meios necessários, tais como a plataforma Brasil e o comitê de ética da UFLA, bem como os termos de assentimento para os alunos. Portanto, os pressupostos práticos da pesquisa não puderam ter andamento, pois para evitar qualquer problema de ordem ética é necessário primeiro haver consentimento entre as partes, e inclusive dos comitês de ética responsáveis pela pesquisa.

Uma reflexão importante que podemos fazer durante esse período é que os alunos tiveram acesso e ampla disponibilidade de artefatos tecnológicos e de Internet. Assim, as aulas no Colégio onde ocorreu a pesquisa não foram interrompidas e, desde o primeiro momento, iniciou o processo de ensino e aprendizagem baseada na educação mediada pelas tecnologias. Interessante notar que a interatividade se manteve. Exemplificando melhor, os mesmos alunos que sempre perguntavam em aulas presenciais são os mesmos que perguntam em aulas on-line. Além disso, para não haver perda de conteúdo, havia sempre a disponibilidade de materiais para estudos e acesso off-line, bastando que o aluno baixe o arquivo para alguma de suas ferramentas de estudo.

Acreditamos que essa situação possa revelar algumas análises muito diferentes se caso estivéssemos em uma situação normal, e não em isolamento social por causa da Covid-19. Acreditamos também que esse fator levou a um maior uso e incremento das tecnologias nos processos educacionais dentro das paredes da escola. Para além dos muros escolares, essa experiência de educação remota, seja por aulas on-line ou gravadas, fóruns e grupos de discussão, tenha se tornado algo em que esses sujeitos escolares fizeram uso de forma mais apropriada, produzindo uma maior interação entre tecnologia e educação.

Não havia previsão de retorno às aulas no ano de 2020 e, ao que tudo indicava, as aulas presenciais não retornariam no ano de 2021 em tempo hábil para o desenvolvimento da pesquisa. Sendo assim, após uma troca de e-mails com o comitê de ética, recebi a autorização para buscar as assinaturas virtuais para os termos de assentimento e o TCLE, podendo dar prosseguimento à pesquisa. Contando com outro atraso, dessa vez em relação as trocas na hierarquia do Colégio, entrei com os pedidos de autorização e recebi os mesmos assinados em setembro de 2020.

Após o período de qualificação e com as anotações feitas de acordo com os apontamentos dos membros da banca, podemos dar continuidade a pesquisa. Depois da liberação por parte do comitê de ética, entramos em contato novamente com a escola para poder iniciar o processo de captura de dados com os estudantes. Diante desse pedido a direção da

escola requisitou que a pesquisa fosse realizada após aplicação do Enem em janeiro de 2021. Sendo assim começamos a trabalhar nos questionários que seriam aplicados online para os estudantes dentro da plataforma do Google forms. Junto a isso começamos a desenvolver as perguntas que seriam feitas durante a entrevista em grupo focal. Essas perguntas ficaram previamente prontas somente esperando análise dos questionários preenchidos, para uma possível modificação ou direcionamento adequado para cada uma.

É interessante notar que com o agravamento da pandemia no final de 2020 e no início de 2021 houve uma corrente de pensamento por parte da instituição para o retorno das aulas de forma presencial, no que era tratado de um ensino híbrido. Esse tipo de pensamento afeta diretamente aos profissionais envolvidos pela falta de segurança sanitária e pelo distanciamento da vacinação em massa que havia. A preocupação de colocar profissionais em lugares fechados e com cuidados questionáveis nos preocupa para o andamento nos primeiros meses de 2021.

Durante o restante de 2020 continuamos com a preparação para aplicação do questionário online e continuamos a desenvolver a base teórica da nossa pesquisa. As reuniões com orientador cessaram em dezembro assim como o período letivo em geral. Durante as férias houve uma releitura da bibliografia indicada assim como uma análise dos apontamentos da banca de qualificação e a busca por textos para incrementar o que foi dito.

Passamos o mês de janeiro fazendo a parte complementar, teórica e metodológica, da pesquisa. Introduzindo os conceitos de metodologias ativas, ensino híbrido, currículo e sobre tecnologia. Esse incremento teórico nos ajudou a pensar nas entrevistas e como conduzi-las para alcançar a subjetividade desejada.

Ao passar o mês de janeiro conseguimos então é realizar a aplicação do questionário com os estudantes. Foram cerca de 35 estudantes que responderam ao questionário. Antes de fazer a devida análise, tinha a sensação de que as respostas estariam muito ligadas ao ano de 2020 e ao processo que perdurou ao ensino remoto, ou seja, o uso aprofundado das tecnologias digitais nas aulas.

Essa sensação realmente foi vista durante a análise das respostas e dos gráficos gerados pelo questionário. após as primeiras análises dos dados dos questionários, começamos a entender e a se aprofundar em como fazer as perguntas ideais na entrevista dos grupos focais. Desenvolvi quatro perguntas iniciais, sabendo que, se necessário fosse, teria uma ou outra pergunta para acrescentar e continuar o debate proposto no WhatsApp. A entrevista com o primeiro grupo ocorreu sem problemas prévios, porém no segundo grupo um dos entrevistados

acabou tendo problemas de conexão e não pode entrar em tempo hábil para realizar a entrevista. A falta dessas falas não seria sentida no conjunto da obra.

Quando encerramos a entrevista, percebi que o conceito e o trabalho com a ideia do ensino híbrido deveriam ser tratados nessa entrevista. O que me fez fazer essa última pergunta, já previamente preparada ao menos, para os dois grupos focais. O resultado foi surpreendente ao nosso ver, pois a grande maioria não concordava com o modelo aplicado de "híbrido".

Com os dados em mãos apresentei uma versão de tudo isso para o orientador e ele propôs uma escrita inicial explicativa desses dados, com uma teoria necessária para dar base e sustentação nas nossas falas. Quando isso ficou pronto em uma reunião o orientador propôs o maior desafio, ao meu ver, para confecção da dissertação que foi articulação dos conceitos e fundamentos principais, produzido através de uma intensa revisão bibliográfica, com os dados obtidos tanto das entrevistas em grupos focais quanto do questionário netnográfico. Separamos isso por sessões analíticas e a conclusão que tivemos foi que o teor analítico da dissertação tenha ficado mais potente de melhor entendimento. Foi interessante notar que a divisão analítica proposta possibilitou a criação e o pensamento de que essas partes possam se tornar artigos independentes, e por isso houve essas divisões com a articulação dos dados obtidos.

A compreensão final que obtive durante o processo de pesquisa em escrita para dissertação foi que a importância que vemos através da metodologia trabalhada e a potencialidade que tem para a sua utilização em pesquisas da educação. Além do que pude notar a disparidade que vai haver entre alunos de escolas públicas e privadas no que tange ao aparato tecnológico e ao financiamento desse aparato pelo próprio ente familiar. Expandir o currículo para além das fronteiras escolares depende muito de políticas públicas voltadas para isso, para aí sim atender a toda a complexidade da população brasileira.

### 3. A POTÊNCIA DA NETNOGRAFIA NA CIBERCULTURA

Vivemos em um mundo onde a conectividade tornou-se um marco na convivência entre os sujeitos. Grosso modo, essa convivência afeta todas as faixas etárias, em relações de trabalho, de lazer, de ensino e aprendizagem e na busca (incansável?) de novos contatos nas redes sociais. A tecnologia, aliada à alta conectividade, transformou-se em uma importante ferramenta de uso diário, com várias aplicações no cotidiano.

Mais especificamente, os jovens de hoje recebem uma grande carga de informação e conhecimento por meio, principalmente, dos smartphones. A rapidez e agilidade da troca de informação auxiliam esses jovens a mergulharem no mundo globalizado. Os mais jovens estão supostamente<sup>1</sup> mais adaptados aos mundos digitais, levando em consideração a sua familiaridade com os aparatos tecnológicos, sendo envolvidos em suas relações e em suas formas de funcionamento (ALVES et al, 2016). Jogos eletrônicos, redes sociais, trocas rápidas de mensagens de vídeo e de texto permitem um tipo de interação desses sujeitos muito diferenciada dos tipos ofertados em muitas salas de aula. Isso pode sugerir o motivo dos estudantes não estarem nas mesmas sintonias dos ambientes de ensino e aprendizagem em que são colocados.

Nesse contexto, o termo “metodologias ativas de ensino-aprendizagem” tem sido recorrente no campo da educação escolar. De acordo com Freeman et al (2014), as definições para aprendizado ativo variam, com a maioria delas resumindo-se a termos como engajamento e envolvimento. Huntington Lambert<sup>2</sup> explana que o formato do aprendizado tem evoluído com o passar dos anos, e ao invés de “tempo sentado” – em que os alunos passam horas apenas escutando seus professores em aulas meramente expositivas –, várias instituições estão esforçando-se para engajar melhor seus alunos. Segundo Lambert, isso requer aprender a ser mentalmente ativo. Contudo, essa forma de aprendizado (e ensino) é uma via de mão dupla: tanto alunos como professores precisam envolver-se no processo, podendo ser benéfico para ambos.

---

<sup>1</sup> Bennet et al (2008) apresentam várias pesquisas que demonstram que essas supostas diferenças entre faixas etárias precisam ser mais pesquisadas. Uma série de investigações demonstram que: a) muitos estudantes apresentam baixo nível de habilidades em relação às tecnologias digitais; b) os estudantes não usam de maneira “natural” e universal, com diferentes formas de uso e entendimento das ferramentas, igualmente como acontece com os professores; c) os contextos socioeconômicos e domésticos fazem com que crianças e adolescentes tenham um domínio diferenciado das tecnologias digitais entre si.

<sup>2</sup> Reitor da Divisão de Educação Continuada e Extensão Universitária da Universidade de Harvard.

Freire (1996) indica-nos que há uma necessidade de alteração do processo metodológico, no qual deslocamos a posição do aluno. Ele assegura que na educação de jovens e adultos, a aprendizagem é impulsionada pela solução de problemas, pela resolução de obstáculos, pelo domínio dos desafios enfrentados e pela formação do conhecimento novo como consequência dos conhecimentos e experiências precedentes dos indivíduos. O modelo “bancário” de educação, em que os docentes depositavam conhecimento nas mentes dos alunos, semelhantemente à forma em que depositamos dinheiro em uma conta bancária, para que depois os alunos possam gastá-lo nas provas, é muito criticado por Freire.

Pensando nessas relações expostas até o momento – entre o aprendizado e a utilização de uma nova abordagem metodológica para um elo entre os alunos com o professor e o conhecimento –, os desafios que vislumbramos no horizonte próximo estarão contidos nos processos de formação, aprimoramento e aplicação de novos pressupostos metodológicos em sala de aula. Por essa razão, a contemporaneidade nos brinda com um ambiente em que os artefatos tecnológicos estão acessíveis para a maioria da população. Dessa forma, ao cruzarmos as concepções desses novos artefatos digitais, juntamente com o grande fluxo de informações que circulam a todo momento, encontramos ambientes onde há a confluência da informação com as tecnologias. As definições desses ambientes, por um certo ponto de vista, podem ser sintetizadas pela noção de ciberespaço – entendida como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” – e cibercultura – designada como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17).

Ao retornarmos o olhar para o ambiente digital, Bastos e Champagnatte (2015) expõem que o ciberespaço dá forma e promove a disseminação de ferramentas necessárias para o surgimento de vários movimentos que vão na contramão dos grupos hierárquicos de comunicação e de produção de informação. Nesse espaço, há uma horizontalização das possibilidades de acesso ao conhecimento e uma maior interação entre as comunidades, não importando as distâncias espaciais reais de cada uma. Por esse viés, grupos que muitas vezes foram marginalizados por uma elite da comunicação e da política, agora passam a ter mais voz e a interagir com outros grupos com as mesmas características. Assim, surge a possibilidade de se pensar em uma estrutura de amplo espectro de ações e de possibilidades e ir além na questão de alcance do número de pessoas que possam ter acesso a esse ambiente. Esse mundo traz essas

novas complexidades nas relações entre as pessoas e as informações. Não há uma forma rígida de se obter informações, oportunizando-se diversos meios para se acessá-las.

Quando analisamos atualmente as formas e os conteúdos produzidos pela sociedade humana, avaliamos tais produções como provenientes de uma (ciber)cultura humana. Para Santaella (2003), nesse caso, a cultura vai ser aquilo que vai responder as formulações de sua época, ficando sob a égide das formas mais eficazes de comunicação. Não se pode entender a cibercultura como algo surgido apenas da cultura de massas, sendo uma abordagem muito limitante. Parece-nos importante entendê-la como uma continuidade, muito transformada, da cultura das mídias, entendendo também que a inserção da tecnologia na contemporaneidade é impossível de ser apagada. As ferramentas tecnológicas, e suas repercussões ciberculturais, estão em todos os tipos de áreas e formas de trabalho, não se podendo negar a sua importância nos dias de hoje (SANTAELLA, 2003).

Para Castells (2005), ao pensar nessa sociedade contemporânea e a sua relação com a tecnologia, o desenvolvimento tecnológico de um determinado local vai refletir em sua capacidade de tratar de questões de mercado de trabalho, como também de questões sociais. A capacidade de transformação que as tecnologias são capazes de fazer, modificando as relações de trabalho e sociais, podem e devem ser pensadas por políticas públicas adequadas para o contexto. Assim é necessário pensar nas formas de inserção de cada contexto nas sociedades ligadas em rede, sejam elas pessoais, comunitárias, digitais e/ou globais.

E é no universo cibercultura – no qual novas formas de saberes são constituídas, de maneiras nada estáticas, com fluxos de informação e acessibilidade mais rápidos – que relações mais flexíveis e dinâmicas vêm sendo estabelecidas entre os sujeitos. Sendo assim, Alves et al (2016) nos mostram que podemos pensar a existência de sujeitos culturais ou ciberculturais mais autônomos, construindo o seu conhecimento por meio de vários outros conhecimentos existentes no ciberespaço, em uma interligação em rede entre as pessoas ou grupos de pessoas.

Ao pensar na integração desses dois ambientes (o ciberespacial e o cibercultural) e as relações diretas com as tecnologias digitais de informação e comunicação, Lemos (2019) demonstra que com o aparecimento das tecnologias digitais ocorreu uma mudança nas formas com os quais os conteúdos são produzidos e difundidos. Assim, as formas de distribuição da informação e as formas de descentralização da produção de conteúdos tornam-se mais acessíveis e passíveis de interferência de qualquer pessoa. É nesse ponto que aparece, com um maior desenvolvimento das tecnologias, essa revolução digital, trazendo à tona a interatividade digital, sendo vista como uma conexão entre os seres humanos e a máquina. Essa conexão é



estabelecida em especial pelas interfaces gráficas e digitais. Nesse cenário, provavelmente, faz-se necessário uma mudança significativa no processo de produção de conteúdos. Essa ressignificação da informação promove uma maior difusão e apropriação do conteúdo produzido ou reproduzido, obrigando as agências produtoras das mídias tradicionais a se adequarem ao universo digital (LEMOS, 2019).

Entender a conjuntura de eventos, tanto da articulação da cibercultura com o ciberespaço como cada sociedade envolve-se a partir disso, é o ideal para compreender as formas em que elas estão desenvolvendo-se para culminar em uma sociedade em rede, interligada para troca de conteúdos, informações e conhecimentos. Para Castells (2005), essa sociedade em rede é, na verdade, a própria definição de globalização. Apesar do aspecto global, essa sociedade é excludente, não atingindo a todos de maneira uniforme. Na verdade, muitas vezes, simplesmente excluí. No seu entender, esse universo que orbita cada sociedade em específico é essencial para fazer o uso pleno das tecnologias. Da mesma forma, nos ambientes educacionais devem ser revistos os planejamentos sobre implementação e uso das tecnologias digitais. É necessário observar e analisar onde, por quem e para que essas tecnologias são aplicadas, para aí sim explorar o potencial total para aquela sociedade específica (CASTELLS, 2005). Ainda nessa linha, não devemos endeusar e nem mesmo demonizar a tecnologia e seu papel na sociedade. Devemos entender que ela já é parte formadora das atuais organizações sociais. Sendo assim, podemos compreender as formas em que essas sociedades interagem em seu devido contexto com as tecnologias.

Ao pensar no que vem sendo produzido e, principalmente nas formas em que o texto é produzido nas plataformas digitais, em comparação com o texto impresso, notamos que o primeiro é algo não estático e muito mais maleável, tendo em vista que o hipertexto configura-se de forma diversificada e extremamente mutável. Ele vai variar de acordo com o próprio leitor que, além de ler o texto, pode modificar o seu conteúdo e suas formas. Sendo assim, esse texto retira a ideia de uma autoria fixada e estática, tornando-se o leitor um agente ativo durante a sua leitura, passando a modificá-lo quando necessário (SOARES, 2002).

A contemporaneidade marcada pelas TIC e, a partir delas, as produções que são feitas, além de ter que ser acessível a todos, tal acesso também levaria em consideração a capacidade de modificação do próprio conteúdo produzido. Segundo Cambraia (2018), as TIC no contexto educacional ajudariam a fazer, ou refazer, as ligações entre professores, alunos e conteúdos. Para a adoção das TIC é necessária, anteriormente, uma reflexão dos processos de como introduzir essas possíveis ferramentas no processo educativo. Uma outra reflexão apontada pelo

autor refere-se aos desafios que essas tecnologias envolvem, que vão de disponibilidade das ferramentas (físicas e digitais), até a formação do profissional.

Reiteramos que não se pode pensar nas TIC como a solução do problema da aprendizagem. A não contextualização da utilização das ferramentas, associadas ao conteúdo, não garantiriam o sucesso da aplicação das tecnologias. Assim, continuar com o mesmo modelo educacional, no qual apenas professor é o detentor do conhecimento, parece conflitar com os possíveis usos da tecnologia em ambientes de sala de aula. Para Cambraia (2018), o local de aprendizado deve alterar para um local de criticidade e debate e, nesse ambiente, as TIC entrariam como ferramentas auxiliares nos processos cognitivos. A não reprodução daquilo que lhe é transmitido, mas a construção coletiva dos saberes por meio dos alunos seria a função das TIC e, nesse ambiente, o livre acesso à informação como fonte ininterrupta de conhecimento.

Essas tecnologias digitais, para Capobianco e Cury (2009), transformaram-se nas novas formas que mediam as relações (ou inter-relações) das sociedades com a cultura. Sendo assim, os problemas de identidade retornam no mundo global e tomam proporções gigantescas devido ao aprofundamento das tensões em nível internacional, causados pelo ciberespaço e, mais especificamente, pela cibercultura. Nesse aspecto, a cultura vai estar estritamente ligada aos processos de produção e reprodução tecnológica, pois representa uma nova percepção de linguagem.

Nessa estrutura de transformações constantes em que o mundo passa a sofrer, o universo de produção e reprodução digital passa a ter grande importância, pois houve um aumento significativo de usuários de Internet e, esse aumento, também está ligado com a forma de multitarefas que a Internet possibilita. Assim, mesmo que a maioria dos conteúdos produzidos e disponibilizados estejam abertos ao acesso de todos, é o inglês que predomina. Uma significativa produção na cibercultura tem como padrão linguístico a língua anglo-saxônica. Essa dominância linguística e cultural dos EUA no mundo ameaça de diversas maneiras as demais formas de cultura. Apesar disso, a própria cibercultura é capaz de ampliar as formas pelas quais pode apresentar as informações que lhe são dadas. Isso demonstra as várias transformações que o hipertexto pode causar para que haja uma permanência e, ao mesmo tempo, uma luta pela transformação das linguagens (CAPOBIANCO; CURY, 2009).

Por essa perspectiva de atuação de novos sujeitos que Bastos e Champagnatte (2015) expressam que, nos dias de hoje, o universo digital possibilitou a descentralização do conhecimento e a distribuição das informações por todo mundo. Sendo assim, novos processos de organização surgiram, associando pensamentos políticos e sociais comuns em diversas

esferas. E é no ciberespaço que essas realizações dão-se. Dentro desse novo espaço, as relações são transformadas a tal ponto que as estruturas hegemônicas de mídia são deixadas de lado, possibilitando que as pessoas que obtêm as informações também as produzam. Esse espaço é desterritorializado, não havendo fronteiras físicas e nem geográficas para segurar as suas produções e os seus acessos. Por princípio, a possibilidade da obtenção de informação e de conhecimento é, e tem que ser, de acesso total, sem restrições para abordagens que não sejam fake news.

Assim, a cibercultura proporcionaria o surgimento de novos tipos de comunidades e interações de interesses diversos. Esse é o processo de descolamento das relações, no qual acontece essa desterritorialização dos aspectos constitutivos da sociedade cultural para uma cibercultural, com menos amarras e com outros tipos de barreiras. Nesse caso, a palavra de ordem seria a flexibilização social, ou seja, a constituição de comunidades mais maleáveis e fluídas, nas quais há uma maior inter-relação entre as comunidades sobre as diversas óticas. Lévy aborda esse aspecto com a noção de inteligências coletivas, pensando em uma comunidade muito maior, que sempre explorará os diversos potenciais individuais em benefício da coletividade (BASTOS; CHAMPANGNATTE, 2015).

Nesse entendimento sobre desterritorialização, a inteligência coletiva seria uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. O mecanismo de articulação dessas inteligências dar-se-ia pela utilização das tecnologias digitais. As tecnologias digitais obrigaram a mudança nas práticas das relações de trabalho, que antes ocorriam de maneira individualizada, passando a ser promovidas por construções coletivas, permitindo o surgimento de redes, essas essencialmente colaborativas, promovendo relações de trocas de conhecimentos e informações (BEMBEM; SANTOS, 2013).

Esse conceito de Lévy, o da inteligência coletiva, é ligado ao processo de saberes que estão distribuídos por todas as sociedades humanas. Ao observar o contexto no qual aquele indivíduo está inserido, podemos identificar o conjunto de saberes ligados a ele e ao grupo social ao qual é pertencente, desterritorializando saberes ao não os manter fixados em alguns poucos lugares. A reunião dessas inteligências pode, e deve ser feita, por meio das tecnologias digitais. A proposta é que o ciberespaço seja esse ambiente para a realização dessas trocas coletivas. Essa proposta criada por Lévy visa ações de alcance mundial. Tais ações devem ter como objetivo a transmissão coletiva dos saberes. Assim, quem sabe, poderá se promover uma construção de um conhecimento mais universal e profundo (BEMBEM; SANTOS, 2013).

Aqui reafirmamos a netnografia como uma metodologia da cibercultura por excelência. A utilização da netnografia, que bebe em parte nas mesmas fontes da etnografia, não se limita a espaços geográficos fisicamente restritos. Assim, como afirmam Corrêa e Rozados (2017), o aparecimento e desenvolvimento de comunidades dentro do ciberespaço fizeram surgir a necessidade de um remodelamento do processo etnográfico com potencialidade para captação dos aspectos ciberculturais nos ambientes on-line. Assim, talvez, possamos entender a netnografia como um método para captar e analisar comunidades que se apropriaram das tecnologias, criando ambientes de sociabilidade. Essa metodologia utiliza o ambiente do ciberespaço como seu local de ação ao fazer uso das ferramentas necessárias para a comunicação e coleta de dados entre os pesquisados. Como uma das partes integrantes da netnografia, trabalhamos com questionários para obter dados referentes aos nossos sujeitos pesquisados: estudantes do terceiro ano do Ensino Médio e do pré-vestibular de uma instituição privada.

Os questionários foram aplicados no mês de dezembro de 2020 aos 35 estudantes que estavam na listagem do segmento selecionado, empregando o Google Forms. Após aplicação e obtendo as respostas de todos os participantes, começamos a elaborar os gráficos dos resultados. A análise inicial dos dados do questionário não levou em conta questões subjetivas, que serão abordadas com os dados coletados por intermédio das entrevistas com os grupos focais.

Como apontou Kozinets (2014), os questionários on-line vão gerar uma rápida resposta, depois de concluídos, com seus resultados já preparados para uma apresentação por meio de gráficos em imagens. Os dados obtidos serão analisados com base na demonstração gráfica das respostas, juntamente com as análises específicas de cada dado obtido. O questionário foi dividido por categorias que foram agrupadas em dois grupos e transformados em seções nos dois últimos capítulos. Dessa forma, podemos entender que a articulação da netnografia com a cibercultura é algo essencial para podermos realizar a pesquisa, não apenas no que tange ao questionário netnográfico, mas no processo que decorreu das entrevistas. A velocidade propiciada dentro do virtual, juntamente com as trocas de informações dentro dessa comunidade escolhida, nos mostram o quanto os pensamentos de Lévy (1999) e Kozinets (2014) encontram-se no nosso estudo.

Os questionários on-line possuem a vantagem de um incremento ao anonimato dos entrevistados, sendo elaborados para não captar nenhum tipo de dado pessoal de quem os preenchesse. Outra vantagem em sua utilização é poder respondê-los quando os entrevistados acharem mais adequado, sem a necessidade de manuseio no papel, empregando artefatos

digitais. Como não ocorreu encontro presencial do pesquisador com os pesquisados, a entrega do formulário final não gerou um possível desconforto por parte dos entrevistados (RAMOS, 2016), o que nos mostra o quão vasto é o ciberespaço e suas possibilidades de uso de seus recursos como auxiliares de pesquisa. Além disso, se considerarmos os pesquisados como sujeitos mais assíduos da cibercultura, provavelmente, o uso de questionários netnográficos foi algo mais prático e comum se pensarmos em seus cotidianos.

Uma outra parte que trabalhamos em nossa metodologia, sendo um componente fundamental para o entendimento da nossa problemática, foi a entrevista. Entendemos a entrevista em um ambiente do ciberespaço como uma forma eficaz e potente de capturar as subjetividades dos estudantes. Para Kozinets (2014), o uso de ferramentas, como as entrevistas on-line, traz um ambiente mais volumoso a ser explorado. Levando em consideração que essas entrevistas estão atreladas ao processo cibercultural, a utilização de recursos digitais para as respostas e a captura de dados também é bem relevante. As entrevistas foram realizadas em dias diferentes, em uma quarta feira e a outra em uma quinta feira, para poder atender à solicitação dos estudantes para um horário e dia compatíveis para todos. O contato inicial foi feito pelo WhatsApp de cada um, mostrando também que as entrevistas realizar-se-iam através do mesmo aplicativo. Declaramos para os entrevistados os princípios éticos da impessoalidade e do anonimato, com o intuito de criar um ambiente mais confortável, sem receios a possíveis interferências do entrevistador (GATTI, 2005).

As entrevistas foram baseadas em noções de pesquisa qualitativas, que requerem uma análise mais aprofundada do problema, sendo voltada para as questões subjetivas entre os sujeitos e as categorias criadas para a análise. As entrevistas são ferramentas essencialmente qualitativas, obtendo dados sobre um assunto específico, dentro do objeto principal do estudo, com informações mais detalhadas do que as apontadas pelos números (OLIVEIRA et al, 2020).

Partindo desse pensamento, a construção do processo anterior à entrevista propriamente dita foi realizada em um roteiro com os apontamentos necessários e os preparativos essenciais para realização desse momento da pesquisa. No roteiro consta todos os objetivos, quem são os entrevistados, quando, como e de que forma serão realizadas as entrevistas e as perguntas que serão feitas durante o processo. O roteiro também serviu para garantir uma certa dinâmica e fluidez no decorrer das perguntas e respostas (OLIVEIRA et al, 2020).

Entre as várias formas de entrevistas, escolhemos realizá-las por grupo focal. De acordo com Gatti (2005), a seleção pelo grupo focal acontece dentro de um ambiente no qual os participantes tiveram alguma vivência sobre o eixo de pesquisa principal, estando a sua

utilização associada ao escopo teórico metodológico da pesquisa. Não é uma entrevista em grupo, não estando em jogo a simples resposta às perguntas. Na verdade, busca-se a interatividade entre os membros para melhor captar a subjetividade de cada sujeito.

Os grupos focais dão maior liberdade para os entrevistados revelarem, de forma mais natural, o que realmente pensam sobre determinados assuntos. Igualmente, levamos em conta que as falas e as interações, ou possíveis interações entre os participantes, talvez tragam um aprofundamento de caráter mais subjetivo aos dados em comparação àqueles obtidos pelo questionário (OLIVEIRA et al, 2020). Nesse tipo de entrevista pode ser necessário uma breve introdução do assunto que vai ser abordado durante entrevista, dinamizando de forma mais descontraída o seu início. Esses primeiros momentos são centrais para o sucesso do grupo focal (GATTI, 2005).

As entrevistas foram realizadas por meio do WhatsApp com dois grupos aleatoriamente montados entre os 35 participantes que responderam os questionários, sendo nomeados como Grupo Focal 1 e 2. No primeiro, tivemos a participação de seis estudantes e, no segundo, cinco: um dos participantes teve problemas de conexão antes do horário combinado para a realização da entrevista. As entrevistas foram norteadas com quatro perguntas previamente formuladas. Porém, com o decorrer das entrevistas, houve a necessidade da introdução de uma pergunta sobre a relação dos estudantes com o ensino híbrido, como veremos mais adiante. Antes das perguntas serem lançadas, começamos com uma breve introdução explicando do que se trata a pesquisa e apresentando o pesquisador que estava realizando as entrevistas. Finalizando esse momento, cada entrevistado descreveu seu nome completo, idade, escolaridade e local de residência.

Lançado os questionamentos, entrevistados e entrevistadas não tinham um tempo limite para responder. Poderiam, se achassem necessário, comentar e debater as respostas dos outros (o que acabou não acontecendo). Para começarmos as análises dos materiais coletados com os questionários e com as entrevistas, dividimos as categorias já criadas e abordadas no questionário netnográfico em dois grandes grupos. Dentro dessas categorias, desenvolvidas em seções, foram organizadas as perguntas das entrevistas e foram tratadas e discutidas nos dois próximos capítulos.

## **4. O CURRÍCULO, O ALUNADO E SUAS EXPERIÊNCIAS ON-LINE NA PANDEMIA**

Neste capítulo, discutimos analiticamente as seguintes categorias/seções: identificação do alunado e como ele pode ampliar o currículo escolar com as tecnologias digitais? Como o alunado usa as ferramentas digitais? Como o alunado usa e vê as ferramentas digitais empregadas/disponibilizadas pela escola? Além disso, foram relacionadas às seguintes perguntas das entrevistas com os grupos focais: 1) como foi a experiência de uma educação on-line em tempos de pandemia, comparando o que vivenciaram antes? 2) Como será a escola daqui para frente? (ela será a mesma coisa? O que acham que acontecerá com ela?).

### **4.1 Como o alunado expande o currículo escolar?**

Uma das coisas que este estudo discutiu foi a maneira pela qual os alunos e alunas conseguem, ou não, expandir o currículo para além do espaço escolar. Para tanto, é necessário o entendimento inicial sobre o currículo – levando em consideração o momento de pandemia de Covid-19 – e suas relações com as questões da inserção da tecnologia nesse processo. Foi importante, também, refletir sobre o momento pandêmico e o funcionamento das práticas escolares (pela obrigatoriedade e pela necessidade) do uso das tecnologias digitais.

Para o senso comum, currículo significa apenas o agrupamento dos conhecimentos que vão ser aplicados ou conduzidos pela escola. Em outros casos, dentro dessa perspectiva do senso comum, o currículo é apenas aquela trajetória profissional que as pessoas que almejam uma vaga no mercado de trabalho entregam para o seu possível empregador. Porém, o entendimento sobre currículo como um campo denso de estudos e pesquisas vai muito além dessa camada mais rasa, tendo raízes no início do século XX, atrelando-se a aspectos políticos, ideológicos, culturais, sociais e econômicos (MOREIRA; SILVA, 1994; PACHECO, 2005). De acordo com a definição sobre a terminologia proposta por Souza e Fazenda (2017, p. 3), “a palavra currículo se origina do latim curriculum, que significa carreira, curso, percurso, lugar onde se corre, campo, caminho. Deriva, também, do verbo latino currere, que pode ser traduzido como o ato de correr e o percurso feito na pista”. Esse caminho proposto pelo conceito necessariamente vai passar pelo entendimento do que se pretende alcançar com a formação das novas gerações.

Para Mendes (2004), as funções que anteriormente eram atribuídas ao currículo escolar – entre o século 19 até a primeira metade do século 20, tais como a ideia da reprodução dos valores essenciais para a vida em sociedade – foram, a partir da segunda metade do século 20,

seccionadas e transferidos para outros grupos, dentro do universo capitalista e de acordo com seus interesses. Nessa mesma perspectiva, Souza e Fazenda (2017) apontam que o currículo tem uma relação estreita com a questão do poder. Sendo assim, é necessário que haja teorias que possam ajudar a traduzir as suas concepções práticas que estão envolvidas nessas relações.

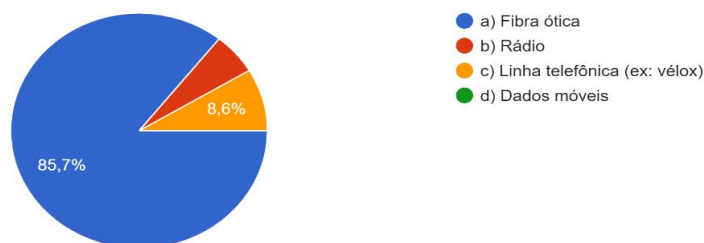
Quando pensamos na contemporaneidade, notamos que as relações econômicas costumam determinar, na nossa sociedade capitalista do século 21, as relações sociais e políticas presentes na sociedade. Essa sociedade neoliberal faz com que as práticas escolares sejam refeitas e, por muitas, vezes repensadas (PACHECO, 2005). Assim podemos entender que até mesmo a concepção curricular atual pode ter muita interferência do poder econômico para introdução das tecnologias digitais nas práticas educacionais.

Diante dessa breve noção sobre currículo e como podemos articular com os meios tecnológicos, entramos nas discussões com as categorias analíticas com os gráficos e as entrevistas netnográficas. A questão sobre um currículo envolto em uma proposta de inclusão tecnológica, onde possa incluir toda a massa de estudantes de uma instituição, será abordada com essas primeiras análises.

O gráfico 1 diz respeito ao tipo de conexão adotado nas residências do alunado. O critério para as alternativas apresentadas leva em consideração às conexões mais comuns ofertadas no mercado. Temos as opções com preços maiores, como no caso da fibra ótica e daquelas ofertadas por ondas de rádio, até as com valores mais acessíveis como o Vélux e a conexão por dados móveis.

Gráfico 1 – Em relação a conexão de Internet, em sua residência ela é feita por

6- Em relação a conexão de internet, em sua residência ela é feita por:  
35 respostas



Fonte: Do autor (2021).

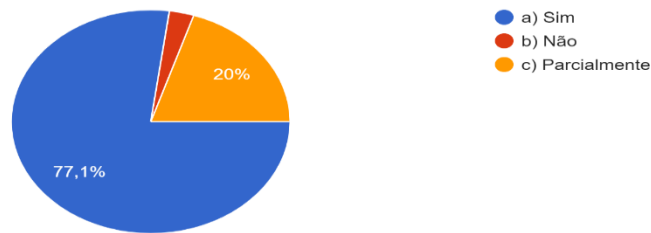
O gráfico 2 nos mostra se a Internet contratada é capaz de atender toda a demanda da família no momento de pico de utilização. É uma questão significativa, pois uma Internet mais



potente possui um valor mais elevado para tal, além de permitir que várias pessoas da residência possam fazer o uso pleno de sua conexão.

Gráfico 2 – A capacidade de transmissão da Internet, em sua residência, suporta a utilização ao mesmo tempo de todos os membros de sua família?

7- A capacidade de transmissão da internet, em sua residência, suporta a utilização ao mesmo tempo de todos os membros de sua família?  
35 respostas



Fonte: Do autor (2021)

A velocidade e a capacidade da Internet têm relações diretas com o desenvolvimento das atividades on-line. A expansão da rede de fibra ótica, que no momento é a que possui a melhor qualidade de transmissão de dados dentro de uma conjuntura de acesso econômico, auxilia a realização de atividades fora do ambiente de sala de aula. Por essa razão, nos parece que o uso intensificado das tecnologias digitais proporcionou uma alteração nas formas de identidades, coletivas ou individuais, como também nas práticas sociais. A partir dessas alterações surgem dois grandes eixos ligados ao uso dessas tecnologias: 1) de manutenção do poder e controle de quem detém o poder e, 2) uma possível maior liberdade de ação dos indivíduos (ALMEIDA; SILVA, 2014). E essas tecnologias, cedo ou tarde, estão chegando nos ambientes educacionais e de forma massificada como componentes incorporados às práticas pedagógicas. Como nos apresenta Arruda (2020), essa educação remota que foi realizada ocorreu de forma emergencial, necessitando um grande aparelhamento técnico-digital de urgência nas residências, e isso remete ao fato de que a contratação de serviços desse porte com tempo reduzido, necessita de que haja recursos rapidamente disponíveis. Mas o acesso de estudantes à fibra ótica deu-se antes ou depois da pandemia? Invariavelmente, uma rede de Internet rápida e com um fluxo constante de dados irá atender a residência em um momento de pandemia onde, inicialmente, muitas pessoas passaram a exercer suas atividades on-line. Ter um suporte de alta qualidade na transmissão de dados é muito importante ao se pensar que, além das aulas remotas que foram realizadas, surgiu a necessidade de um maior volume de estudos em diversos aplicativos disponíveis.

Então, torna-se necessário retomar as discussões sobre as questões que envolvem o currículo e a tecnologia tendo em vista a escola, com uma bagagem educacional não tão on-line, inserida no século 21 tomado pela cultura digital (SOUZA; FAZENDA, 2017). As tecnologias digitais entraram nos meios educacionais por meio de uma geração que determina, ou tenta ao menos utilizar esses artefatos em todos os ambientes, evidenciando o aspecto cultural de seu uso, e esse uso tende a ressignificar as relações sociais e educacionais, mesmo que elas não estejam preparadas para tal (ALMEIDA; SILVA, 2011).

Almeida e Silva (2011) ainda complementam, ao colocar que as constantes relações entre currículo e tecnologia acabam por criar e definir uma nova forma de se pensar a união desses termos. É daí que, para as autoras, nasce a concepção de WEB currículo. É necessário entender também que a introdução dessas tecnologias na educação altera as práticas educacionais e o ambiente educacional.

A introdução das tecnologias nos ambientes educacionais, e no ambiente familiar como integrante do processo de aprendizagem, pode gerar uma armadilha muito perversa: a de acreditar que apenas a introdução e o uso das tecnologias serão capazes de alterar os currículos pela necessidade atual. Nessa perspectiva há três grandes equívocos que costumam cometer os que acreditam nessa visão. O primeiro deles diz respeito que as tecnologias trazem por si só novas concepções de currículo. O segundo equívoco comum aparece quando se diz que as tecnologias exigem um novo currículo. E por fim, o terceiro equívoco comum é considerar que as alterações curriculares são de cunho tecnológico e econômico, e não social e político (ALMEIDA; SILVA, 2014). E ao pensar sobre esses equívocos comuns, podemos entender que para esse grupamento de estudantes que pesquisamos, a esfera social que os compõe está devidamente ajustada para receber tais expansões curriculares. No entanto, como esse alunado usa as ferramentas digitais? Na próxima seção, passamos a tratar especificamente desse ponto.

## **4.2 Como o alunado usa as ferramentas digitais?**

É muito comum vermos nos dias de hoje a discussão sobre a escola, o ensino e a aprendizagem, de como os estudantes se apropriam de determinados saberes e se tudo isso que é transmitido pelo sistema educacional é compatível com as realidades que vivemos no século XXI. Observamos uma aceleração dos meios tecnológicos digitais, sendo possível perceber que avanços acontecem em diversos meios, principalmente os de transmissão da informação e da comunicação. Nesse sentido, também observamos o uso frequente de aplicativos de

comunicação e compartilhamento de informações, de forma pública ou privada, e a ampliação do que também conhecemos como redes sociais.

Por uma questão de acesso e praticidade dentro dessas tecnologias digitais, aos estudantes que tem acesso a esses artefatos, percebemos que há diferenças entre esses tipos de estudantes de agora para com aqueles de 30 anos atrás. Rapidez de informação e a fluidez na comunicação são marcas registradas da contemporaneidade em que vivemos. No entanto, não podemos esquecer que a Internet possui vários caminhos a serem percorridos para que possa fornecer conhecimento ou simplesmente entretenimento. No caso dos processos de ensino e aprendizagem, devemos igualmente lembrar que é muito fácil dispersar-se navegando pela WEB.

Nesta seção, discutimos as maneiras pelas quais o alunado utiliza as ferramentas digitais disponíveis e como isso pode ser relacionado com as concepções de metodologias ativas de ensino e aprendizado. Entendemos também que a pandemia obrigou a mudar os hábitos de todos. Inclusive, os hábitos de lazer que muitos possuíam ao ar livre, ressignificando esse tempo dentro de casa. Nesse contexto, conexões robustas facilitam tanto o emprego de dispositivos para a busca de informações como a utilização em conjunto desses dispositivos com as mais variadas ferramentas e plataformas digitais.

Essas alterações que observamos na sociedade acabam sendo vistas, ou pelo menos questionadas, na educação. A necessidade de mudanças nas formas em se dar aula, uma necessidade muitas vezes imposta pelo mercado ou pela busca de se alcançar índices de avaliação educacional, acabam resultando em tentativas de mudanças metodológicas na docência. Porém, essa discussão não é nova sobre a alteração da metodologia em sala de aula. O que temos hoje é o conceito sobre metodologias ativas, envolvendo uma noção de aprendizado ativo dos estudantes. Para Moran (2018), aprendizagem de forma ativa é aquela na qual somos levados a enfrentar e a solucionar desafios cada vez mais complexos, pensando as ferramentas digitais como facilitadoras dos processos de ensino e aprendizagem.

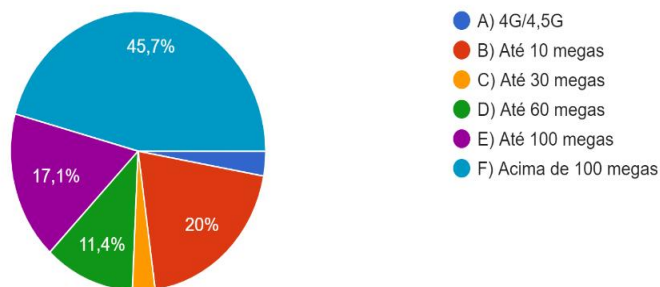
De acordo com Mattar (2017), metodologias ativas já eram preconizadas por Paulo Freire ao demonstrar que o modelo de educação bancária não era suficiente para atender as demandas dos estudantes, deslocando-se de uma posição de recipientes para receberem o conhecimento para sujeitos participativos e críticos no contexto da sala de aula. A definição básica da proposta das metodologias ativas parte do princípio de que os alunos e alunas sejam a parte central da atividade em sala de aula, fazendo funcionar uma espécie de aprender fazendo. Leva-se em conta que os professores deixaram de ter o protagonismo, principalmente com o

uso e a difusão das tecnologias digitais e a Internet, com seus conteúdos de acesso rápido e fácil aos estudantes (MATTAR, 2017).

Para propostas de metodologias ativas darem certo, empregando-se tecnologias digitais, o acesso de qualidade à conectividade, especialmente em tempos de isolamento social, torna-se central. O gráfico 3 trata de forma direta e simples da questão da velocidade da Internet que foi contratada pelas famílias dos estudantes pesquisados. Independentemente de ser de fibra/radio/Vélox/4G, é importante termos os dados da potência dessa conexão para entender se atende plenamente os usuários na residência para todos os fins.

Gráfico 3 – Qual a velocidade contratada da Internet em sua residência?

8- Qual a velocidade contratada da internet em sua residência?  
35 respostas



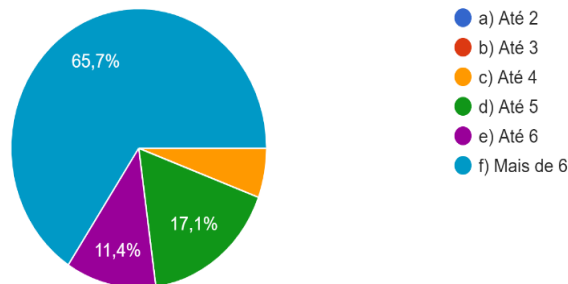
Fonte: Do autor (2021).

Com uma Internet mais robusta, como pode ser constatado nas respostas no gráfico, abre-se uma gama de possibilidades interessantes para o uso de dispositivos digitais conectados à Internet. Além disso, quanto mais potente ela for, maior será o custo para os consumidores. Sendo assim, as faixas de renda com maior poder aquisitivo terão esse acesso sem maiores problemas orçamentários. Isso demonstra uma relação entre as possibilidades de ter acesso a mecanismos e a estruturação de um ambiente para maior aprendizagem com a renda familiar, especialmente porque “durante o ensino on-line, foi [e continua sendo] necessário o uso de microfones, chats e câmeras, além de um ambiente silencioso e uma boa Internet, o que nem sempre estava disponível” (ESTUDANTE 3). O próximo gráfico trata especificamente de quantidade de dispositivos digitais, sendo móveis ou não, presentes nas residências de cada um.

Gráfico 4 – Em sua residência existem quantos dispositivos digitais (celulares, computadores, tablets, kindle etc.)?

9- Em sua residência existem quantos dispositivos digitais (celulares, computadores, tablets, kindle etc.)?

35 respostas



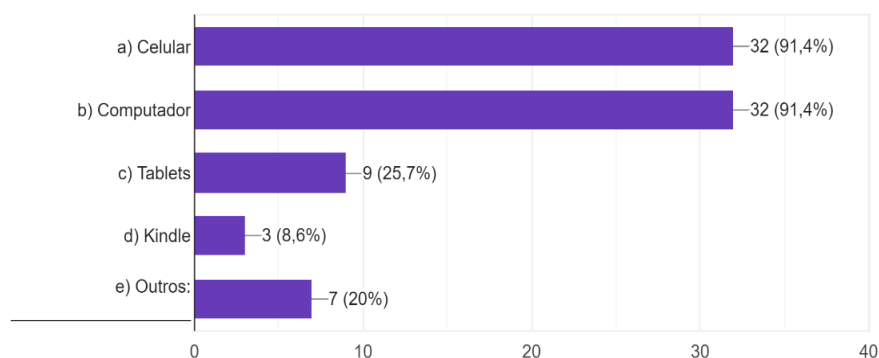
Fonte: Do autor (2021).

Assim, notamos que a maior parcela do alunado possui mais de 6 dispositivos digitais conectados à rede. Aos que responderam por menor quantidade, pode haver uma relação com a quantidade de membros na residência. Como um complemento das discussões levantadas no gráfico 4, o gráfico 5 mostra por quais desses dispositivos o alunado costuma navegar na Internet. Utilizamos como base os mesmos dispositivos mencionados no gráfico anterior e nesse gráfico específico pode haver mais de uma alternativa assinalada por um mesmo respondente.

Gráfico 5 – Por qual, ou quais, dispositivos digitais você tem acesso à Internet em sua residência? Você pode marcar mais de uma opção se houver.

10- Por qual, ou quais, dispositivos digitais você tem acesso à Internet em sua residência? Você pode marcar mais de uma opção se houver.

35 respostas



Fonte: Do autor (2021).

Os dispositivos digitais que são mais utilizados para acesso à Internet – computadores (tanto notebooks quanto desktops) e celulares – possuem uma multifuncionalidade de

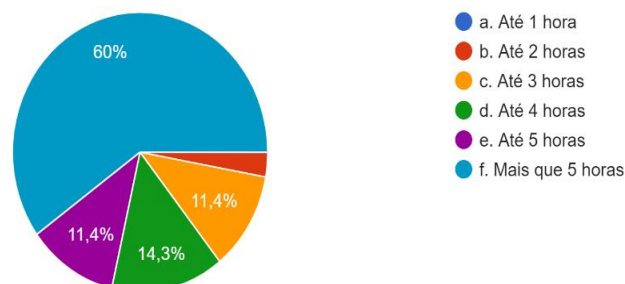
aplicativos. Notamos, com a grande utilização de computadores e celulares, a amplitude na visualização de vídeos, aulas e textos com os computadores e a mobilidade de acesso em toda a residência com os dispositivos móveis, além de serem ambos utilizados para lazer. Ao empregar para estudos, a pandemia evidenciou a amplitude que a Internet oferece de aplicativos e sites para aprofundamento dos alunos, encontrando-se plataformas pagas como também as de livre acesso.

O gráfico 6 representa o tempo gasto, em média, na navegação pela Internet. Considerando o período de pandemia, pesquisas vêm mostrando um aumento de horas de navegação. Uma extensa análise feita por Malta et al (2020) mostra que jovens entre 18 a 29 – representando 11.154 entrevistados – aumentaram em quase 3 horas o acesso à Internet durante a pandemia (4,48 horas antes e 7,22 horas durante a pandemia). Mas isso nos faz entrar em uma parte muito abordada pelos estudantes durante as entrevistas pelo fato de passarem muitas horas em frente ao computador, os colocando em constante exaustão: “sinto uma sobrecarga de matérias, trabalhos, e que 80% do tempo na semana é totalmente dedicado somente à escola, sinto uma exaustão muito grande” (ESTUDANTE 4). Os entrevistados demonstram ter ciência das possíveis implicações do excesso de tela, pois as “as longas horas de exposição a uma tela não fazem bem para saúde e acabam gerando cansaço muito maior ao final do dia” (ESTUDANTE 5), obrigando “os professores e alunos a estarem atentos por aproximadamente 10 horas na frente de uma tela, planejarem os estudos de maneira completamente diferente, não necessariamente pensado em se ter conforto” (ESTUDANTE 9) e fazendo com “que a rotina de estudos se tornasse um pouco ociosa e cansativa” (ESTUDANTE 7).

Gráfico 6 – Quanto tempo, em média, você passa navegando na Internet por dia?

11- Quanto tempo, em média, você passa navegando na internet por dia?

35 respostas



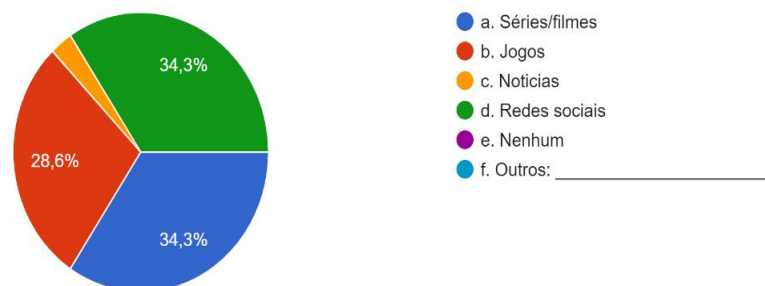
Fonte: Do autor (2021).

Ao pensar na utilização das tecnologias digitais no processo de ensino, surgirá desafios cada vez mais complexos no horizonte. Apesar de termos a facilidade de dados e informações, por um lado, temos a tentação pelas distrações rápidas, por outro. Poderemos então ter o acesso a muitas informações, mas sem a concentração necessária para assimilar e aprofundar. As tecnologias digitais podem expandir os horizontes que o currículo escolar pode alcançar, porém sem a mediação efetiva do professor, elas irão, possivelmente, favorecer o entretenimento e não o conhecimento. Dessa forma, com o passar dos anos, o digital e o on-line farão cada vez mais parte do cotidiano escolar, alterando as formas metodológicas para aprendizagem, transformando tais formas em algo mais colaborativo. O digital tornará o espaço de aprendizagem tão importante quanto a sala de aula (MORAN, 2013). Mas, como alerta Moran (2018), essas tecnologias e seu uso têm que ser de acesso fácil, sendo muito importante ter toda a rede de conexões de dados e infraestrutura tecnológica adequadas, associado as propostas de integração do digital ao currículo escolar. Com isso será possível transformar a escola em um ambiente também digital para produzir projetos educacionais com relação ao mundo contemporâneo do século XXI.

Já o gráfico 7 diz respeito ao tempo gasto no lazer, quando utiliza a Internet como fonte de divertimento. Deixando evidente que, em tempos de pandemia, espera-se que esse alunado tenha ficado em casa e gastado seus momentos de divertimento com a utilização da Internet ou quaisquer outros meios on-line para isso.

Gráfico 7 – No seu tempo de lazer, você utiliza mais frequentemente a Internet para acessar:

12- No seu tempo de lazer, você utiliza mais frequentemente a internet para acessar:  
35 respostas



Fonte: Do autor (2021).

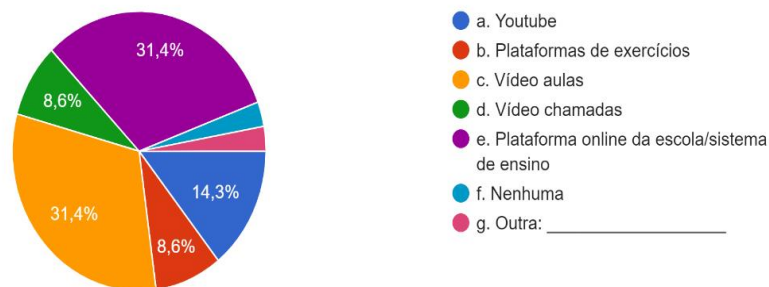
Esse gráfico, associado ao gráfico 6, está relacionado aos principais dispositivos que o alunado usa, como demonstrado no gráfico 5. O tempo de uso – no momento de lazer – dos

jogos on-line (mobile, PC gamer ou consoles), dos aplicativos de streaming de filmes e séries e das redes sociais tomam grande proporção na pandemia, com o isolamento social. Somando-se o tempo médio entre 4 a 5 horas no período da manhã, assistindo aulas via dispositivos digitais (computador ou celulares), e nas tardes com as atividades ou exercícios para entrega, teremos muitas horas de navegação na Internet diária. Como já dissemos anteriormente, essas longas horas de exposição causam uma profunda exaustão aos estudantes.

O último gráfico dessa seção mostra-nos quais mecanismos on-line o alunado emprega para estudar ou complementar seu estudo.

Gráfico 8 – Quando está estudando, você utiliza:

13- Quando está estudando, você utiliza:  
35 respostas



Fonte: Do autor (2021).

Todos os mecanismos descritos podem ser acessados de forma facilitada nos dispositivos móveis, exceto a plataforma disponibilizada pela escola/sistema de ensino. O acesso por computador, empregando o teclado, facilita a troca de informações, postagens e discussões com os professores e colegas de turma. Mesmo que a plataforma da escola possa ser acessada via celular, os recursos disponíveis para computador facilitam a interatividade.

Para que a educação formal continue tendo grande relevância nos dias de hoje é necessário que ela esteja ligada ao processo atual de oportunidades de aprendizado fora do universo da sala de aula. Ao se afastar dos muros da escola, por conta do advento das tecnologias digitais, os estudantes podem vivenciar pesquisas e aprendizagens, nas redes sociais ou em grupos de comunicação, da mesma forma que pode ser feito dentro de uma sala de aula. Assim poderíamos ter um processo de horizontalização da educação. De acordo com Almeida e Valente (2012, p. 60),



as TDIC propiciam a reconfiguração da prática pedagógica, a abertura e plasticidade do currículo e o exercício da coautoria de professores e alunos. Por meio da mediatização das TDIC, o desenvolvimento do currículo se expande para além das fronteiras espaços-temporais da sala de aula e das instituições educativas; supera a prescrição de conteúdos apresentados em livros, portais e outros materiais; estabelece ligações com os diferentes espaços do saber e acontecimentos do cotidiano; e torna públicas as experiências, os valores e os conhecimentos, antes restritos ao grupo presente nos espaços físicos, onde se realizava o ato pedagógico.

Portanto, teremos um auxiliar tecnológico de suma importância quando associado às necessidades dos estudantes fora do ambiente escolar. A utilização dessas ferramentas em casa ajudará a reconfigurar essa estrutura de aprendizagem, quando houver uma disponibilidade tecnológica adequada para todos.

#### **4.3 Como o alunado usa e vê as ferramentas digitais empregadas/disponibilizadas pela escola?**

Nessa categoria, iremos analisar qual é o olhar do alunado diante da plataforma digital que a instituição trabalha. A instituição optou por empregar as plataformas educacionais da Google, o Google For Education, que possui aplicativos que foram indicados com maior frequência para as aulas, tais como o classroom, meet, jambord, agenda, docs e o forms. Um treinamento aos docentes e discentes nessa plataforma foi ofertado para as aulas remotas durante o período de isolamento. Sendo assim, o olhar do alunado para essas ferramentas não surgiu como uma novidade de trabalho, como se nunca tivessem acessado. É possível considerar, inclusive, mesmo antes da pandemia, que determinados aspectos do ensino e da aprendizagem já viam sendo tratados nas atividades presenciais. Contudo, com a pandemia isso tudo se aprofundou para a utilização plena dessas ferramentas digitais na plataforma ofertada.

Levando em consideração o uso das tecnologias digitais, lembramos o que Moran (2013) nos diz ao entender que não são os materiais que vão definir o resultado e a qualidade da aprendizagem, mas as formas pelas quais os agentes educacionais trabalham para que isso ocorra, mesmo sabendo a importância das tecnologias digitais na sociedade atual. Não se pode afirmar que o uso de forma intensificada dessas tecnologias na educação possa se traduzir em melhores resultados (MORAN, 2013).

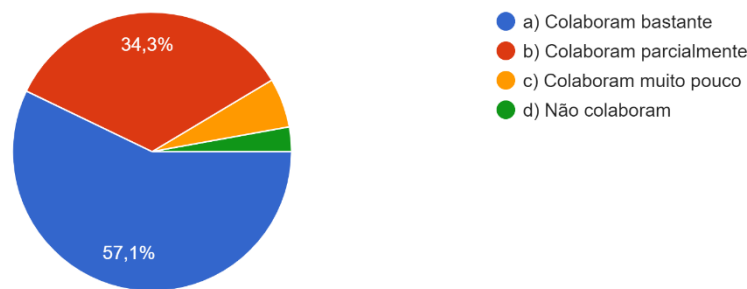
Nesse contexto, é muito simples afirmar que a aplicação dessas tecnologias associadas as metodologias ativas serão a solução para resolver os problemas do ensino e aprendizagem. Mattar (2017) sinaliza o perigo dos modismos pedagógicos pela falta, em muito dos casos, de

uma base teórica sólida e de um completo esquecimento do que havia sido feito antes. Acredita ainda que, passando esse modismo, haverá uma consolidação das publicações e das teorias para embasar, de forma mais científica, esse novo movimento metodológico.

O gráfico a seguir é referente à oferta, por parte da instituição, de ferramentas digitais como auxiliares, ou complementares, para o processo de aprendizagem do alunado. Assim, será possível entender se, em casa e fora do ambiente de aula, poderá ser possível aprofundar os estudos dos conteúdos desejados.

Gráfico 9 – As ferramentas digitais ofertadas pela instituição de ensino colaboram para o seu aprendizado?

14- As ferramentas digitais ofertadas pela instituição de ensino colaboram com o seu aprendizado?  
35 respostas

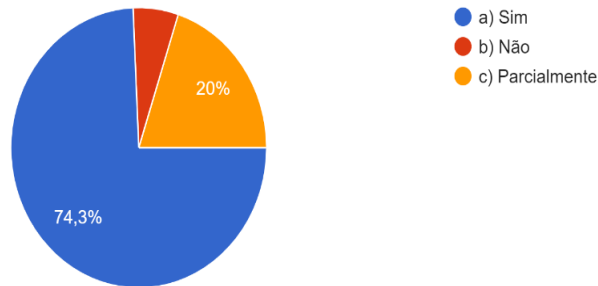


Fonte: Do autor (2021).

Apesar de a maioria ter respondido favoravelmente, a questão que fica aos que negativamente a resposta, ou até mesmo que responderam de forma parcial, seria se para eles há algum erro nessas ferramentas. Dito de outra forma, se por conta de tal facilidade ela tenha se tornado simples demais e com conteúdos insuficientes para a complementação dos estudos fora do ambiente escolar. Como um complemento ao gráfico 9, o gráfico 10 vai mostrar-nos se essas ferramentas ofertadas são de fácil acesso ou não dentro da instituição. Isso leva em consideração se o sistema da instituição consegue suportar o acesso de todos os estudantes nesse tipo de ferramenta ao mesmo tempo.

Gráfico 10 – É possível acessar essas ferramentas digitais com facilidade dentro do ambiente escolar?

15- É possível acessar essas ferramentas digitais com facilidade dentro do ambiente escolar?  
35 respostas

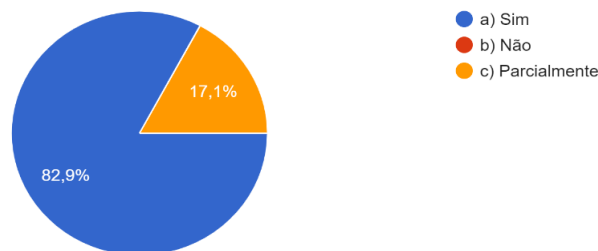


Fonte: Do autor (2021).

O gráfico 11 é um complemento do gráfico anterior, porém levando em consideração os aspectos mais técnicos. Isso significa que possuem uma linguagem adequada, o layout simplificado ou se exige muito dos dispositivos digitais.

Gráfico 11 – As ferramentas digitais ofertadas são de fácil acesso?

16- As ferramentas digitais ofertadas são de fácil acesso?  
35 respostas



Fonte: Do autor (2021).

A instituição escolar desses estudantes deve possuir uma ampla rede digital para acesso facilitado em seus domínios. Vale ressaltar que esses alunos estiveram presenciais por um período relativamente curto de tempo, no início de 2020 e em 2021, com a implementação da modalidade híbrida. A maioria afirma a facilidade de acesso dessa rede, levando em consideração o tamanho da instituição, pois abriga cursos de graduação e pós-graduação, precisando de uma rede de grande fluxo de dados e com muitos acessos ao mesmo tempo, o que pode explicar algum possível descontentamento ou dificuldade no acesso a essa rede. Da mesma forma, observamos que os estudantes consideram essas ferramentas de fácil acesso, seja

pelo costume de trabalhar com os dispositivos digitais, seja pela rápida apropriação dessas ferramentas.

Apesar desses pensamentos relacionados a uma metodologia em que altera o protagonismo na sala de aula, havendo ou não as tecnologias digitais, vale ressaltar a importância social, política e financeira do ensino regular tradicional que possuímos. Infelizmente a realidade de nosso país, com uma grande desigualdade social, nos impede de afirmar que as metodologias ativas funcionariam em todas as escolas do Brasil. No entanto, compreendemos que o chamado ensino tradicional sofre concorrência de ambientes bem mais atrativos e abertos às novas experiências e realidades particulares de cada um (MORAN, 2018).

Criar um ambiente de aprendizagem constantemente reflexivo demanda que o universo escolar esteja aberto e acolhedor para esses processos. Nesse caso, retoma centralidade a figura do professor como orientador, um condutor dos estudantes para conseguirem ir além na aprendizagem (MORAN, 2018). Isso sem a necessidade da inclusão das tecnologias digitais no processo. Quando há a inserção das tecnologias digitais, elas irão promover desafios às instituições de ensino a fim de sair da rigidez do modelo tradicional, no qual o professor é sujeito central na construção do conhecimento (MORAN, 2013). Assim, ao pensarmos nessa escola inserida e usando crítica e adequadamente as tecnologias digitais, Moran (2013, p. 27) mostra que:

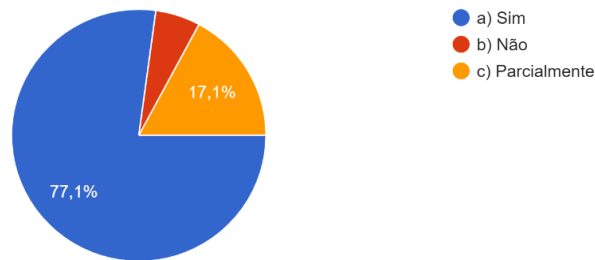
[...] uma boa escola depende também um projeto pedagógico inovador onde a Internet esteja inserida como um importante componente metodológico. Onde há um projeto conservador, a Internet é utilizada para controlar mais os alunos, para reforçar o papel do professor como mero transmissor de conhecimentos. O mais importante é o que a escola faz, como ela se organiza, as relações entre gestores, docentes, alunos e comunidade. Não há tecnologias avançadas que salvem maus profissionais.

Entendemos, então, que projetos para renovar as metodologias em sala de aula devem ser compatíveis com os seus projetos pedagógicos e que a simples inserção das tecnologias não fará mudanças profundas no sistema. Caso haja essa perspectiva de mudança metodológica na escola, ela precisa entender que não há necessidade de que todo o processo de aprendizagem seja feito dentro, e de forma exclusiva, de uma sala de aula e com a supervisão dos professores (MORAN, 2013).

O gráfico 12 trata diretamente sobre a capacidade de reposta que a plataforma e as ferramentas digitais ofertadas são capazes. Um aplicativo de fácil acesso, significa que as trocas de informações se fazem de forma muito rápida e eficaz.

Gráfico 12 – As ferramentas digitais possibilitam uma rápida interação entre seus membros online (os professores, outros alunos e a coordenação)?

17- As ferramentas digitais possibilitam uma rápida interação entre seus membros online (os professores, os outros alunos e a coordenação)?  
35 respostas



Fonte: Do autor (2021).

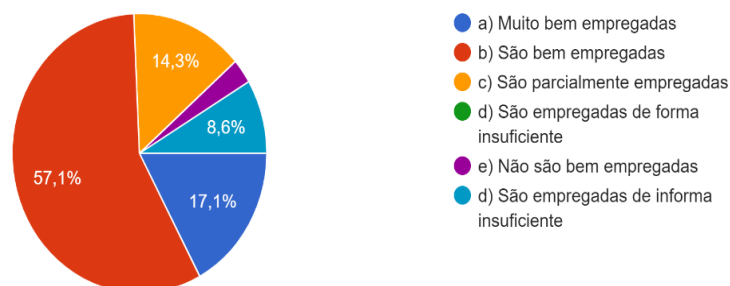
A interatividade é um ponto importante nessa categoria. Mesmo sabendo que essas plataformas não conseguem competir com a interatividade existente das redes sociais, por serem bem mais dinâmicas e de rápido compartilhamento de informações, elas obtiveram um bom desempenho nesse quesito. Ao analisarmos as respostas dos que concordaram parcialmente (17,1%) com a rápida interação, é preciso levar em conta que quando houve o contato, esse foi feito com o corpo docente ou com a coordenação, em horário inadequado para os mesmos responderem com a celeridade devida, nos horários de descanso dos profissionais da instituição. A questão das interações (presenciais e on-line) foi muito abordada durante todas as entrevistas, seja as presenciais, seja as on-line. Dessa forma vemos que: “a interação entre professor e aluno ficou mais complicada, algo negativo para os dois lados” (ESTUDANTE 3). Além disso “no processo estrutural da aula on-line, existem outros aspectos que influenciam muito, como a falta de interação humana” (ESTUDANTE 1), e “foi a falta de interações sociais, que acabam por auxiliar muito na educação, e tal falta se mostrou prejudicial” (ESTUDANTE 5). Os alunos entrevistados argumentam que não havendo “interação direta que faz com que o aluno traga engajamento para a aula, faz com que ela fique entediante” (ESTUDANTE 8). Além disso, o espaço domiciliar propiciou um ambiente de aprendizagem diferente: “achei muito estranho estudar dentro de casa (na minha área de conforto praticamente)” (ESTUDANTE 11), apontando que “as relações entre colegas/professores foram de certo modo distantes, por mais que sempre pudéssemos contar com a ajuda dos professores em relação a dúvidas e questões” (ESTUDANTE 7).

O que podemos entender nessas relações é que, apesar de as plataformas disponibilizadas possuírem uma capacidade de interação rápida, não conseguem substituir a relação presencial entre o docente e os estudantes. Os entrevistados expuseram muito essa ideia, sendo argumentado que a interação direta e presencial é algo fundamental, não apenas para um maior aprendizado, como também para um relacionamento humano com troca de experiências.

Por fim, o nosso último gráfico deste capítulo vai nos dizer se essas ferramentas – que podemos deduzir pelas respostas anteriores evidenciaram-se eficazes para o auxílio da aprendizagem escolar – são empregadas pela instituição de forma adequada. É importante pensar que toda ferramenta empregada por uma instituição de ensino tenha como propósito final o ensino e a aprendizagem.

Gráfico 13 – Você considera que as ferramentas digitais ofertadas pela instituição são bem empregadas para o ensino?

18- Você considera que as ferramentas digitais ofertadas pela instituição são bem empregadas para o ensino?  
35 respostas



Fonte: Do autor (2021).

Pelas respostas, essas ferramentas são empregadas devidamente para o ensino, apesar de entender que isso depende muito da forma com que os docentes trabalhariam ou da forma que a instituição/sistema de ensino alimenta essas plataformas. Os alunos, quando insatisfeitos totalmente em uma plataforma educacional, tendem a migrar paralelamente para outras mais completas e amigáveis e que possam cobrir as lacunas deixadas.

Apesar das ferramentas serem vistas como algo bem empregado, durante as entrevistas diversas falas dos estudantes remeteram a uma perda de foco durante as aulas on-line. Muitas horas em frente aos dispositivos digitais, muitas atividades e a falta de interação aumentaram essa perda de foco de muitos: “assim, assistir a uma aula pelo celular, ao invés de estar presencialmente estudando, tira um pouco do foco” (ESTUDANTE 2), e, também, que “no

começo foi muito fácil de se dispersar durante a aula. Não conseguia me concentrar, e tinha um grande desinteresse pela maioria das matérias” (ESTUDANTE 4). Dessa forma “a experiência de ensino à distância foi inferior, ao passo que senti uma aprendizagem mais superficial e muitas vezes acarretando desânimo como aluno” (ESTUDANTE 1), e ainda “perder o foco da aula é muito mais fácil, pois estamos em um ambiente no qual não está sendo cobrada diretamente a nossa atenção” (ESTUDANTE 5). Por fim, “os principais problemas relacionados à concentração, acredito que seja pelo fato de estar em um ambiente menos adequado do que o da sala de aula” (ESTUDANTE 7).

Em um primeiro momento, notamos as falas dos estudantes sempre em torno de algumas questões pertinentes, tanto por causa da pandemia quando por causa do ensino remoto. Fatores como a falta da relação que esses estudantes tinham com seus amigos e amigas mostram a dificuldade que esses estudantes tiveram dentro dos ambientes virtuais sem um relacionamento presencial com seus pares. Além disso, foi colocado que ao se trabalhar exclusivamente nesses ambientes virtuais, a perda de foco para o estudo era recorrente e, associado a isso, notamos a constante queixa de que as quantidades de atividades aumentaram consideravelmente, resultando em um aumento na exaustão mental e na diminuição no tempo de descanso de cada um.

Em um primeiro momento, deduzimos então que as metodologias ativas, principalmente com o uso das tecnologias digitais, têm um espaço muito grande para reconfiguração do ambiente dentro e fora da sala de aula. Ao trabalhar com um ensino que possa permitir a expansão desse currículo fora do ambiente escolar, essas possibilidades podem ser expandidas aumentando a potencialidade para que os estudantes se tornem mais ativos no processo de aprendizagem. Deixamos evidente que é necessário para que isso ocorra uma mudança estrutural, desde a rede de conexões até os artefatos tecnológicos, nas formações e capacitações dos professores, além de alterações nos projetos pedagógicos das escolas, inserindo essas metodologias e tecnologias digitais no currículo.

O fato mais importante que podemos extrair desses relatos foi o aumento da ansiedade entre os estudantes, tanto pelo fato do momento em que vivemos, associado ao ensino remoto, quanto pela presença no horizonte dos vestibulares. Podemos entender então, a partir dessa questão, que o ensino remoto em tempos de pandemia trouxe inovações da tecnologia para o processo educativo. Porém, os pontos negativos foram tão intensos por parte dos estudantes que encobriram o que poderia ser positivo e interessante relacionado às tecnologias digitais. Mesmo entendendo a necessidade e até mesmo a rapidez de como esse processo foi feito, a

potencialidade do ensino presencial foi colocada como superior ao ensino remoto, seja pela forma como foi aplicado e implementado, seja pelo período de isolamento social no qual vivemos, seja pelo excessivo emprego de telas que vem modificando nossa humanidade e nossas formas de nos constituirmos como sujeitos na coletividade e que, talvez, vislumbra-se a necessidade de recuperá-la (MENDES; EVANGELISTA, no prelo).



## **5. A TECNOLOGIA, O PROFESSOR E OS PAIS: A VISÃO DO ALUNADO**

Neste último capítulo analítico, trabalhamos as seguintes categorias/seções: como o alunado vê o emprego das tecnologias digitais pelos docentes? Como os responsáveis interpretam o uso das ferramentas, o trabalho do professor e o trabalho da escola com as tecnologias digitais (se o responsável acompanha o processo)? Apresentamos também as perguntas da entrevista que foram relacionadas nesse agrupamento: 3) como ficará a função de professor? (Qual o seu futuro? Ele poderá ser substituído pela máquina? Por quê?). 4) Com o ensino on-line, os pais devem prestar mais ou menos atenção à educação dos filhos? Por quê?

### **5.1 Como o alunado vê o emprego das tecnologias digitais pelos docentes?**

Nessa categoria, abordamos a forma que o alunado observa e entende o emprego das tecnologias e plataformas digitais pelo corpo docente. Uma questão que devemos ter em mente quando começamos a analisar os dados dessa categoria é se os docentes tiveram o treinamento adequado para a utilização plena dessas ferramentas. Outro ponto importante: em uma sala de aula presencial, com um ritmo de conteúdo alucinante que se tem nos anos finais da Educação Básica, o quão é necessário para os docentes terem domínio sobre os dispositivos digitais?

As discussões sobre o currículo e a inserção da tecnologia dentro das práticas, tanto dos professores quanto das escolas, acabam sendo muito importantes para termos noção do que aconteceu em 2020 e 2021 no Brasil. Com o fechamento das escolas, por volta de março de 2020, logo quando a pandemia tomou corpo em todo país, muitas escolas aderiram aos meios digitais para continuar o seu ano letivo. No Colégio que pesquisamos, isso aconteceu de forma imediata, na semana seguinte ao isolamento social, promovendo o ensino remoto. Trata-se da ministração dos conteúdos através das plataformas Google for Education. O principal aplicativo usado foi o Google Meets, sendo as aulas ministradas e gravadas para posterior repasse aos alunos dentro de outro aplicativo Google, o Classroom.

Obviamente, não estava nos planos do Colégio o trabalho essencialmente on-line do ensino durante o ano letivo de 2020. Essa transformação obrigou a instituição a qualificar, o mais rápido possível, os seus profissionais para utilização dessas novas ferramentas de ensino e aprendizagem. Os sujeitos pesquisados, que compreendem a faixa final do Ensino Médio e o pré-vestibular, tiveram os quadros de disciplinas, horários e conteúdos mantidos do regime

presencial. Provavelmente, essa ação deve-se pelo fato desses sujeitos estarem sendo preparados para realizar a prova do Enem.

Entendemos que essa associação da tecnologia com o currículo não foi algo dialogado e amplamente debatido dentro da instituição, talvez por necessidade econômica ou pressão dos pais. Lembramos que se trata de uma escola da rede particular de ensino na qual o ambiente tecnológico foi rapidamente usado pelos profissionais da instituição. Como veremos mais a frente, a apropriação de forma crítica e reflexiva, com o domínio satisfatório desde o início do trabalho remoto desses instrumentos, ficou comprometida, também levando em consideração a urgência na qual essa utilização foi feita.

Se o ano de 2020, e se arrastando por 2021, não fosse acometido de uma pandemia, suspeitamos que esse ponto poderia ser respondido de forma mais adequada. Porém, a maior parte do ano letivo foi e continua sendo realizado de forma remota com a mediação das tecnologias digitais. Portanto, a apropriação dessas tecnologias por parte dos docentes pode ter acontecido de forma acelerada devido ao curto período, quanto foram interrompidos os encontros presenciais e começaram as aulas remotas (ARRUDA, 2020). Sendo assim, o olhar do alunado para a apropriação das tecnologias digitais e das ferramentas por parte dos docentes pode ter sido afetado diante dessa possibilidade.

Já na entrevista, a questão abordada foi sobre a função do professor (Como ficará a função de professor? Qual o seu futuro? Ele poderá ser substituído pela máquina? Por quê?). Nessa questão em particular esperava-se a compreensão dos estudantes em relação ao trabalho docente, principalmente durante o período de aulas remotas. Por parte dos discentes, ficou evidente o entendimento da necessidade do uso das tecnologias digitais. Como relata a literatura, o alunado entendeu, igualmente, que não houve tempo hábil para que os docentes se apropriassem adequadamente dos mecanismos e das ferramentas digitais (KOHAN, 2020). Assim, procuramos saber: qual seria o olhar desses estudantes para uma possível próxima etapa do processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar – a substituição do professor pela máquina e a substituição do espaço escolar pelo ciberespaço, a verdadeira revolução disruptiva? (CHRISTENSEN, 2015).

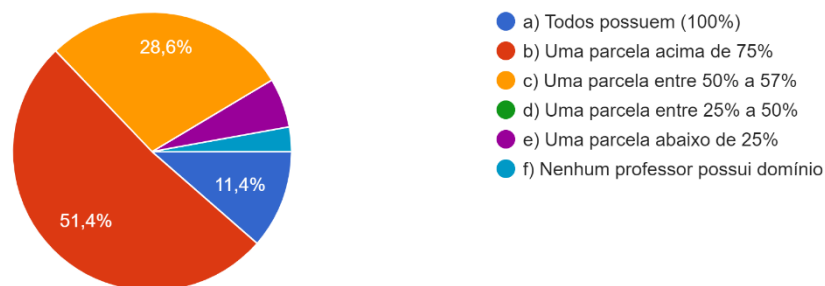
Para iniciar o estudo dessa categoria, temos o gráfico 14 abordando como o alunado identifica se os docentes da instituição possuem certo domínio das tecnologias digitais. Pensamos, mais especificamente, na utilização dos computadores e celulares, que podem ser ferramentas mais do cotidiano do docente, relacionadas à capacidade e facilidade de disponibilizar materiais de apoio como questões on-line, vídeos, resumos e imagens na Internet.

Em suma, artefatos amplamente disseminados e materiais corriqueiramente usados no dia a dia, muitas vezes utilizados como ferramentas de trabalho.

Gráfico 14 – Como você percebe o domínio das tecnologias digitais (computadores, celulares, facilidade na oferta de conteúdos on-line) pelos seus professores?

19- Como você percebe o domínio das tecnologias digitais (computadores, celulares, facilidade na oferta de conteúdos online) pelos seus professores?

35 respostas



Fonte: Do autor (2021).

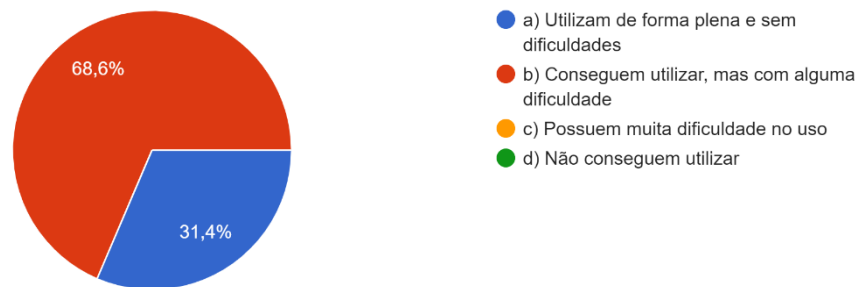
Notamos com as respostas acima que o alunado não considera que a totalidade do corpo docente possui domínio consistente das tecnologias digitais, havendo um certo descontentamento relacionado ao trabalho docente para distribuição dos conteúdos on-line. Nas entrevistas, vemos os argumentos de alguns estudantes para isso: “a educação on-line teve como principais pontos negativos no que acredito ser uma combinação de mau preparo e falta de experiência de alguns professores com as plataformas” (ESTUDANTE 3).

O gráfico 15 é complementar ao anterior, tratando de forma mais específica das ferramentas ofertadas e a sua utilização pelos docentes. É um gráfico importante para saber o quanto os docentes conseguem fazer com que o alunado se aproprie de forma correta do que foi postado. Partimos do pressuposto que, com o domínio da ferramenta, supostamente os conteúdos postados estarão de acordo com a necessidade daquela turma.

Gráfico 15 – em relação às ferramentas digitais ofertadas pela instituição de ensino, seus professores:

20- Em relação às ferramentas digitais ofertadas pela instituição de ensino, seus professores:

35 respostas



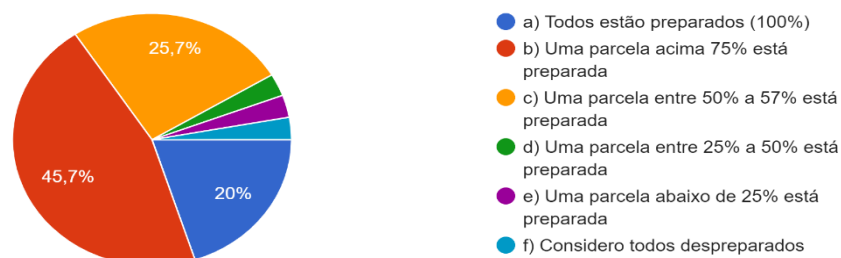
Fonte: Do autor (2021).

Como vemos na composição das respostas do gráfico anterior e no gráfico acima, a maioria não identifica a totalidade dos docentes com domínio das tecnologias digitais e, tampouco, das ferramentas digitais ofertadas pela instituição. A dificuldade assinalada estaria relacionada: 1) ao tipo de aplicativo utilizado? ou 2) a capacidade do docente em se apropriar adequadamente da tecnologia digital? A virada de uma situação de ensino presencial para a modalidade remota obrigou muitos docentes a se reinventarem, tendo que se apropriar dessa tecnologia de maneira mais rápida e eficaz possível. Nesse sentido, Kohan (2020) descreve essa situação como uma formação inventiva de professores no momento pandêmico que, muitas vezes sem os recursos necessários para fazer tal apropriação, acabaram tentando se adaptar para seguir na vida educativa on-line. O gráfico 16 trata esse ponto de maneira complementar.

Gráfico 16 – Você percebe preparo do corpo docente para a utilização dessas ferramentas?

21- Você percebe preparo do corpo docente para a utilização dessas ferramentas?

35 respostas



Fonte: Do autor (2021).

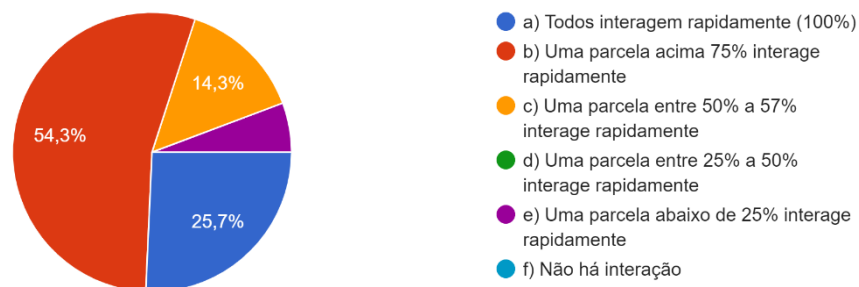
O gráfico 16 expõe a visão do alunado sobre se os docentes estavam devidamente preparados para a utilização plena daquilo que a instituição oferece para trabalho on-line. É

uma questão a se compor juntamente com as duas anteriores, dando-nos uma melhor ideia se as ferramentas que o alunado usava para estudar, os professores estavam preparados para explorar suas funcionalidades. Assim, evidencia-se as dificuldades notadas pelos estudantes ao observarem os docentes trabalhando com as ferramentas ofertadas pelo Colégio. Os entrevistados explanam que: “percebi diversas dificuldades, tanto para mim como aluno, como para os professores, sem muito preparo e conhecimento sobre as tecnologias (celulares, plataformas de streaming de aula etc.)” (ESTUDANTE 1), como também colocando que: “minha experiência foi confusa, mas não por conta dos professores, que não tem culpa alguma pois não foram preparados de uma forma adequada e se adequaram com o tempo, mas sim pela falta de inovação das escolas” (ESTUDANTE 8).

A composição do gráfico 17 volta à ideia da celeridade interativa dos docentes para com o alunado, só que dessa vez de forma direta nas ferramentas e plataformas digitais ofertadas pela instituição. Levamos em consideração que essa interação seja em horários de aula ou nos horários disponibilizados pela instituição, ou pelo próprio professor, para atendimento além do horário de aula.

Gráfico 17 – Dentro das ferramentas digitais, os professores interagem de forma rápida com os alunos?

22- Dentro das ferramentas digitais, os professores interagem de forma rápida com os alunos?  
35 respostas



Fonte: Do autor (2021).

Relacionando a questão do preparo do docente para as tecnologias digitais, os estudantes atrelaram-na com o futuro da profissão. Da necessidade da função ser atualizada pela inserção do digital na sala de aula, seja no uso dos dispositivos como celulares e computadores, seja no uso de aplicativos educacionais. Na questão da valorização: “acredito que a função do professor será mais valorizada futuramente” (ESTUDANTE 4), como também “a própria profissão do educador se mostra cada dia mais necessária e mais exigente, demandando cada vez mais do

profissional uma capacidade em mais áreas” (ESTUDANTE 3). Até mesmo pensando em como os professores “estão utilizando novas ferramentas para ensino, o empenho que eles se propuseram a fazer só para uma melhor forma de ensinar o aluno em tempos de pandemia é algo impressionante” (ESTUDANTE 4), deixando evidente que “a tecnologia irá ajudar os professores, mas não acho que possam substituí-los” (ESTUDANTE 11).

Articulamos os dados do gráfico 17 com o gráfico 16, ao apresentar o preparo dos profissionais com essas ferramentas. Assim, novamente voltamos ao questionamento inicial: houve tempo e treinamento adequados para tanto, ou simplesmente os docentes começaram a empregar as plataformas de ensino com uma formação inicial recebida? Para Kohan (2020), essa mudança, ocorrida de forma emergencial, obrigou os professores a serem rápidos na inventividade para o ensino remoto. Além disso, o tempo livre foi pesadamente diminuído, aumentando a carga de trabalho. Nesse ponto, o autor acrescenta que acelerou o processo de adoção de um ensino completamente em detrimento de uma formação mais adequada. A questão sobre a interação evidencia que, apesar entendermos que essas plataformas não agem da mesma forma, nas redes sociais há uma certa celeridade na troca de informações entre os docentes e os estudantes. Assim, para Barbosa e Júnior (2020), esses meios de comunicação tendem a essa celeridade por causa dos próprios usuários que enxergam essa potencialidade e, diante da necessidade em uma pandemia, passam a ser mais participativos e colaborativos.

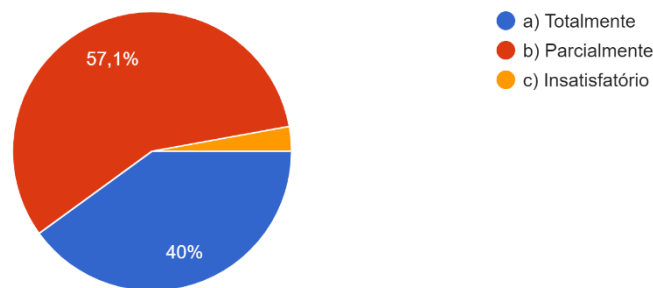
A questão da interação volta sempre nas discussões de sua importância para o aprendizado e melhor funcionamento das instituições escolares. Na entrevista, especificamente na questão 3, os estudantes relataram que a interatividade entre professor e aluno é o principal elo, justificando a importância da função docente. Como veremos em algumas respostas, as interações on-line são muito inferiores e não oferecem aos estudantes as respostas que almejam durante as aulas. Dessa forma, “a profissão de professor necessita da interação humana, seja ela por vídeo ou presencial, sendo peça fundamental na aprendizagem” (ESTUDANTE 1), e acrescentando que “o processo do aprendizado é algo extremamente pessoal de cada aluno, sendo impossível substituir a interação que há em sala de aula, algo que se mostra de extrema importância” (ESTUDANTE 3). Os entrevistados reafirmam a necessidade de aulas mediadas pelo professor, visto que “ele não apenas passa uma matéria. Passa também um ponto de vista com opiniões, além de auxiliar na formação do aluno” (ESTUDANTE 5), afirmando “que a interação e a humanidade do professor para com o aluno não poderão ser substituídas, sabemos que as melhores maneiras de aprender são com interações, piadas, músicas, conselhos” (ESTUDANTE 9).

No encerramento das questões dessa categoria, temos o gráfico 18 trazendo o questionamento sobre se as informações que os professores publicam nas ferramentas disponibilizadas pela escola são adequadas e atendem as necessidades para melhor entendimento de determinado conteúdo, como material de apoio ou lista de atividades e exercícios.

Gráfico 18 – O conteúdo publicado pelos professores (atividades, resoluções, vídeos, materiais de aula) via ferramentas digitais atendem as suas necessidades?

23- O conteúdo publicado pelos professores (atividades, resoluções, vídeos, materiais de aula) via ferramentas digitais atendem as suas necessidades?

35 respostas



Fonte: Do autor (2021).

Nesse gráfico, apesar de vermos alguns dados anteriores que mostram a falta de habilidade de alguns docentes com as tecnologias e/ou ferramentas digitais, o alunado entende como satisfatório a disponibilização por parte dos professores de matérias de apoio e outros componentes auxiliares, o que pode nos indicar que esse complemento possa suprir uma certa falta de apropriação dos docentes para com a totalidade das ferramentas ofertadas.

É possível notar, em um primeiro momento, que há uma consideração de que as mudanças pelas quais a profissão docente passou nesse período foi algo exclusivo do cenário em que vivemos na atualidade, levando os docentes a tentarem se adaptar mais rápido possível às tecnologias digitais. Kohan (2020) atenta-nos para o fato de uma formação para a educação on-line ter sido feita de forma emergencial e, em muitos casos, realizada por conta do próprio docente.

Entendemos, então, que a inserção das tecnologias digitais no currículo deve ser feita por meio de políticas públicas para que se possa garantir a apropriação adequada dos artefatos pelos docentes. A associação das tecnologias com o currículo necessita que os envolvidos nos processos educativos olhem para o digital e o interprete de forma crítica, com olhares na

contemporaneidade. Nesse mesmo ambiente, a compreensão de currículo perpassa a ideia de exploração completa do que as tecnologias podem oferecer, dentro da totalidade do hipertexto, além da criação de uma rede de colaboração sem limitação geográfica (ALMEIDA; SILVA, 2011).

Nesse cenário, para Almeida e Silva (2011) toma centralidade o currículo real (no campo do currículo, também conhecido como currículo em ação), noção surgida da prática social, com base na relação de ensino e aprendizagem entre professores e alunos, em processos mediados pelas tecnologias digitais. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Almeida e Silva (2014) tratam o currículo como um direito inalienável do professor e do aluno, levando em consideração os processos formadores do professor e as práticas pedagógicas que fornecem, ou propõem, autonomia de professores e alunos.

Sobre esse aspecto, não somente devemos olhar o currículo escolar como também é importante ter sensibilidade no currículo de formação do professor. Educadores, em seus processos de formação, devem se apropriar das tecnologias digitais para usá-las de forma crítica, observando as formas de alteração que vão se dar nas estruturas curriculares advindas de propostas oficiais. Além dos profissionais, é necessário que o ambiente escolar faça parte da estrutura da cultura digital, podendo assim articular-se de forma mais adequada com a sociedade contemporânea (ALMEIDA; SILVA, 2011).

Nessa discussão sobre a formação dos professores, Almeida et al (2020) apresentaram uma revisão sistemática da literatura dentro da revista digital E-Curriculum, no que tange as pesquisas referentes a questão de currículo e tecnologia. Evidenciaram que a formação de professores para o uso de tecnologias é algo em destaque nessa revista. Mostram também que a difusão das tecnologias de informação e comunicação na sociedade acaba levando a necessidade de uma formação específica para o seu uso. Na formação e no aperfeiçoamento profissional, os professores que participam de propostas educacionais que tem a introdução ou a mediação pelas tecnologias são capazes de se apropriarem melhor delas de forma crítica e reflexiva. Essa formação deve ser capaz de desenvolver o currículo abordando a junção da teoria e a prática docentes (ALMEIDA et al, 2020). Quando nos debruçamos sobre os problemas que atingem diretamente a educação, notamos que esses problemas não estão ligados apenas ao currículo em si, como, igualmente, à formação do profissional relacionada ao que será desenvolvido nos currículos das instituições de ensino. Para Almeida e Silva (2014), o trabalho docente – tanto sua teorização quanto sua prática – está diretamente ligado aos impasses que ocorrem na questão curricular.



Não podemos esquecer do local onde as práticas curriculares serão postas em evidência, ou seja, na escola. De acordo com Souza e Fazenda (2017), a escola é constituída por um projeto social educacional, onde as disciplinas são organizadas e inter-relacionadas, daí surgindo a sua concepção curricular. Se a escola for o espaço de diálogo, vai ser capaz de criar um ambiente no qual as concepções para práticas críticas e reflexivas se tornem efetivas. Para as autoras, quando a escola define o seu posicionamento ideológico, será capaz de incorporar as tecnologias ao currículo e às práticas pedagógicas.

Em um segundo momento, foi evidenciado pelas respostas dos estudantes, que a função docente não será substituída, pois traz consigo a possibilidade de uma interação diferenciada com os alunos e alunas dentro de sala de aula. Essa interação leva em consideração o processo de entendimento e trabalho com a subjetividade dos estudantes, assim transformando os processos de ensino e aprendizagem em algo mais próximo e intimista, algo que uma máquina jamais seria capaz de realizar, pelo menos nas próximas décadas do nosso século.

É inegável que a educação brasileira necessita de adaptações e melhorias que atinjam de forma quantitativa e qualitativa todo território nacional. Tal amplitude está associada diretamente as discussões com o poder público, com a sociedade e os profissionais, passando pelas questões tecnológicas, devido a sua presença na nossa cultura. Trabalhar a criticidade no debate sobre a inserção das tecnologias e o currículo faz com que os profissionais da educação e os alunos possam ter mais autonomia e liberdade para se expressar, possibilitando então uma maior democratização no acesso e entendimento sobre o uso da tecnologia (ALMEIDA; SILVA, 2014).

Na linha de Almeida e Silva (2014), as mudanças curriculares são alterações – ou pelo menos deveriam ser – nas políticas públicas voltadas para educação, como também naquelas voltadas para a formação dos professores, sempre em busca da construção de um projeto de nação pautado nos direitos sociais. Desse modo, ao pensar na introdução das tecnologias no ambiente educacional, deve-se levar em consideração que elas são instrumentos de estruturação cultural e do pensamento, por isso é necessária sua apropriação de forma crítica (ALMEIDA et al, 2020). Somente por meio da apropriação das tecnologias digitais por parte dos professores será possível pensar em uma democratização das oportunidades e da participação na construção crítica do saber (PARASKEVA; OLIVEIRA, 2008).

Por fim, outra relação interessante que os estudantes apontam seria, a princípio como uma visão otimista de um futuro pós-pandêmico, uma intensa valorização do professor e da profissão docente, considerando haver grande demanda pós cenário atual em que haveria uma

corrida para as aulas presenciais e a necessidade de uma retomada da interação no ambiente escolar. Somado a isso, vale ressaltar que algumas respostas apontam que a função docente terá como auxiliar a tecnologia, sendo mais bem aplicada e estudada que no atual momento. Apesar dessa percepção dos alunos, Arruda (2020) nos alerta que se não houver uma proposição de políticas públicas voltadas para equilibrar o acesso às tecnologias, principalmente entre os que dependem do ensino público, e as instituições não nivelarem o acesso e o conhecimento dos docentes, corremos o risco de ampliar a desvalorização educacional no país, dando mais espaço para a mercantilização do ensino.

## **5.2 Como os responsáveis interpretam o uso das ferramentas, o trabalho do professor e o trabalho da escola com as tecnologias digitais?**

Na última categoria do questionário, discutimos como os responsáveis notam o uso das tecnologias digitais por parte dos professores e da escola. É importante perceber que, como a totalidade desses estudantes ainda são financeiramente sustentados pelos responsáveis – haja vista que passam a maior parte do tempo envolvidos em aula, tanto no Ensino Médio quanto no pré-vestibular – as aulas acontecem (mesmo no formato on-line) em dois períodos (manhã e tarde), inviabilizando os estudantes exercerem atividades remuneradas. Sendo assim, é necessário analisar a visão que esses responsáveis têm da utilização das tecnologias e ferramentas digitais, buscando perceber se há o acompanhamento direto por parte dos responsáveis no processo de ensino e aprendizagem do alunado. Por outro lado, em um estudo realizado por Neumann e Missel (2019), apresentando dados da Sociedade Brasileira de Pediatria de 2016, em uma composição de 29,7 milhões de pesquisados, descreve-se que na faixa entre 9-17 anos, cerca de 11% das famílias não têm a mínima noção do que seus filhos fazem na Internet e cerca de 41% sabem mais ou menos o que seus filhos fazem.

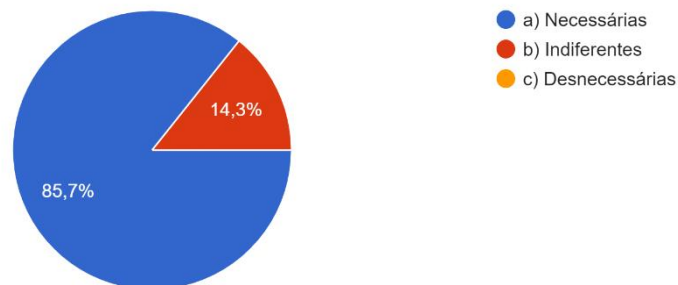
Na nossa última questão da entrevista (Com o ensino on-line, os pais devem prestar mais ou menos atenção à educação dos filhos? Por quê?), esperávamos identificar: a) apontamentos dos estudantes sobre a relação que os pais ou responsáveis têm na percepção do ensino remoto; b) com o uso aprofundado das tecnologias digitais pelos seus filhos e filhas, se há ou não um certo monitoramento para evitar desvios durante o processo de estudo ou até mesmo nas aulas; c) como seria, ou está sendo, o papel dos pais ou responsáveis dentro da casa no processo de ensino-aprendizagem desses estudantes. É interessante captar a percepção desses estudantes sobre como os seus responsáveis, e até mesmo os responsáveis de outros estudantes, têm

participado na construção da educação. Além disso, será possível captar a subjetividade de como acontece o relacionamento nesse ambiente.

Para início das análises dessa categoria, temos o gráfico 19 que representa se os responsáveis veem o uso dessas ferramentas digitais como algo necessário para a aula ou para o aprendizado dos alunos e alunas. Esse é o primeiro que poderemos notar as formas pelas quais os responsáveis acompanham o alunado no processo escolar.

Gráfico 19 – Seus pais ou responsáveis consideram o uso das ferramentas digitais como:

24- Seus pais ou responsáveis consideram o uso das ferramentas digitais como:  
35 respostas



Fonte: Do autor (2021).

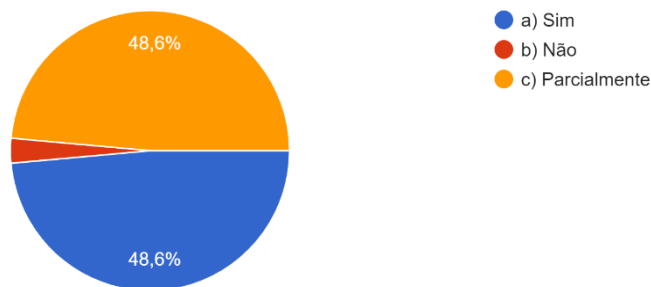
Logo no primeiro gráfico afirma-se a importância das tecnologias digitais, mas suspeitamos que isso seja por dois aspectos. O primeiro, ligado ao suporte oferecido pela instituição (inclusive na mensalidade). Em segundo lugar, a própria pandemia que obrigou o processo educativo a migrar totalmente para o on-line. Podemos entender que os responsáveis que responderam a alternativa indiferente podem estar se referindo ao desconhecimento das funcionalidades dessas ferramentas.

O próximo gráfico entra como auxiliar no entendimento do gráfico 19. Nele teremos alguma noção do conhecimento dos responsáveis sobre as ferramentas digitais em uso pela instituição e pelos professores.

Gráfico 20: Seus pais têm conhecimento ou prática no uso dessas ferramentas digitais?

25- Seus pais têm conhecimento ou prática no uso dessas ferramentas digitais?

35 respostas



Fonte: Do autor (2021).

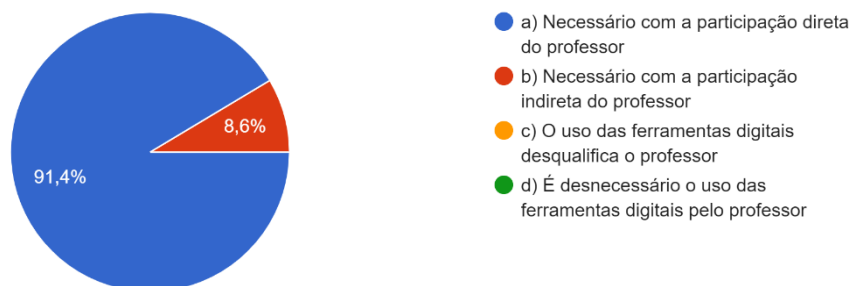
No gráfico 20 notamos que os responsáveis não possuem o entendimento ou a apropriação plena dessas ferramentas, talvez por se tratar de ferramentas educacionais ou por não acompanharem de forma direta a aprendizagem dos filhos. Tal acompanhamento seria muito importante, afinal de contas é sempre bom ter os responsáveis auxiliando no processo de aprendizagem e, até mesmo, nas formas de interação com o tipo de plataforma e tecnologia disponibilizado pela escola. Isso fica evidenciado na fala do estudante a seguir: “agora, com o ensino on-line, o pai apenas confia na palavra de seus filhos, pois na maioria das vezes ele é o que menos sabe mexer com a tecnologia” (ESTUDANTE 8).

O gráfico 21 nos ajudará a compreender se, no modo remoto e com a utilização total dos meios digitais, o trabalho do docente consegue seguir certa relevância, como era no formato presencial. As respostas apresentadas corroborarão com as análises feitas aos gráficos anteriores dessa categoria.

Gráfico 21 – Como seus pais consideram o trabalho do professor com as ferramentas digitais?

26- Como seus pais consideram o trabalho do professor com as ferramentas digitais?

35 respostas



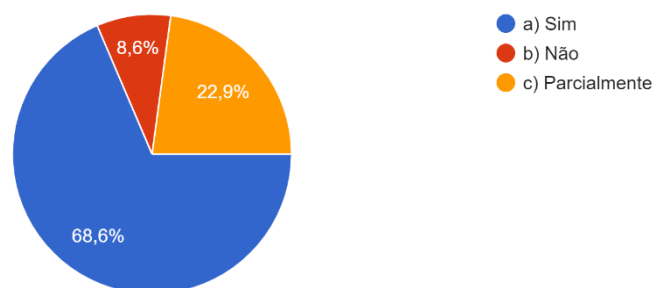
Fonte: Do autor (2021).

No gráfico acima torna-se nítido o olhar dos responsáveis para com a necessidade da mediação dos docentes entre as plataformas de ensino digitais e os estudantes. Podem ter a sensação de que os filhos não conseguem ainda fazer esse caminho da aprendizagem sozinhos e que a figura do docente é a que faz isso acontecer na realidade. E, levando em consideração as respostas anteriores, quando a metade dos responsáveis afirmaram não ter conhecimento pleno das ferramentas, o papel dos docentes é visto mais ainda como fundamental nesse processo.

O gráfico 22 entra como um aspecto caminhando para conclusão dessa categoria, ao analisarmos se os responsáveis entendem que as ferramentas disponibilizadas pela instituição são as mais adequadas para o ensino e a aprendizagem na modalidade remota.

Gráfico 22 – Na avaliação de seus pais, a instituição prioriza as ferramentas digitais adequadas para o ensino?

27- Na avaliação de seus pais, a instituição prioriza ferramentas digitais adequadas para o ensino?  
35 respostas



Fonte: Do autor (2021).

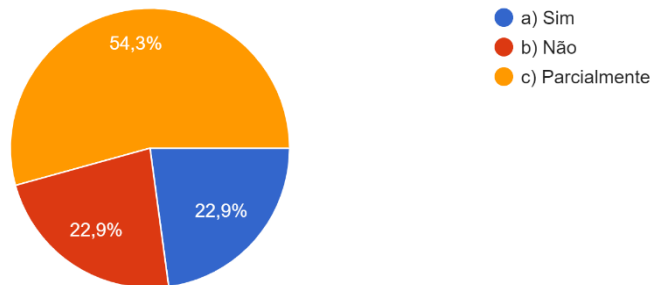
Como já dissemos anteriormente, para os responsáveis avaliarem se as ferramentas são adequadas, devem ter um conhecimento sobre elas. Entendemos que nessa questão muitos dos responsáveis devem ter respondido afirmativamente, mesmo sem ter esse entendimento sobre essas ferramentas, comungando com o pensamento da instituição, pois devem avaliar que se essas ferramentas digitais não fossem adequadas, não estariam utilizando-a. Além disso, os responsáveis podem estar sendo guiados pelas falas dos estudantes ao relatar algum descontentamento sobre as plataformas.

Para o nosso último gráfico dessa categoria, levantamos o questionamento se os responsáveis acompanham os estudantes nesse processo de ensino e aprendizagem. No gráfico 23, apresenta-se a ideia de que a maioria responsáveis acompanha de fato o processo de

aprendizagem dos estudantes. Desse modo, ao digitalizar o processo de ensino e aprendizagem, quanto mais os responsáveis estiverem entendendo a mecânica de funcionamento desse modelo, maior será o investimento para a aquisição e melhoria dos dispositivos tecnológicos digitais, pois há a compreensão da necessidade de aprimoramento em prol dos estudantes. Nesse sentido Neumann e Missel (2019) colocam que os pais acabam sendo forçados a assumir novas posturas para atender e orientar os seus filhos.

Gráfico 23 – Seus pais acompanham o seu processo de aprendizado nas plataformas digitais?

28- Seus pais acompanham o seu processo de aprendizado nas plataformas digitais?  
35 respostas



Fonte: Do autor (2021).

A partir dessa questão, os questionamentos da última pergunta da entrevista se desenrolam em alguns pontos interessantes, que colaboram com a nossa análise quantitativa. Acompanhar o processo escolar é uma ferramenta muito importante para o aprendizado, principalmente no ensino remoto no qual, como já vimos, a questão da interação é uma peça-chave para isso.

Para alguns estudantes, essa atenção dos responsáveis deveria ser mais voltada para os mais novos, levando em consideração que “o ensino on-line pode prejudicar muito a educação social, já que é na escola que a criança aprende a interagir com outras pessoas” (ESTUDANTE 6), mas além disso devem também “prestar mais atenção à educação dos filhos, tendo contato e auxiliando na aprendizagem das matérias” (ESTUDANTE 2). Na questão de monitoramento direto “os pais deviam prestar mais atenção à educação dos filhos, já que o monitoramento do ensino era previamente feito pelos professores, que agora não têm muito controle do que os alunos estão fazendo na Internet” (ESTUDANTE 3), ponderando que para isso “as crianças devem receber maior atenção, pois elas facilmente dispersam das aulas e começam a querer realizar outras atividades no horário de aula” (ESTUDANTE 5).

Seguindo essa linha, outro relato importante é a função que os responsáveis têm como fonte de interação com os estudantes em casa. São relatados a importância que isso possui como substituição ao que acontecia em sala de aula presencial, dessa forma “os pais deveriam se aproximar e criar um vínculo maior no sentido de amizade, mostrar que estão apoiando seus filhos, e que sempre estarão lá para tirarem dúvidas e auxiliar em algo” (ESTUDANTE 4). Indo mais além na discussão “o ideal seria que os pais ajudassem seus filhos a estudarem, já que há falta de interações sociais que acompanhem a educação on-line” (ESTUDANTE 3).

As respostas dessa questão nos pareceram bem interessantes, pois há algumas separações etárias feitas nas respostas dos estudantes. A primeira separação vista é a necessidade que os responsáveis têm de monitorar os mais novos por causa dos perigos que existem na Internet. Nota-se uma maior argumentação para que os responsáveis tomem cuidado redobrado com os mais novos, evitando-se uma navegação sem controle nas redes sociais e um excesso de horas nos jogos eletrônicos. É visto como necessário o auxílio desses responsáveis nas primeiras etapas escolares, pois sem a presença do docente, a ajuda de um adulto responsável se torna essencial para os mais novos. Como demonstra os dados analisados por Neumann e Missel (2019), ao apresentar que cerca de 57,17% dos jovens entre 9-17 anos estão conectados sozinhos, sem nenhum tipo de supervisão dos responsáveis, provavelmente muitos desses responsáveis estabelecem regras de uso dos dispositivos de acesso à Internet, como horário e tempo de uso, porém não supervisionam o uso.

Quando as respostas mudam o tom de faixa etária e passam a tratar de suas próprias idades, esses estudantes relatam a necessidade de uma maior aproximação dos responsáveis, não exercendo apenas a função da cobrança (levando em consideração que a maioria está em idade para tentar processos avaliativos de acesso ao Ensino Superior), como também oferecendo maior grau de atenção e cuidados e uma compreensão sobre o que passam naquele ambiente. Esse suporte emocional poderia ser uma substituição do papel de seus amigos e suas amigas dentro do ambiente escolar. Portanto, notamos a necessidade de que haja uma presença marcante dos responsáveis no processo educativo no sistema remoto, seja como forma auxiliar aos mais novos para o entendimento das disciplinas, seja como um suporte emocional para os mais velhos devido ao distanciamento dos colegas e do ambiente de sala de aula.

Com relação ao ensino remoto, podemos ver opiniões semelhantes dos entrevistados com relação aos responsáveis, visto que “parece mais estressante do que o presencial, por isso eu acho que os pais deveriam prestar mais atenção nos filhos nas suas questões de adaptação e encorajar” (ESTUDANTE 10), já que “as pessoas não estão mais tão próximas fisicamente uma

das outras, por isso é mais que necessário que os pais sejam ainda mais um apoio aos filhos” (ESTUDANTE 10). Nesse sentido “os pais devem ter uma confiança maior em seus filhos, e acreditar que eles estão estudando e não fazendo outras coisas aleatórias” (ESTUDANTE 11). Mas não podendo esquecer que “os alunos precisam de cuidado e compreensão, assim como os professores também. Essa relação não deve se tornar apenas mais uma relação de cobrança, não seria produtivo, pois os alunos já recebem isso demais” (ESTUDANTE 9).

Se faz necessário relembrar que no decorrer do ano de 2020 o mundo enfrentou a pandemia do Covid-19. Nesse sentido, muitos lugares, inclusive o Brasil, fecharam suas redes educacionais para evitar a propagação do vírus. No Brasil, com as escolas fechadas, optou-se pelo modelo de ensino remoto (principalmente na rede privada de ensino), na qual as aulas foram ministradas através de lives, muitas vezes com acompanhamento em plataformas AVA. Agora em 2021, devido a persistência pandêmica no país e por falta de segurança sanitária, o cenário mudou muito pouco de um ano para o outro. Já no ano de 2020, mas com uma força avassaladora em 2021, a adoção do ensino híbrido veio à tona.

Uma das formas de introduzir a discussão sobre o ensino híbrido é a tentativa de entender o conceito de híbrido, em uma de suas origens no plano da biologia. De acordo com Castro et al (2015), está relacionada a junção de duas espécies distintas e que na maioria dos casos, não gerariam descendentes. Já para Christensen, Horn e Staker (2013), a teoria do híbrido levaria a junção de uma tecnologia antiga com uma tecnologia nova, criando um meio termo entre elas e absorvendo o melhor que ambas podem oferecer, e no caso, agradando um possível mercado consumidor, pois seria o eixo principal desse avanço tecnológico. Christensen, Horn e Staker (2013) expõe quatro pontos para caracterizarem o híbrido: a mescla de tecnologias antigas e novas; serve para os clientes que já consomem um determinado produto (no caso, o ensino); pode ocupar o lugar da tecnologia atual, com a obrigação de gerar um desempenho melhor; e, por fim, tendem a ser menos simples de operar.

Por essa breve introdução, visualizamos que o conceito do híbrido é complexo e bastante amplo em sua definição. Entender como o híbrido pode funcionar nos processos educativos é uma discussão atual e com relevância para as práticas docentes em um período pandêmico e, ao que tudo indica, pós-pandêmico. Possíveis mudanças no cenário escolar atual que possam gerar uma melhoria no desempenho dos alunos, significando uma melhoria na aprendizagem, estão ligadas às maneiras pelas quais o ambiente escolar se apropria das tecnologias digitais e como isso responderá a realidade dos estudantes. A combinação do ensino tradicional com as modernas tecnologias digitais, com o auxílio de novas metodologias, dá-se o nome de ensino



híbrido (SCHIEHL; GASPARINI, 2017). Já para Brito (2020), o ensino híbrido teve sua origem na necessidade de conter a evasão nos cursos EAD ao retirar os estudantes de modo exclusivamente on-line, para algo que possibilitasse o contato presencial com professores e orientadores. Ainda para o autor, o seu aprimoramento surgiu com a associação de metodologias ativas, alternando entre o presencial e o on-line, utilizando estratégias para um aprendizado ativo.

Para Spinardi e Both (2017), o ensino híbrido utiliza o princípio de soluções mistas, adotando os mais variados caminhos para a aprendizagem. A adoção das tecnologias digitais possibilitou o surgimento do ensino híbrido. Seria um processo contínuo de aprendizagem unindo métodos e técnicas das tecnologias de informação e comunicação. O ensino híbrido então abriria espaço para uma flexibilização do tempo, apontando para uma maior autonomia dos alunos.

Um outro autor que conceitua como seria esse hibridismo na educação é Moran (2017), ao indicar a existência de vários caminhos para a aprendizagem, havendo uma flexibilidade nas formas de adquirir conhecimento, contrastando com a rigidez do tradicionalismo escolar. A educação seria flexível, fazendo a utilização das opções dadas pelas tecnologias digitais e sendo pensada de forma on-line. O ensino formal então estaria em um horizonte no qual apareceram as realidades híbridas e das metodologias ativas, tendo como base o aprender fazendo e a colaboração no processo de aprendizagem. Nesse cenário, os professores se tornariam cada vez mais mediadores do processo. O hibridismo, ao se associar às tecnologias digitais, vai oferecer uma maior flexibilidade em relação a todas as etapas da aprendizagem, incluindo a relação do tempo e espaço. Nota-se que é quase indissociável a relação entre o híbrido e as tecnologias digitais (MORAN, 2017).

Uma diferenciação que podemos ver com esse conceito é a que foi feita por Machado, Lupepso e Jungbluth (2018), no qual utilizam a expressão educação híbrida, ao invés de ensino híbrido, como um termo adotado para designar como esse tipo de ideia passou a fazer parte dos processos de ensino e aprendizagem na UFPR. Refere-se a uma abordagem da educação que mesclaria elementos presenciais com os elementos à distância, aumentando o repertório metodológico para estimular o ensino e o aprendizado. Aliado a esse processo, temos alteração do protagonismo no processo de aprendizado, agora focado no aluno e tendo os professores como mediadores e incentivadores da aprendizagem. Em sua experiência na UFPR, as autoras empregaram “o termo educação híbrida propondo uma mudança de cultura que compreende a utilização integrada do on-line com presencial, mudança dos papéis discentes, docentes e

cultura institucional” (MACHADO; LUPEPSO; JUNGBLUTH, 2018, p. 08). São propostos quatro pontos como princípios para se entender e conceituar a educação híbrida: 1) desenvolve a autonomia dos estudantes; 2) integra o ensino as tecnologias digitais; 3) promove a interação no virtual entre professores e estudantes; 4) propõe a individualização do caminho para o desempenho de cada um e a personalização de estratégias de ensino.

Cabe aqui ressaltar o alerta feito por Schiehl e Gasparini (2016) atentando para que apenas a introdução dos meios tecnológicos digitais não é suficiente para melhoria do processo de ensino e aprendizagem. É necessário e fundamental saber a maneira de usá-la em sala de aula. Um outro problema que podemos apontar na inserção das tecnologias digitais nesse processo de aprendizagem é a quantidade de informação dentro do fluxo ilimitado da Internet. Por isso será de extrema necessidade e importância haver filtragem para entender o que fazer com essas informações. No caso da utilização das tecnologias digitais na educação, essa filtragem é um processo que será parte do professor como um mediador somando-se, na perspectiva de um aprendizado ativo, a participação direta dos estudantes para que desenvolvam a responsabilidade e autonomia para análise crítica da sua produção de conhecimento (CASTRO et al, 2015).

Apesar dessa abrangência conceitual que temos sobre o que é híbrido e o que seria o ensino híbrido (e até mesmo a educação híbrida), notamos que os autores citados têm uma linha próxima de ideias ao pensarem o híbrido como mescla do on-line e do presencial, com mediação das tecnologias digitais. No entanto, Brito (2020) afirma que não há uma estrutura pedagógica definida unicamente para o ensino híbrido. O autor demonstra que há uma singularidade nesse tipo de ensino e indica a necessidade de discussão aprofundada para uma formulação de pedagogia própria.

Talvez, desde a ascensão das tecnologias digitais, o ensino presencial e a EAD sofreram influências de processos chamados de híbridos pelos autores apresentados. A partir de tal ascensão, ambos tiveram modificados seus tempos e espaços, sendo híbridos em seu cerne além da sala de aula, como um alongamento tanto do on-line quanto do presencial. Seria uma mistura de modelos pedagógicos de ambas as frentes. Nessa visão, podemos destacar três características basilares: a primeira sendo uma parte da aprendizagem on-line; a segunda sendo uma parte da aprendizagem fora de casa e presencial; e a terceira seria que essas aprendizagens sejam confluentes. O ideal, na perspectiva dos estudiosos, fosse uma interdependência e uma interpenetração dos ambientes (BRITO, 2020).

Spinardi e Both (2017) compilaram quatro modelos básicos que são os tipos mais comuns ao tratarmos do ensino híbrido, são eles: Flex, que trabalha instruções on-line com flexibilidade do suporte presencial; Blended misturado, que são disciplinas totalmente on-line que fazem complemento às disciplinas presenciais; o virtual enriquecido, parte é on-line e parte um complemento (uma atividade por exemplo) presencial; e o rodízio, que rotaciona o estudante em diversas estações de aprendizagem.

Um outro termo bastante comum que perpassa a questão conceitual sobre o ensino híbrido e como isso funciona ou deveria funcionar, é a questão da inovação. As inovações mais profundas na educação tendem a melhorar com o tempo, tanto em qualidade quanto em quantidade, até o momento de serem extremamente atrativas às necessidades do mercado. O ensino híbrido seria uma última etapa evolutiva dentro dessa mudança inovadora disruptiva na educação (CHRISTENSEN; HORN; STAKER, 2013).

Moran (2017) defende que essas inovações profundas, ou disrupções, quanto mais inseridas nos modelos educacionais, mais iriam apresentar currículos flexíveis e passíveis de personalização pelos estudantes e professores. Para o autor, a associação de metodologias ativas com tecnologias digitais resultaria nessa disrupção. Para Castro et al (2013), o híbrido, quando está no currículo, flexibilizaria a formação e envolveria todos estudantes e professores, além do presencial e do on-line, e ao mesmo tempo teríamos uma forma personalizada de acompanhar o rendimento de cada estudante. O ensino híbrido necessita de inovações nas propostas pedagógicas, porém sempre levando em consideração a realidade de cada escola (SCHIEHL; GASPARINI, 2016).

Interessante ressaltar também que o ensino híbrido por si só não é uma metodologia ativa, porém faz uso dela para garantir um processo de aprendizagem ativo. Nesse aspecto, Moran (2017) nos diz que as metodologias ativas são estratégias para o ensino e a aprendizagem, favorecendo que o estudante alcance o (ou seja levado ao) protagonismo na busca pelo conhecimento. A aprendizagem ativa nos ajuda a superar problemas cada vez mais complexos devido ao processo de flexibilização das formas de aprender. Já Brito (2020) pensa que a utilização das novas metodologias levaria a um processo de ressignificação do trabalho e dos projetos pedagógicos.

Ao pensar também o ensino híbrido como algo aplicável nos nossos meios educacionais, deveremos também levar em consideração os processos avaliativos. Sobre a avaliação é interessante que ela seja voltada para a prática dos estudantes com relação ao mundo em que vivem (MORAN, 2017). Spinardi e Both (2017, p. 8) nos dizem que:

no modelo híbrido, não basta enxergar a avaliação somente como momento de seleção entre os alunos habilitados ou não habilitados a continuar adiante. A avaliação precisa verificar o processo de aprendizagem e retornar o resultado ao aluno. O processo de feedback precisa ser o motor de reorientação da prática das aulas, ou seja, todos os componentes usados para verificar a aprendizagem precisam reagir aos resultados, para que dessa forma supram a demanda dos alunos para atingir um melhor resultado.

Assim, com base no resultado das avaliações, pode ser possível personalizar um ensino de acordo com a necessidade de cada um. As tecnologias digitais possibilitam uma análise constante do processo de ensino e aprendizagem (SPINARDI; BOTH, 2017). Moran (2017) corrobora dizendo que as tecnologias digitais oferecem uma estrutura na qual são capazes de fazer o diagnóstico das etapas de aprendizagem.

Então o ensino híbrido seria atrativo ou aplicável para todas as escolas do Brasil? Para Moran (2017) é possível adaptar um ensino híbrido a todos os tipos de escola, desde as mais ricas e tecnológicas até as mais carentes em estruturas. Para ele, o grande desafio do ensino híbrido e ativo seria equacionar qualidade x quantidade. Esse é um tipo de discussão que não saberemos responder com exatidão até podermos definir e construir uma conceituação mais precisa sobre o ensino híbrido. Devemos sempre levar em consideração os grandes abismos socioeconômicos de nosso país. Não podemos esquecer que existem escolas sem energia elétrica ou uma rede de saneamento básico, tendo em conta que em muitas realidades os estudantes frequentam os ambientes escolares para poderem se alimentar.

Por outro lado, é interessante notar como Christensen, Horn e Staker (2013) entendem que ao levar o on-line para sala de aula, haverá a escolha de um dos dois caminhos que vai se abrir: o primeiro caminho é o do híbrido como “o melhor dos dois mundos”, potencializando o on-line e o presencial; e o caminho disruptivo, que seria aplicação de modelos educacionais que afastariam dos modelos tradicionais, da sala de aula presencial. Independente de qual caminho a ser seguido, o ensino híbrido seria usado para aperfeiçoar as salas de aula tradicionais, especialmente para dar resposta às exigências do mercado.

De maneira um pouco diferente, Schiehl e Gasparini (2016, p. 2) dizem que “deve-se entender que o ensino híbrido não tem o propósito de substituir ou extinguir o ensino tradicional, mas o de reunir em um ambiente o melhor de ambos”. A introdução das tecnologias digitais nos processos educativos seria uma forma de melhorar os aspectos tradicionais da educação, principalmente pensando no Brasil. Da mesma forma, segue essa linha de pensamento Brito (2020, p. 8):

Portanto, quando as experiências no ambiente virtual e presencial se tornam indissociáveis, tem-se, então, o ensino híbrido – o que exige ações pedagógicas fundamentadas nos conteúdos curriculares, subsidiada pelas mídias digitais e pela Internet. Tudo em face do melhor aproveitamento pedagógico. Noutras palavras, é preciso fazer a triagem de conteúdos e definir ações pedagógicas que possam dar conta da “fusão” entre o virtual e o presencial.

Nota-se que o ensino híbrido é mais que uma simples mistura de conteúdos presenciais e on-line. Trata-se de uma forma conjunta de transmitir o conhecimento, de forma contínua e inter-relacional (BRITO, 2020). É um processo que poderá ser aplicado ao ensino brasileiro, entendendo as realidades socioeconômicas de cada localidade. Mesmo assim, não devemos atribuir ao mercado a simples liberdade de uma futura adoção desse modelo de ensino. Devemos entender a estrutura conceitual para poder formular um pensamento pedagógico adequado para cada realidade que encontrarmos.

No caso do nosso local de pesquisa, houve uma discussão sobre o híbrido e as atividades remotas. Na verdade, em todas as instituições privadas da cidade e das cidades próximas (e, provavelmente, foi um processo que ocorreu em quase todas no país), do retorno das atividades presenciais no formato do “híbrido”. O termo foi colocado em aspas por um motivo conceitual, pois o que está sendo pensado sobre é algo diferente do que foi discutido ao longo deste texto. O pensamento proposto, e colocado em prática para esse conceito, foi do retorno de uma parte da sala de aula (que estaria supostamente de acordo com as medidas sanitárias da OMS), e uma outra parte dos estudantes estaria em casa, assistindo a mesma aula em seus dispositivos digitais. Há uma troca entre os estudantes presenciais e on-line, no qual toda semana um grupo estaria em sala e o outro em casa. O professor ficou, então, responsável pelos estudantes na sala presencial, e no on-line, pois sua aula seria transmitida em tempo real para o grupo de estudantes em modo on-line.

Apesar da teoria exposta, a realidade que foi vista mostrou-nos uma outra percepção por parte dos estudantes. Em uma pergunta extra na entrevista, foi questionado o seguinte: “como vocês percebem o ensino denominado como Híbrido? É eficaz ou ineficaz? O emprego dele é feito de forma adequada, na opinião de vocês?”. Assim os estudantes tiveram a liberdade para expressar as visões sobre o emprego do ensino híbrido como foi anteriormente proposto. O ensino híbrido “para mim é ineficaz, a forma como é empregado é pessimamente estruturado, o que causa diversos problemas, mesmo sendo repentino e tudo mais, sinto que poucos deles foram solucionados ao longo desse ano na pandemia” (ESTUDANTE 4). Indo nessa linha de

raciocínio, um outro fator “muito prejudicial é a perda de tempo ajustando quesitos técnicos, com foco da câmera, conexão da Internet, fora que em muitos casos os alunos que permaneceram totalmente remoto se sentem esquecidos, pois há uma falta de atenção com eles, pois professores apenas interagem com aqueles que estão presencialmente” (ESTUDANTE 5). Com isso, o híbrido “que vejo atualmente é algo feito às pressas, não sendo seguro para os alunos que vão até a escola e sendo prejudicial aos alunos que não vão até a escola, tendo em vista que eles apenas saem perdendo por conta da má implementação do esquema de transmissão das aulas durante as duas semanas presenciais” (ESTUDANTE 3).

Sobre a questão da eficácia do ensino híbrido, consideram que “ele é para um grupo seleto de pessoas por uma semana. Para o resto das pessoas que ficaram em casa, continua o mesmo, e pra quem foi a aula e acabou seus dias de aprendizado presencial, ficando mais 2 semanas sem aprender 20% do que foi dado” (ESTUDANTE 8). Podendo pensar que a “eficácia é mais subjetiva e eu acredito que se acostumar com um sistema que engloba dois métodos de aula seria mais difícil do que apenas o on-line” (ESTUDANTE 10).

Apesar dessas críticas sobre a estrutura que foi planejada, foram descritos alguns pontos positivos, ao pensar que “é uma boa tentativa para a volta gradual das aulas, assim intercalando em grupos. Acredito que seja de certa forma eficaz, pois prefiro tendo pelo menos um pouco presencial, do que totalmente on-line” (ESTUDANTE 2). Possuindo percepções que o “híbrido possa ser eficaz mesmo com seus problemas, pois consegue assegurar pelo menos uma parte do conhecimento do aluno, uma vez que ele teria que ir até a aula no local, melhorando muito os problemas gerados pela aula on-line” (ESTUDANTE 1). Ver o lado positivo do ensino híbrido caminha pela ideia de que “o aluno passa a ter um contato direto com tecnologias e como associá-las a sua rotina de estudos” (ESTUDANTE 7) e, assim sendo, “suprir as necessidades sociais do estudante e, ao mesmo tempo, esse estudante consegue utilizar dos meios tecnológicos no auxílio de seus estudos individuais, além de ajudar na formação de um indivíduo mais responsável” (ESTUDANTE 1).

Até meados de 2021, esse foi o formato aplicado de forma hierárquica e vertical sobre o retorno às aulas no meio da maior crise sanitária do nosso país. Se isso se confirmar e se consolidar no futuro, podemos realmente chamar esse modelo de híbrido? Seria um pedido de reconfiguração conceitual ou o atendimento às pressões que o mercado e os pais estão exercendo nas instituições e governos? O que sabemos é que a discussão conceitual é longa e abrangente, não tendo definição fechada sobre, e nem como podemos aplicar para as diversas

realidades que possuímos. Pensar na forma dessa aplicação do modelo em meio de uma pandemia parece-nos uma ideia bastante temerosa.

Portanto, todas essas metodologias de ensino trabalhadas com base nas tecnologias digitais, juntamente com o apoio dos familiares, podem aproximar os alunos dos professores, possibilitando melhores diálogos e trocas de informações e saberes (NEUMANN; MISSEL, 2019). Sobre a atenção emocional, uma cartilha produzida pela Fiocruz (2020) indica cuidados especiais que os responsáveis deveriam ter com os mais jovens, principalmente com o isolamento social que restringe o contato com outros da mesma idade. Aborda também a importância familiar, da interação da rotina, explicando para as crianças os cuidados do que é a pandemia para que elas entendam do que se trata. Levanta uma discussão sobre fatores de riscos relacionados à violência contra criança que se acentuaram devido ao isolamento social. Discute o relacionamento com crianças com necessidades especiais e como lidar com elas em períodos pandêmicos. A cartilha conclui apresentando as preocupações e atenções que se deve dar aos filhos, preparando o término da quarentena e do isolamento social, não levando em conta as pressas colocadas para o retorno ao formato híbrido apresentado.

## 6. CONCLUSÃO

Com a pesquisa, buscamos entender as maneiras pelas quais os estudantes podem ou são estimulados a expandir o currículo escolar para além dos muros da escola, especialmente em um contexto pandêmico. Procuramos, nessa ótica, entender como os processos ciberculturais foram, na medida do possível, apropriados pelo processo educacional. Repassamos o conceito de cibercultura definido por Pierre Levy, juntamente com a definição de ciberespaço, também desenvolvido pelo autor. Assim fundamentado conceitualmente, buscamos entender como esses elementos se articulam dentro da sociedade do século XXI, que utiliza os dispositivos digitais com grande naturalidade no dia a dia para trabalho, lazer estudos... em suma, para outras formas de se viver as coisas.

É através desse ambiente que vai surfar a metodologia escolhida para realizar a pesquisa. A netnografia, que se apoia na etnografia, focando-se em ambientes da Internet e on-line, é potencializada com as ferramentas disponíveis no ciberespaço. A cibercultura associa-se a esse processo principalmente com a relação dos pesquisados com os dispositivos tecnológicos utilizados para captura de dados. Por meio dessa pesquisa, conseguimos compreender a maneira pelas quais os estudantes pesquisados utilizam e se apropriam das tecnologias digitais durante o seu dia a dia. Nesse aspecto, a pesquisa realizada por meio de ferramentas netnográficas como os questionários on-line nos mostrou numericamente a potencialidade dessas tecnologias como possível suporte educacional.

A netnografia nos deu suporte teórico-metodológico para realização dessa pesquisa aprofundada dentro dos meios digitais. Além dos métodos de captura e coleta de dados, nós utilizamos o diário de pesquisa como um auxiliar próximo durante todas as etapas. As descrições das etapas de pesquisa e as preocupações que a temática promovia ao se desenvolver as análises demonstraram os caminhos seguidos e como foram realizados os procedimentos. Sendo assim, a netnografia demonstrou ser uma metodologia com grande potencialidade para o emprego em meios escolares, sobretudo em pesquisas que não tenham a necessidade da presença física e do contato do pesquisador com os pesquisados.

Podemos entender também – através das entrevistas em grupos focais, associadas analiticamente com os dados dos questionários netnográficos – a função dos docentes quando da utilização desses dispositivos digitais. Conseguimos compreender igualmente a necessidade de interlocução do currículo com as tecnologias na formulação de políticas públicas adequadas, não entendendo a tecnologia como a salvadora do processo educacional, mas sim como um aspecto agregador de possibilidades e, dentro disso, a formação de profissionais com a



possibilidade de atuar no emprego das tecnologias digitais nos espaços escolares e educacionais.

Nessa proposta ainda articulamos uma discussão envolvendo os resultados do questionário e a questão de metodologias ativas de ensino e aprendizagem. De acordo com que a própria teoria nos diz, o processo de inovação tecnológica, dentro do ambiente escolar, seria algo benéfico quando bem articulado com o público com que se trabalha. Devemos sempre lembrar que o ambiente de nossa pesquisa se tratava de um ambiente escolar privado em que, como demonstra o próprio questionário, são pessoas de família de classe média na cidade, possuindo um poder aquisitivo mais elevado do que a maioria da população brasileira. Dessa forma compreendemos que a aplicação de uma metodologia inovadora baseada em tecnologias digitais talvez não seja possível, em sua plenitude, levando em conta o complexo processo educacional brasileiro.

Como um desmembramento dessas metodologias ativas, nós discutimos também sobre as possibilidades do ensino híbrido, tanto a sua difícil conceituação quanto as estratégias de aplicação dele nos dias de hoje. Ressaltamos que a pesquisa foi realizada durante a pandemia de Covid-19 e que grande parte dos alunos tiveram aulas durante 2020, basicamente, no modelo emergencial on-line e uma continuidade desse modelo na primeira metade de 2021. Quando a vacinação avançou, a instituição escolar em questão, apoiada em decisões da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais sobre o retorno das aulas no modelo presencial/híbrido, retomou as aulas em um sistema que foi denominado de híbrido. Esse sistema consistiu na separação das turmas em duas e o rodízio dessas turmas semanalmente. Lançamos mão de uma discussão teórica apoiada principalmente nas falas dos alunos nas entrevistas nos grupos focais nos quais podemos perceber que tal modelo adotado não foi capaz de suprir toda a demanda que esses estudantes demandaram, seja pela falta de preparo dos docentes, pelos problemas tecnológicos constantes ou até mesmo pela dinâmica que essa nova estrutura de sala de aula propunha.

Considerando o exposto até agora, voltemos as duas provocações iniciais logo na introdução do texto. A primeira delas é “para que serve a escola?” e a segunda, “se a escola tinha se tornado obsoleta?”. Em resposta, lembramos do próprio período pandêmico, em que a escola e o ensino, como ambiente e processo de trocas de saberes e aprendizado, acabaram sendo transformados e migraram do espaço físico determinado e conhecido para o local de residência dos professores e alunos, apoiados em ambientes on-line. A escola continuou tendo a sua função basilar de ensino, apesar da contingência da época, adotando meios digitais para

continuar exercendo sua função, sofrendo grandes modificações pautadas em supostas inovações tecnológicas. Porém, todo o contexto (tecnológico e pandêmico) trouxe grandes impactos no processo de ensino e aprendizagem, forçando mudanças em sua estrutura, principalmente no aspecto curricular. Obviamente essa reflexão deverá ser retomada em anos posteriores, quando tivermos ferramentas teórico-metodológicas e dados suficientes para se analisar os impactos e os efeitos produzidos pela pandemia e pelo isolamento social sobre a educação e a escola.

Dessa forma, podemos tirar como conclusão, pautados na problemática inicial dessa pesquisa, se o alunado consegue expandir o seu currículo para além dos muros da escola. Nessa direção, chegamos há alguns entendimentos pautados nas análises dos dados coletados com nossa metodologia. O primeiro deles, relaciona-se a qualidade da Internet disponível para que o estudante possa, em sua residência, acessar as plataformas que considerava mais adequadas para auxiliar seus estudos. Devemos lembrar também que tal rede tecnológica montada, com os dispositivos digitais variados e uma Internet com potência adequada, exige um aporte financeiro significativo, levando em consideração a atual realidade econômica da maioria dos brasileiros. Nossa pesquisa focou, de um lado, em um estamento de classe média de uma cidade do interior de Minas Gerais, mostrando que esse estamento (como vários estamentos da classe média e alta) possui condições de manter tal conectividade em seus domicílios. De outro, a instituição escolar também teve que oferecer plataformas adequadas e de fácil acesso on-line às aulas virtuais, possibilitando aos estudantes a tão sonhada expansão curricular.

Independentemente do tipo de metodologia a ser utilizada, ficou evidente nessa pesquisa – tanto pela literatura consultada sobre o tema como pelos dados coletados – a importância de uma formação docente adequada para o cenário que vivemos, com o intuito de otimizar o emprego das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem. Entendemos que a pandemia transformou esse uso em algo emergencial, podendo ter prejudicado a própria associação da tecnologia com a educação. Como vimos, por parte das análises realizadas, os alunos não se sentem tão confortáveis com o uso dessas tecnologias pela totalidade dos professores, muitas vezes deixando transparente que somente a existência dessas tecnologias não garante um bom uso ou um uso adequado.

Concluimos então que é possível que o alunado expanda o currículo para além dos muros da escola, dependendo das condições objetivas, econômica e materialmente falando. Nesse caso, uma condição tecnológica específica, com o uso dos dispositivos digitais adequados parece-nos central. Além disso, a mediação docente se faz necessária para aumentar

essa potencialidade do uso dessas tecnologias na educação. Assim, o currículo escolar seria como uma base de apoio teórica para os estudantes usarem em pesquisas mais aprofundadas em seus domicílios. Talvez seja importante, sempre que possível, repensar esse currículo escolar para melhor adaptação dos tempos em que vivemos. Novamente, deixamos evidente que a pandemia do Covid-19 possa ter transformado algumas dessas estruturas estudadas, como a percepção das tecnologias digitais na educação, coisa que antes da pandemia nós não tínhamos tanta noção da aplicabilidade de tantos dispositivos. Esperamos que depois do término da pandemia, muitas dessas ações que tiveram êxito possam ser aplicadas e readaptadas para o futuro, como também possamos aprender com os insucessos e agruras, que não foram poucos.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, J. G. A pesquisa etnográfica on-line em tempos de cultura da convergência. **Revista Observatório**, Palmas, v. 5, p. 109-131, out./dez. 2019. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2019v5n6p109.

ALMEIDA, E; VALENTE, J. Integração currículo e tecnologia e a produção de narrativas digitais. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 3, p. 57-82, set./dez. 2012. DOI: 10.21814/rpe.8871.

ALMEIDA, F. J.; SILVA, M. G. M. O Currículo como direito e a cultura digital. **Revista e-Curriculum**, v. 12, n. 2, p. 1233-1247, maio/out. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/766/76632206008.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

ALMEIDA, M. E. B; SILVA, M. G. M. Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo. **Revista e-curriculum**, v. 7 n. 1, abr. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/5676/4002>. Acesso em: 01 dez. 2020.

ALMEIDA M. E. B. de; PERRIER, G. R. F; GONÇALVES L. M, MUÑOZ C. M. S. Currículo e Tecnologia: revisão sistemática de literatura no âmbito da revista científica e-Curriculum. **Revista e-Curriculum**, v. 18, n. 2, p. 614-635 abr./jun. 2020. DOI: 10.23925/1809-3876.2020v18i2p614-635.

ALVES, W. B. et al. Ciberespaço e cibercultura: Contextos de possibilidades educacionais. **III Conedu**, Natal-RN, 2016. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/resumo.php?idtrabalho=2238>. Acesso em: 15 abr. 2019.

AMORIM, A; FERNANDES, G; GONÇALVES, P. **Práticas pedagógicas inovadoras: a construção dos blogs voltados para o ensino da EJA. ECCOM - EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO**, v. 9, p. 221-234, 2018. Disponível em: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/ECCOM/article/view/432/385>. Acesso em 14. jun. 2019.

ARRUDA, E. P.. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **REVISTA EMREDE**, v. 7, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 15 abr. 2020.

AULER, I.; CERICATTO, S. K.; SANTOS, G.F. O papel do professor e os desafios no contexto da cibercultura. **InterScience Place**, v. 11, p. 149-194, 2016. Disponível em: <http://www.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/584/384>. Acesso em: 08 out. 2019.

BARBOSA, M. S.; JÚNIOR, M. A. B. Engajamento e interatividade no ensino remoto: sala de aula digital em tempos de pandemia. **Revista Linguagem, Ensino e Educação**, v. 5, n. 2, jul. dez. 2020. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/lendu/article/view/6367>. Acesso em: 05 jan. 2021.

BASTOS, M. A. P. C.; CHAMPANGNATTE, D. M. O. Cibercultura – Perspectivas conceituais, abordagens alternativas de comunicação e movimentos sociais. **Revista de Estudos da Comunicação** v. 16, p. 312-326, 2015. DOI: 10.7213/rec.v16i41.22532.

BEMBEM, A. H. C.; SANTOS, P. L. V. A. C. Inteligência coletiva: um olhar sobre a produção de Pierre Lévy. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 18, p. 139-151, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/qxsGdQ7r46rLdMsGyrYyqXw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 dez. 2020.

BENNETT, S. et al. The ‘digital natives’ debate: A critical review of the evidence. **British Journal of Educational Technology**, v. 39 n. 5, p. 775-786, 2008. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/200772429\\_The\\_%27Digital\\_Natives%27\\_Debate\\_A\\_Critical\\_Review\\_of\\_the\\_Evidence](https://www.researchgate.net/publication/200772429_The_%27Digital_Natives%27_Debate_A_Critical_Review_of_the_Evidence). Acesso em: 20 out. 2020.

BRITO, J. M. S. A singularidade pedagógica do ensino híbrido. **EaD em Foco**, v. 10, n. 1, 2020. DOI: 10.18264/eadf.v10i1.948.

BRYMAN, A.; BELL, E. **Business research methods**. 2ª ed., New York: Oxford University Press, 2007

CAMBRAIA, A. C. Aprender e ensinar na Cibercultura: Desafios e Perspectivas Inovadoras. In: **V Seminário de Inclusão Digital**, 2018, Passo Fundo: Ed Universidade de Passo Fundo, 2018, v. 5. p. 1-10. Disponível em: [https://www.upf.br/\\_uploads/Conteudo/senid/2018-artigos-completos/178959.pdf](https://www.upf.br/_uploads/Conteudo/senid/2018-artigos-completos/178959.pdf). Acesso em: 05 ago. 2020.

CAPOBIANCO, L.; CURY, L. **A Cibercultura como uma questão de cultura**. In: III Simpósio Nacional ABCiber, 2009, São Paulo. Anais do III Simpósio Nacional ABCiber, 2009. Disponível em: [http://www.cca.eca.usp.br/sites/cca.eca.usp.br/files/eixo4\\_art16.pdf](http://www.cca.eca.usp.br/sites/cca.eca.usp.br/files/eixo4_art16.pdf). Acesso em: 01 fev. 2020.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 21.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

CASTELLS, M. A sociedade em rede: do conhecimento à ação política. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Orgs.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política: Conferência**. Belém (Por): Imprensa Nacional, 2005.

CASTRO, E. A.; COELHO, V.; SOARES, R.; SOUZA, L. K. S.; PEQUENO, J. O. M.; MOREIRA, J. R. Ensino Híbrido: Desafio da Contemporaneidade. **Revista Projeção e Docência**, v. 6, p. 47-58, 2015. Disponível em: <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/view/563>. Acesso em: 21 jun. 2019.

CORRÊA, M. V.; ROZADOS, H. B. F. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. **Encontros Bibli** (UFSC), v. 22, p. 1, 2017. DOI: 10.5007/1518-2924.2017v22n49p1.

CORSO, K. B; ESTELA, R. O; BANDEIRA, M. V. Como estão navegando nos cursos de pós-graduação em administração? um estudo sobre o uso da netnografia nas disciplinas de método de pesquisa. **Revista Observatório**, Palmas, v. 5, p. 232-248, out./dez. 2019. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2019v5n6p26.

CHRISTENSEN, C. M; HORN, M. B; STAKER, H. **Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos**. Clayton Christensen Institute, 2013. Disponível em: <https://www.christenseninstitute.org/publications/ensino-hibrido/>. Acesso em: 06 jul. 2020.

CHRISTENSEN, C. M. Prefácio: quando inovação disruptiva e paradigmas se chocam. In: HORN, M.; STAKER, H. (Orgs.). **Blended**: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

FERREIRA, A. A.; SILVA, B. D. Comunidade de prática on-line: uma estratégia para o desenvolvimento profissional dos professores de História. **Educação em Revista**, v. 30, p. 25, 2014. DOI: 10.1590/S0102-46982014000100003.

FREEMAN, S. EDDY, S. L. MCDONOUGH, M. SMITH, M. K. OKOROAFOR, N. JORDT, H. WENDEROTH, M. P. **Active learning increases student performance in science, engineering, and mathematics**. PNAS. Junho, 2014, v. 111, n. 23. DOI: 10.1073/pnas.1319030111.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz). Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia covid-19: Crianças na pandemia covid-19. Disponível em: [https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2020/05/crianc%cc%a7as\\_pandemia.pdf](https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2020/05/crianc%cc%a7as_pandemia.pdf). Acesso em: 10 mar. 2021.

GALVÃO, T. F; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para a sua elaboração. **Epidemiologia e Serviço de Saúde**, Brasília, 23 (1):183-184, jan./mar. 2014. DOI: 10.5123/S1679-49742014000100018.

GARCIA, E. Pesquisa bibliográfica versus revisão. **Línguas & Letras**, jan./mar, v. 17, n. 35, 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/13193/10642>. Acesso em: 05 jan. 2021.

GATTI, B. A. **Grupo Focal em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). **Pesquisa de orçamentos familiares**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101670.pdf>. Acesso em:

KOHAN, W. O. Formação inventiva de professores em tempos de pandemia: o que um louco lúcido nos convida a pensar e escrever? **MNEMOSINE**, v. 16, p. 53-66, 2020. DOI: 10.12957/mnemosine.2020.52682.

KOZINETS, R. V. On netnography: Initial reflections on consumer research investigations of cyberculture. **Advances in consumer research**, v. 25, n. 1, p. 366-371, 1998. Disponível em: <https://www.acrwebsite.org/volumes/8180>. Acesso em: 06 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. The field behind the screen: Using netnography for marketing research in on-line communities. **Journal of Marketing Research**, v. 39, p. 61-72, fev. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1509%2Fjmk.39.1.61.18935>.

\_\_\_\_\_. **Netnography: doing ethnographic research on-line**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2010.

\_\_\_\_\_. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica on-line**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1992.

LEMOS, A. **Anjos interativos e retribalização do mundo**. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2019.

LEMOS, A. Cidades Inteligentes. **GV Executivo**, v. 12, n. 2, jul./dez., 2013. DOI: DOI: 10.12660/gvexec.v12n2.2013.20720.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

MACHADO, N. S.; LUPEPSO, M. JUNGBLUTH. **Educação híbrida**. Curitiba: UFPR, s.d. Disponível em: [http://cipead.ufpr.br/portal1/materiais/ufpr\\_hibrida/livro\\_educacao\\_hibrida.pdf](http://cipead.ufpr.br/portal1/materiais/ufpr_hibrida/livro_educacao_hibrida.pdf). Acesso em: 16 nov. 2020.

MALTA, D. C. et al. A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, p. e2020407, 2020. DOI: 10.1590/S1679-49742020000400026.



MATTAR, J. **Metodologias ativas para a educação presencial, blended e a distância**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

MENDES, C. L. **Controla-me que te governo: os jogos para computador como formas de subjetivação e administração do “eu”**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre.

MENDES, C. L.; FREITAS, M. R. Netnografia: uma reflexão acerca da ética na pesquisa em comunidades escolares. No prelo.

MENDES, C. L.; EVANGELISTA, R. M. F. O controle do trabalho docente, as tecnologias móveis e a unesco. **ETD**, no prelo.

MORAN, J. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. In: YAEGASHI, Solange e outros (Orgs). **Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento**. Curitiba: CRV, 2017. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2018/03/Metodologias\\_Ativas.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2018/03/Metodologias_Ativas.pdf). Acesso em: 21 jan. 2020.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Editora Papirus, 2013.

MORAN, J. M. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, L.; MORAN, J. M. (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2017.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

NEUMANN, D. M. C; MISSEL, R. J. Família Digital: a influência da tecnologia nas relações entre pais e filhos adolescentes. **Pensando Famílias**, v. 23, n. 2, jul./dez. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2019000200007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200007). Acesso em: 13 mar. 2021.

OLIVEIRA, G. S.; CUNHA, A. M. O.; CORDEIRO, E. M.; SAAD, N. S. Grupo focal: Uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa? **Cadernos da Fucamp**, v. 19, n. 41,

p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/download/2208/1365>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PACHECO, J. A. **Escritos Curriculares**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

PARASKEVA, J. M; OLIVEIRA, L. R. Teoria Crítica, Currículo e Tecnologia Educativa. In: PARASKEVA, J. M; OLIVEIRA, L. R. (Orgs.). **Currículo e Tecnologia Educativa**. Portugal: Edições Pedago, 2008.

RAMOS, M. E. T. Apropriações de alunos do ensino médio quanto à história da cidade de Londrina-PR. **Revista Tempo e Argumento**, v. 8, n. 19, p. 60-95, set./dez. 2016. DOI: 10.5965/2175180308192016060.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: O advento dos pós-humano. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, p. 23-32, dez. 2003. DOI: 10.15448/1980-3729.2003.22.3229

SCHIEHL, E. P.; GASPARINI, I. Contribuições do Google Sala de Aula para o Ensino Híbrido. **RENTE. Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 14, p. 1-10, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rente/article/view/70684>. Acesso em: 20 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. Modelos de Ensino Híbrido: Um Mapeamento Sistemático da Literatura. In: Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE), 2017, Recife. Anais do XXVIII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE 2017) em conjunto com VI Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2017), 2017. p. 1-10. Disponível em: <https://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/7529>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOARES, M. B. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SOBRINHO, A. M. M. S; JÚNIOR, C. S. B; SARMENTO, E. B. Netnografia e espaços colaborativos de ensino e aprendizagem: o caso do blog – estágio II UFPE 2018.2 – do curso de letras-português da UFPE. **Revista Observatório**, Palmas, v. 5, p. 46-74, out./dez. 2019. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2019v5n6p46.

SOFFNER, R. K.; KIRSCH, D. B. Educação na Cibercultura: as tecnologias da inteligência e a práxis educativa. **Intersaberes (Facinter)**, v. 9, p. 220-229, set./dez. 2014. DOI: 10.22169/revint.v9i18.666.

SOUZA, M. A. de.; FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade, Currículo e Tecnologia: um estudo sobre práticas pedagógicas no Ensino Fundamental. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 2, p. 708-721, 2017. DOI: 10.21723/riace.v12.n2.8303.

SPINARDI, J. D.; BOTH, I. J. Blended Learning: o Ensino Híbrido e a Avaliação da Aprendizagem no Ensino Superior. **BOLETIM TÉCNICO DO SENAC**, v. 44, p. 101, 2018. Disponível em: <https://www.bts.senac.br/bts/article/view/648>. Acesso em: 23 fev. 2020.

WENCZENOVICZ, T. J.; GHISI, S. Sociedade da informação e cibercultura: A sociedade em rede e as mídias interativas no contexto escolar. In: Adalberto Simão Filho, Antônio Jorge Pereira Júnior, Valéria Ribas dos Nascimento. (Org.). **A Humanização do Direito e a Horizontalização da Justiça no século XXI: Direito e novas tecnologias II**. Florianópolis: CONPEDI. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=bab2a4505dc27eff>. Acesso em: 20 jan. 2020.

## 8. ANEXOS

### 8.1 ANEXO A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Prezado(a) Senhor(a), a menor em que o senhor(a) é responsável está sendo convidada a participar da pesquisa de forma totalmente voluntária da Universidade Federal de Lavras. Antes de concordar, é importante que compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Será garantida, durante todas as fases da pesquisa: sigilo; privacidade; e acesso aos resultados.

**I - Título do trabalho experimental:** A EXPANSÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: UM ESTUDO NETNOGRÁFICO

**Pesquisador(es) responsável(is):** Rafael Silva; Cláudio Lúcio Mendes

**Cargo/Função:** Mestrando em Educação – UFLA; Professor da Universidade Federal de Lavras

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Lavras/ Departamento de Educação

**Telefone para contato:** (35) 98819 2752

**Local da coleta de dados:** UNIS-MG COLÉGIO ALPHA

### II - OBJETIVOS

Investigar o grupo de estudantes da referida instituição que fazem parte do terceiro ano do ensino médio e do pré-vestibular. Analisar, através de ferramentas e de metodologia online, como os estudantes utilizam os artefatos tecnológicos fora das paredes da escola e a maneira que isso pode (ou não) contribuir para a aprendizagem do conteúdo.

### III – JUSTIFICATIVA

O uso de artefatos tecnológicos nos dias de hoje é algo muito comum aos estudantes em vários ambientes. Fora das paredes da escola, os usos desses artefatos podem possibilitar uma expansão e um aprofundamento dos conteúdos vistos na escola. Serão utilizadas ferramentas online para a captura e coleta dos dados. É importante ressaltar que a posterior divulgação dos dados de forma analítica será feita de maneira anônima. O arquivamento do material se dará até

o momento em que se finalizar a pesquisa. Após o término da pesquisa, tais dados serão descartados pelo próprio pesquisador.

#### **IV – Procedimentos do Experimento**

##### **AMOSTRA**

Dados dos estudantes do terceiro ano do ensino médio e do pré-vestibular.

##### **EXAMES**

Entrevista semi-estruturada online; formulário em forma questionário online; diário de campo.

#### **V- RISCOS ESPERADOS**

Os riscos da pesquisa para o voluntário participante (o aluno) são MÍNIMOS, levando em consideração que toda a pesquisa será realizada online. Os possíveis riscos serão de princípio emocional e psicológico, como a possibilidade de desconforto ao responder ao questionário, vergonha e medo da quebra do sigilo.

#### **VI – BENEFÍCIOS**

De maneira geral, os benefícios que as participantes terão por participar da pesquisa não irão se manifestar em curto prazo. A longo prazo poderão, a partir da participação na pesquisa, compreender o caminho que a prática estudada contribuiu para sua formação pessoal e cotidiana.

#### **VII – CRITÉRIOS PARA SUSPENDER OU ENCERRAR A PESQUISA**

A pesquisa será encerrada ao final da coleta dos dados realizada com os estudantes participantes, tanto do terceiro ano quanto do pré-vestibular. E será suspensa se não atingir um número mínimo de 20 estudantes participantes.

#### **VIII – Consentimento Pós- Informação**

Eu \_\_\_\_\_, responsável pelo menor \_\_\_\_\_, certifico que, tendo lido as informações acima e suficientemente esclarecido (a) de todos os itens, estou plenamente de acordo com a realização do experimento. Assim, eu autorizo a execução do trabalho de pesquisa exposto acima.

Varginha, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

---

Nome (legível) / RG

Assinatura

**ATENÇÃO!** Por sua participação, você: não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira; será ressarcido de despesas que eventualmente ocorrerem; será indenizado em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa; e terá o direito de desistir a qualquer momento, retirando o consentimento sem nenhuma penalidade e sem perder quaisquer benefícios. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos da UFLA. Endereço – Campus Universitário da UFLA, Pró-reitoria de pesquisa, COEP, caixa postal 3037. Telefone: 3829-5182.

**Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada com o pesquisador responsável e a outra será fornecida a você.**

*No caso de qualquer emergência entrar em contato com o pesquisador responsável no Departamento de Educação. Telefones de contato: (35) 38291445 – (35) 38294670*

## 8.2 ANEXO B

### TERMO DE ASSENTIMENTO

#### I - IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

**Título do trabalho experimental:** A EXPANSÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: UM ESTUDO NETNOGRÁFICO.

**Pesquisador(es) responsável(is):** Rafael Silva; Cláudio Lúcio Mendes

**Telefone para contato:** (35) 98819 2752

#### II - PROCEDIMENTOS DO EXPERIMENTO

Realizaremos uma entrevista semi-estruturada, que é uma entrevista com questões já formuladas em grupos do whatsapp, e em um formulário para questionário online na plataforma do Google Forms. Você poderá desistir da participação a qualquer momento. Nas entrevistas, as suas respostas serão gravadas e posteriormente transcritas de forma anônima, logo após terminar a pesquisa elas serão excluídas.

#### III - PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA

A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva ou ligue para o Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos da UFLA. Endereço – Campus Universitário da UFLA, Pró-reitoria de pesquisa, COEP, caixa postal 3037, Telefone: 3829-5182.

Eu \_\_\_\_\_, declaro que li e entendi todos os procedimentos que serão realizados neste trabalho. Declaro também que, fui informado que posso desistir a qualquer momento. Assim, após consentimento dos meus pais ou responsáveis, aceito participar como voluntário do projeto de pesquisa descrito acima. Varginha, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

NOME

(legível) \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_

ASSINATURA \_\_\_\_\_

**Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada com o pesquisador responsável e a outra será fornecida a você.**

*No caso de qualquer emergência entrar em contato com o pesquisador responsável no Departamento de Educação. Telefones de contato: (35) 3829 1445 - (35) 3829 4670*



### 8.3 ANEXO C

#### A EXPANSÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: UM ESTUDO NETNOGRÁFICO

**Aluno:** Rafael Silva

**Orientador:** prof. Cláudio Lúcio Mendes

Mestrando em Educação – UFLA; Professor da Universidade Federal de Lavras

#### COMENTÁRIOS ÉTICOS SOBRE O PROJETO DE PESQUISA

1) Indicação de qual resolução se enquadra a pesquisa:

( ) Resolução 466/2012.

▪ <http://www.prp.ufla.br/wp-content/uploads/2011/08/Reso466.pdf>

( X ) Resolução 510/2016 (Exclusivo para as áreas de Ciências Humanas e Sociais).

▪ <http://prp.ufla.br/wp-content/uploads/2011/07/Resolu%C3%A7%C3%A3o510.pdf>

2) Modo de abordagem dos sujeitos da pesquisa para a obtenção do TCLE (ou plano de recrutamento):

Por meio do contato do pesquisador com a diretora do colégio Alpha de Varginha-MG, via whatsapp, os voluntários desta pesquisa foram encontrados e serão apresentados ao pesquisador, em um ambiente online para a apresentação da proposta da pesquisa. Dessa forma, o pesquisador, em posse do TCLE, irá entrar em contato com os estudantes na escola citada acima. Esses serão abordados, de forma remota, esclarecidos sobre o que se trata a pesquisa e convidados a contribuir com o estudo. Posteriormente, será repassado o termo de consentimento – que devido ao momento de pandemia que vivemos, será enviado por email – para que a/o responsável legal autorize a participação voluntária de cada estudante convidado.

3) Justificativa para participação de grupos vulneráveis:

O grupo selecionado para esta pesquisa compõe-se por estudantes que estão em idade escolar básica e no pré-vestibular, preparando-se para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Não se mostra possível encontrar estudantes em maioridade que se enquadrem nas características necessárias para a contribuição na pesquisa dentro do colégio, mesmo no pré-vestibular, contexto no qual a maioria dos alunos são oriundos da rede pública e fazem cursinho concomitantemente com o ensino médio.

#### 4) Critérios de Inclusão e Critérios de Exclusão:

Critérios de inclusão: Estudantes da Educação Básica e do pré-vestibular do colégio Alpha e que estejam se preparando para o Enem.

Critérios de Exclusão: Estudantes da Educação Básica da referida escola que não estão no terceiro ano do ensino médio e nem no pré-vestibular.

#### 5) Análise crítica de desconfortos e riscos.

Ainda que a pesquisa apresente baixo risco para as participantes, ela não se mostra de maneira isenta. Dessa forma, os riscos serão de princípio emocional e psicológico, como a possibilidade de desconforto ao responder ao questionário, vergonha e medo da quebra do sigilo.

#### 6) Benefícios.

De maneira geral, os benefícios que os participantes terão por participar da pesquisa não irão se manifestar em curto prazo. A longo prazo, a partir da participação na pesquisa, poderão compreender o caminho que a prática estudada contribuiu para sua formação pessoal e cotidiana e de como refletir sobre o uso da internet como um mecanismo auxiliar no processo de aprendizado.

#### 7) Descrição das medidas para proteção ou minimização dos desconfortos e riscos previsíveis.

As medidas de proteção dos desconfortos e possíveis riscos se mostram na medida em que os participantes voluntários podem abandonar ou se isentar de responder qualquer questionamento em qualquer momento, zelando assim pela sua condição emocional e psicológica.

#### 8) Descrição das medidas de monitoramento da coleta de dados e proteção à confidencialidade.

Os dados serão coletados a partir de entrevistas, questionários e anotações em diário de campo, tudo isso de forma online. As informações serão mantidas em sigilo e, em nenhum momento, o nome dos voluntários será revelado, tratando-os anonimamente no momento da divulgação da pesquisa, preservando a identidade de cada um.

#### 9) Previsão de ressarcimento de gastos. Citar se os indivíduos terão ou não gastos com a participação na pesquisa.

A pesquisa não gerará gastos para os participantes.

10) Apresentar previsão de indenização e/ou reparação de danos.

A reparação dos possíveis danos será apresentada a partir da decisão de não continuar com a pesquisa, visto que essa não apresenta risco de grande porte para os voluntários.

11) Critérios para suspender ou encerrar a pesquisa.

A pesquisa será suspensa a partir do momento em que não atingir o número necessário para coleta de dados e será encerrada ao atingir o número de entrevistas previstas, em torno de 30 a 35 participantes.

## 8.4 ANEXO D

### REQUERIMENTO

Solicito à Diretoria autorização para utilizar as turmas do Colégio Alpha em Varginha, Minas Gerais, para coleta de dados com seres humanos. A pesquisa e o contato com os pesquisados serão feitos por meio exclusivamente digital, não havendo nenhum encontro físico.

Os dados serão utilizados no projeto : A EXPANSÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: UM ESTUDO NETNOGRÁFICO do pesquisador Rafael Silva para conclusão da dissertação.

Os voluntários serão estudantes e serão abordados na referida escola no período de 15 a 30 de outubro Sua participação será voluntária mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os voluntários poderão optar por não participar ou desistir em qualquer momento sem qualquer prejuízo.

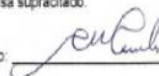
Varginha, 28 de setembro de 2020.

ASSINATURA DO SOLICITANTE

A Diretoria autoriza a utilização das dependências da Colégio Alpha para coleta de dados do projeto de pesquisa supracitado.

Assinatura e carimbo:

Diretoria da escola



**Cristiane Maria da Cunha Arci**  
Diretora Colégio Alpha  
Nº Aut. 818558 - 41ª SRE  
Varginha - MG

Obs.: A assinatura deste termo não implica em autorização para coleta de dados. Este deverá ser encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos-COEP como parte dos documentos a serem avaliados. O início da coleta de dados depende da aprovação do COEPI/FLA.

## 8.5 ANEXO E

### A EXPANSÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: UM ESTUDO NETNOGRÁFICO

**Aluno:** Rafael Silva

**Orientador:** prof. Cláudio Lúcio Mendes

Mestrando em Educação – UFLA; Professor da Universidade Federal de Lavras

#### 1- Desenho

A pesquisa será realizada em caráter qualitativo e terá como caminho metodológico o uso da netnografia, sendo exclusivamente digital. Os sujeitos da pesquisa serão alunos do terceiro ano do ensino médio e do pré-vestibular do Colégio Alpha de Varginha, sendo um total de 35 estudantes. Utilizaremos entrevistas online, que serão transcritas manualmente, questionários na plataforma Google Forms e as anotações obtidas pelo diário de campo. Analisaremos todos os dados obtidos de forma conjunta para nos ajudar a garantir o máximo de fidedignidade das informações para pesquisa.

#### 2- Resumo

Vivemos em um mundo onde a conectividade tornou-se necessária para uma convivência na esfera das aldeias globais. Essa necessidade, para o adulto de hoje, é voltada para relações de trabalho e a busca de novas oportunidades para se relacionar com o resto do mundo. Para os mais jovens, a conectividade e, principalmente, o uso de tecnologias, pode ser voltado com mais afinidade e ser mais que um complemento do dia a dia. A tecnologia, aliada à alta conectividade, transformou-se em uma importante ferramenta de uso diário e de várias aplicações auxiliares para o cotidiano.

Os jovens de hoje recebem uma grande carga de informação e conhecimento por meio, principalmente, dos smartphones. A rapidez e a agilidade da troca de informação auxiliam esses jovens a mergulharem no mundo globalizado. Nesse universo, os mais jovens – supostamente mais adaptados ao mundo virtual, levando em consideração a sua familiaridade com os aparatos tecnológicos e suas condições de acesso a tais tecnologias – são mais atingidos por essa atmosfera virtual. Jogos virtuais, redes sociais, trocas rápidas de mensagens de vídeo e de texto

permitem uma interação muito maior dessas pessoas, do que no próprio ambiente de sala de aula. Isso pode significar que os estudantes não estão em mesma sintonia com o ambiente de ensino aprendizagem em que são colocados.

Como vemos a escola nos dias de hoje? Como os alunos podem ver a escola nos dias de hoje? Com essas perguntas nos deparamos com questionamentos comuns para a sociedade atual em relação ao ambiente estudantil. Esse ambiente, sendo a parte física composta por prédios, salas de aula, quadros e também pela parte teórica e a concepção do saber dos conteúdos a serem trabalhados no currículo escolar de formação dos segmentos específicos. Tendo como foco as gerações que herdarão o mundo, a nossa proposta se justifica ao pensarmos como os estudantes utilizam as tecnologias digitais para expandirem o currículo escolar para além das paredes da escola. Como consequência, como isso pode ser utilizado pelos professores para um processo mais potente de ensino e aprendizagem?

### 3- Introdução

A contemporaneidade nos traz uma relação muito próxima dos seres humanos com os artefatos tecnológicos e, a partir dessas relações, novas possibilidades surgem em um horizonte próximo. Cada vez mais a humanidade está conectada não apenas aos artefatos tecnológicos, mas também em redes virtuais, sejam elas profissionais, pessoais ou de lazer.

Observando o aprofundamento das relações humanas sendo, em seus devidos contextos, mediado por tecnologias de informação e comunicação, o mundo virtual nos brinda com funcionalidades semelhantes que temos no mundo real. Essa cibercultura tem a capacidade de abranger, produzir, reproduzir e transformar o conhecimento humano. Sendo assim, podemos entender que o aumento das interações humano-máquina tende ao aprofundamento e o desenvolvimento das relações na cibercultura.

Não podemos esquecer de tudo está disponível na cibercultura é fruto da interação direta dos seres humanos no ciberespaço. Dessa forma, esse universo virtual possui a presença humana como garantia para alimentação dos conteúdos utilizados por outros seres humanos. Esses conteúdos estão acessíveis para qualquer um que tenha algum artefato tecnológico à sua disposição.

Ao pensarmos sobre o aumento da disponibilidade desses artefatos tecnológicos para a sociedade, devido ao barateamento dos equipamentos, a acessibilidade e a expansão da internet, notamos que várias faixas etárias possuem e fazem utilização dos mesmos diariamente. Nos

dias de hoje é uma imagem muito comum os jovens usarem celulares como a principal ferramenta para comunicação e pesquisa. E, em muitos casos, utilizam também nas escolas, dentro de suas paredes.

É inegável a presença do mundo virtual na vida dos jovens de hoje. As redes sociais tomam conta de grande parte de seu convívio em comunidades de diferentes tipos. Os jogos virtuais tornam a forma mais comum de lazer e entretenimento entre eles. As buscas em sites especializados formam a rede de abastecimento de pesquisa e possível obtenção de conhecimento.

#### 4- Hipótese

Temos a hipótese de que os estudantes, inseridos em contextos ciberculturais, empregam artefatos tecnológicos para entender e participar do currículo escolar, aprofundando e expandindo os conhecimentos obtidos dentro da escola.

#### 5- Objetivos

Diante do entendimento da relação constante que os estudantes possuem com os artefatos tecnológicos, temos como objetivos:

- Entender os processos educacionais ligados à aprendizagem escolar, no contexto da cibercultura, buscando entender como o alunado de hoje pode se apropriar das ferramentas digitais e da internet para aprender.
- Apontar os possíveis usos de processos ciberculturais para a educação.
- Entender como um grupo específico de alunos entendem e fazem uso de ferramentas digitais para aprender em seu cotidiano fora da escola.
- Criar questionários e espaços virtuais para analisar tais grupos.
- Demonstrar os resultados da pesquisa, pelos dados analisados.

#### 6- Metodologia

Ao pensar que esses estudantes utilizam a internet através de seus artefatos tecnológicos para diversos fins e sabendo da proximidade com o ambiente escolar, propomos desenvolver um estudo que possibilite descrever as formas pelas quais esses estudantes utilizam, ou não,

essa tecnologia para aprofundar o saber fora dos muros das escolas. Dessa forma, pensamos na utilização de uma metodologia capaz em nos dar diretrizes, formas de coletas de dados, processos e procedimentos éticos e como analisar os dados coletados. Para isso, essa metodologia deve-se fazer da utilização do universo virtual. Escolhemos então netnografia como a forma mais adequada e capaz de nos auxiliar no entendimento dessas comunidades escolares juntamente com seus sujeitos.

A utilização da netnografia, que bebe nas mesmas fontes da etnografia, não se limita a espaços geográficos fisicamente restritos. O seu foco está em como determinados sujeitos interagem e se interrelacionam utilizando a cibercultura. A netnografia permite que os registros dos acontecimentos estudados sejam feitos na mesma hora, pois o acompanhamento está sendo feito direto e online e com a utilização dos artefatos tecnológicos, sendo possível o salvamento de forma imediata das telas ou mensagens, e até mesmo imagens, que foram produzidas por aquele contexto. (KOZINETS, 2014). Apesar dessa facilidade, o uso dessa metodologia não possibilita (na verdade não é obrigatório) o contato direto entre o pesquisador e os pesquisados. Dessa forma, o pesquisador não coleta informações de maneira presencial (sons emitidos pelos indivíduos, gestos e outras particularidades do ser), como acontece na etnografia.

Para coleta dos dados utilizaremos três ferramentas que são usados também pelos processos de etnografia. A primeira ferramenta escolhida é o diário de campo, na qual basicamente o pesquisador registra todo o passo a passo de sua pesquisa, suas observações e seus questionamentos, podendo fazer análises prévias das observações já capturadas. Além disso, ele é uma ferramenta de diálogo constante entre o pesquisador, os objetos analisados e os sujeitos e a composição étnica da pesquisa. Como nossa pesquisa atua no universo online, o diário de campo será feito em artefatos tecnológicos ligados em rede para ter a rápida captação os dados necessários para pesquisa.

Outra forma de coleta de dados é o questionário online. Sua capacidade de ação e a quantidade de dados que podem fornecer, torna o questionário uma das principais ferramentas da netnografia. Tendo uma grande abrangência de participantes sem restrições físicas e geográficas, além de que muitas ferramentas que auxiliam a confecção desses questionários, eles podem produzir resultados estatísticos para coleta dos dados de maneira mais imediata. (KOZINETS, 2014)

A última ferramenta escolhida para fonte de coleta de dados foi à entrevista netnográfica, que nada mais é que uma entrevista feita online. As entrevistas nos dão uma maior profundidade em relação ao sujeito pesquisado e as formas em que interage com a



comunidade ou a subir comunidade. (KOZINETTS, 2014). Além disso, conseguimos compreender de forma mais completa os mecanismos pelos quais esses sujeitos utilizam a internet como fonte de saber fora do ambiente escolar.

A bibliografia nos dará um aporte teórico para entender como a cibercultura e a educação se articulam e a metodologia nos mostrará o caminho que os estudantes estão seguindo. Após a aprovação pelo comitê de ética, iniciaremos a coleta de dados através das ferramentas já mencionadas. Em sequência, analisaremos os dados obtidos e iniciaremos a demonstração dos resultados da pesquisa.

#### 7- Critérios de inclusão

Para a participação da pesquisa é necessário que os estudantes estejam cursando o terceiro ano do ensino médio e o pré-vestibular na instituição de pesquisa.

#### 8- Riscos

A pesquisa ainda que apresente baixo risco para os participantes, ela não se mostra de maneira isenta. Dessa forma, os riscos serão de princípio emocional e psicológica, como a possibilidade de desconforto ao responder ao questionário, vergonha e medo da quebra do sigilo.

#### 9- Benefícios

De maneira geral, os benefícios que os participantes terão por participar da pesquisa não irão se manifestar em curto prazo. A longo prazo poderão, a partir da participação na pesquisa, compreender a importância que o mundo digital passa a ter para a absorção e aprofundamento do conhecimento.

#### 10- Análise de Dados

A análise de dados acontecerá após a captura de todas as informações obtidas nos processos online. Cruzaremos as informações das entrevistas, dos questionários e as anotações

do diário de campo para produzir uma análise fidedigna com o que foi proposto. Essa triangulação de dados nos dará as respostas da nossa hipótese.

#### 11- Desfecho primário

O resultado dessa pesquisa nos mostrará a forma com que os estudantes utilizam a internet e como a veem como auxiliar, ou não, aos seus estudos. Além disso, a utilização da netnografia como ferramenta metodológica no campo escolar, um campo novo para essa escolha metodológica, possa auxiliar mais pesquisadores a caminharem no universo da pesquisa online.

#### 12- Tamanho da amostra.

Para a coleta de dados, esperamos ter no mínimo 35 estudantes envolvidos, sendo 26 do ensino médio e o restante do pré-vestibular. Como os dados serão coletados online, não haverá de perda de nenhum detalhe, ou seja, podemos trabalhar com toda a amostra de uma vez.

#### 13- Cronograma

Captura de dados: 30 outubro a 15 de novembro.

Análise dos dados coletados: 16 de novembro a 31 de dezembro.

Divulgação dos resultados: 01 de janeiro a 31 de janeiro.

#### 14- Orçamento

O financiamento dessa pesquisa será realizado pelo próprio pesquisador. Como a nossa pesquisa é de caráter online, os únicos gastos serão com cópias dos termos éticos para os estudantes, responsáveis e para a escola. Totalizando um gasto de R\$ 20,00.

## 8.6 ANEXO F

### Questionário Netnográfico

A EXPANSÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA:  
UM ESTUDO NETNOGRÁFICO

**Aluno:** Rafael Silva

**Orientador:** prof. Cláudio Lúcio Mendes

Mestrando em Educação – UFLA; Professor da Universidade Federal de Lavras

**Identificação do alunado**

1- Idade:

- a) 16 anos ou menos
- b) 17 anos
- c) 18 anos
- d) 19 anos
- e) 20 anos ou mais

2- Renda familiar:

- a) Até 2 salários mínimos
- b) De 2 a 5 salários mínimos
- c) De 5 a 10 salários mínimos
- d) De 10 a 20 salários mínimos
- e) Acima de 20 salários mínimos

3- Como você realizou o seu ensino fundamental:

- a) Rede municipal
- b) Rede estadual
- c) Ensino privado
- d) Parte em ensino público e parte no privado

4- Sexo:

- a) Masculino
- b) Feminino
- c) Não quer se identificar

5- De acordo com a categoria usada pelo IBGE, quanto à cor da pele e/ou etnia, você se considera:

- a) Negro (a) /preto (a)
- b) Branco (a)

- c) Amarelo (a)
- d) Pardo (a)
- e) Indígena ou quilombola
- f) Não quer declarar

6- Em relação a conexão de internet, em sua residência ela é feita por:

- a) Fibra ótica
- b) Rádio
- c) Linha telefônica (ex: vélox)
- d) Dados móveis

7- A capacidade de transmissão da internet, em sua residência, suporta a utilização ao mesmo tempo de todos os membros de sua família?

- a) Sim
- b) Não
- c) Parcialmente

8- Qual a velocidade contratada da internet em sua residência?

\_\_\_\_\_

### **Como o alunado usa as ferramentas digitais?**

As questões de 9 até 13 pertencem a essa categoria.

9- Em sua residência existem quantos dispositivos digitais (celulares, computadores, tablets, kindle etc.)?

- a) Até 2
- b) Até 3
- c) Até 4
- d) Até 5
- e) Até 6
- f) Mais de 6

10- Por qual, ou quais, dispositivos digitais você tem acesso à Internet em sua residência? Você pode marcar mais de uma opção se houver.

- a) Celular
- b) Computador

- c) Tablets
- d) Kindle
- e) Outros: \_\_\_\_\_

11- Quanto tempo, em média, você passa navegando na internet por dia?

- a. Até 1 hora
- b. Até 2 horas
- c. Até 3 horas
- d. Até 4 horas
- e. Até 5 horas
- f. Mais que 5 horas

12- No seu tempo de lazer, você utiliza mais frequentemente a internet para acessar:

- a. Séries/filmes
- b. Jogos
- c. Notícias
- d. Redes sociais
- e. Nenhum
- f. Outros: \_\_\_\_\_

13- Quando está estudando, você utiliza:

- a. Youtube
- b. Plataformas de exercícios
- c. Vídeo aulas
- d. Vídeo chamadas
- e. Plataforma online da escola/sistema de ensino
- f. Nenhuma
- g. Outra: \_\_\_\_\_

### **Como o alunado usa e vê as ferramentas digitais empregadas/disponibilizadas pela escola?**

As questões 14 até 18 pertencem a essa categoria.

14- As ferramentas digitais ofertadas pela instituição de ensino colaboram com o seu aprendizado?

- a) Colaboram bastante

- b) Colaboram parcialmente
  - c) Colaboram muito pouco
  - d) Não colaboram
- 15- É possível acessar essas ferramentas digitais com facilidade dentro do ambiente escolar?
- a) Sim
  - b) Não
  - c) Parcialmente
- 16- As ferramentas digitais ofertadas são de fácil acesso?
- a) Sim
  - b) Não
  - c) Parcialmente
- 17- As ferramentas digitais possibilitam uma rápida interação entre seus membros online (os professores, os outros alunos e a coordenação)?
- a) Sim
  - b) Não
  - c) Parcialmente
- 18- Você considera que as ferramentas digitais ofertadas pela instituição são bem empregadas para o ensino?
- a) Muito bem empregadas
  - b) São bem empregadas
  - c) São parcialmente empregadas
  - d) São empregadas de forma insuficiente
  - e) Não são bem empregadas

**Como o alunado vê o emprego das tecnologias digitais pelos docentes?**

- 19- Como você percebe o domínio das tecnologias digitais (computadores, celulares, facilidade na oferta de conteúdos online) pelos seus professores?
- a) Todos possuem (100%)
  - b) Uma parcela acima de 75%
  - c) Uma parcela entre 50% a 57%
  - d) Uma parcela entre 25% a 50%

- e) Uma parcela abaixo de 25%
  - f) Nenhum professor possui domínio
- 20- Em relação às ferramentas digitais ofertadas pela instituição de ensino, seus professores:
- a) Utilizam de forma plena e sem dificuldades
  - b) Conseguem utilizar, mas com alguma dificuldade
  - c) Possuem muita dificuldade no uso
  - d) Não conseguem utilizar
- 21- Você percebe preparo do corpo docente para a utilização dessas ferramentas?
- a) Todos estão preparados (100%)
  - b) Uma parcela acima 75% está preparada
  - c) Uma parcela entre 50% a 57% está preparada
  - d) Uma parcela entre 25% a 50% está preparada
  - e) Uma parcela abaixo de 25% está preparada
  - f) Considero todos despreparados
- 22- Dentro das ferramentas digitais, os professores interagem de forma rápida com os alunos?
- a) Todos interagem rapidamente (100%)
  - b) Uma parcela acima 75% interage rapidamente
  - c) Uma parcela entre 50% a 57% interage rapidamente
  - d) Uma parcela entre 25% a 50% interage rapidamente
  - e) Uma parcela abaixo de 25% interage rapidamente
  - f) Não há interação
- 23- O conteúdo publicado pelos professores (atividades, resoluções, vídeos, materiais de aula) via ferramentas digitais atendem as suas necessidades?
- a) Totalmente
  - b) Parcialmente
  - c) Insatisfatório

**Como os responsáveis interpretam o uso das ferramentas, o trabalho do professor e o trabalho da escola com as tecnologias digitais? (Se o responsável acompanha o processo).**

As questões 24 até a 28 pertencem a essa categoria.

24- Seus pais ou responsáveis consideram o uso das ferramentas digitais como:

- a) Necessárias
- b) Indiferentes
- c) Desnecessárias

25- Seus pais têm conhecimento ou prática no uso dessas ferramentas digitais?

- a) Sim
- b) Não
- c) Parcialmente

26- Como seus pais consideram o trabalho do professor com as ferramentas digitais?

- a) Necessário com a participação direta do professor
- b) Necessário com a participação indireta do professor
- c) O uso das ferramentas digitais desqualifica o professor
- d) É desnecessário o uso das ferramentas digitais pelo professor

27- Na avaliação de seus pais, a instituição prioriza ferramentas digitais adequadas para o ensino?

- a) Sim
- b) Não
- c) Parcialmente

28- Seus pais acompanham o seu processo de aprendizado nas plataformas digitais?

- a) Sim
- b) Não
- c) Parcialmente

## 8.7 ANEXO G



Entrevista nos Grupos Focais.

Apresentação:

Como disse anteriormente, esse grupo foi formado com o intuito de contribuir para a pesquisa que compõe a minha dissertação de mestrado que estou em curso no departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras.

Sou pesquisador na área de educação e tecnologia, e o intuito da pesquisa é entender, dentro do contexto que estamos, de pandemia e virtualização do ensino, como a há o encontro de vocês, alunos e alunas, com a tecnologia oferecida, juntamente com a escola, professores e professoras e os seus responsáveis. Tudo que será comunicado aqui será salvo, porém, temos um grau de confiabilidade e impessoalidade. Nada sairá com nomes e/número de algum de vocês. Tem toda liberdade para se expressar da forma que desejarem. Reiterando: O que falarem aqui, será somente usado para a pesquisa, e não será divulgado para nenhum outro órgão. Antes de começarmos, é necessária uma pequena apresentação de cada um. Se for possível, nome, cidade, idade e escolaridade.

Questões que foram propostas para o debate e interação dos membros do grupo focal.

- 1) Como foi a experiência de uma educação online em tempos de pandemia, comparando o que vivenciaram antes?
- 2) Como será a escola daqui para frente (será que ela será a mesma coisa? O que acham que acontecerá com ela?)
- 3) Como ficará a função de professor? Qual o seu futuro? Ele poderá ser substituído pela máquina? Por quê?
- 4) Com o ensino online, os pais devem prestar mais ou menos atenção à educação dos filhos? Por quê?
- 5) Como vocês percebem o ensino denominado como Híbrido? É eficaz ou ineficaz? O emprego dele é feito de forma adequada, na opinião de vocês?

Muito obrigado a todos e a todas. Com isso encerramos a entrevista. Novamente deixo claro que todas as informações só serão usadas na pesquisa. Espero que tenham todos e todas uma boa tarde, e desculpe por tomar o tempo. Consegui informações valiosas para o estudo. Um grande abraço e meu muito obrigado pela ajuda.